



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUA ESTRANGEIRA

ANACI LOBÃO BASTOS

LE ROI SE MEURT
UMA TRADUÇÃO DE EUGÈNE IONESCO

Salvador

2017

ANACI LOBÃO BASTOS

LE ROI SE MEURT
UMA TRADUÇÃO DE EUGÈNE IONESCO

Trabalho apresentado ao Colegiado de Língua Estrangeira do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Língua Estrangeira - Francês.

Orientador: Prof. Fabrice F. Galvez

Salvador
2017

ANACI LOBÃO BASTOS

LE ROI SE MEURT: UMA TRADUÇÃO DE EUGÈNE IONESCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para
obtenção de Grau de Bacharel em Língua Estrangeira – Francês

BANCA EXAMINADORA

Fabrice F. Galvez, Ms.

(Orientador – Universidade Federal da Bahia)

Ana Maria Bicalho, Titulação Dr^a.

(Examinadora – Universidade Federal da Bahia)

Tatiana Arze Fantinatti Cavalcanti, Dr^a.

(Examinadora – Universidade Federal da Bahia)

Salvador, 12 de setembro de 2017

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Bahia pela oportunidade.

Ao meu orientador Fabrice F. Galvez pela confiança.

À Prof^a. Ana Bicalho pela introdução no mundo da tradução.

À Prof^a Norma Suely pela força.

Aos participantes da banca examinadora.

A todos professores e colegas que de forma direta ou indireta participaram da minha formação.

Agradeço especialmente a minha mãe Yvette pela sua longa existência que tanto tem me ensinado e, como complemento deste ensinamento, agradeço também a minha filha Isabella e ao meu neto Bento, provas de que a vida continua seu fluxo inexorável.

RESUMO

O presente trabalho é uma tradução da peça de Eugène Ionesco, *Le Roi se Meurt*, do francês para o português falado no Brasil. A tradução é precedida por uma introdução com alguns comentários sobre o autor e a peça. As escolhas feitas durante o processo tradutório, nos levam a pensar sobre qual o melhor caminho a seguir e qual o verdadeiro papel do tradutor. As várias teorias serviram como norteadoras do trabalho, mas a intenção foi deixar o leitor mais próximo do autor.

Palavras-chave: Tradução, Ionesco, Teatro do Absurdo.

RÉSUMÉ

Ce travail est une traduction de la pièce *Le roi se Meurt* d'Eugène Ionesco du français vers le portugais du Brésil. La traduction est précédée en introduction de quelques éclaircissements à propos de la pièce et de l'auteur. Les choix faits pendant le processus de traduction nous poussent à réfléchir à la voie à suivre pendant la traduction et nous conduisent à nous interroger sur la question du rôle réel du traducteur. Plusieurs théories ont servi à guider notre travail, l'intention en a toutefois été de produire une traduction qui maintînt le lecteur au plus proche du texte source.

Mots clés: Traduction, Ionesco, Théâtre de l'absurde.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 APRESENTAÇÃO	7
1.2 O AUTOR E A PEÇA	8
1.3 ENSINAMENTOS COM ESTA EXPERIÊNCIA	9
2 A TRADUÇÃO	11
REFERÊNCIAS	97
ANEXO - LE ROI SE MEURT - EUGÈNE IONESCO	98

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como finalidade traduzir a peça de teatro "*Le Roi se Meurt*"¹, de Eugène Ionesco, do francês para o português brasileiro.

O interesse pela tradução vem da necessidade de tornar compreensível em uma língua ou cultura o material escrito em outra língua. Para alguns autores, como Bertrand Russel (apud Jakobson, 2003, p.78), não podemos compreender uma palavra se não temos uma experiência não linguística prévia. Por isso o tradutor tem o papel de conduzir o leitor e fazê-lo compreender os significados linguísticos que foram escritos em uma língua diferente da que ele conhece.

A escolha do texto se deu por alguns motivos: em primeiro por se tratar de uma peça teatral, e por não haver uma tradução da mesma para o português do Brasil; em segundo lugar, pelo autor e pela maneira inusitada como ele retrata as questões humanas em suas peças; em terceiro lugar pelo tema que trata de um assunto que, embora tão presente no nosso cotidiano, temos dificuldades em lidar com ele: a morte.

A tradução de uma peça teatral tem natureza própria como o grande número de diálogos e as marcações cênicas. "*Le Roi se Meurt*" é uma peça com características do Teatro do Absurdo, esta espécie de teatro surgiu em um período pós Segunda Guerra Mundial, quando o homem questionava a própria existência, devido as consequências devastadoras trazidas por essa batalha. O Teatro do Absurdo é um movimento artístico-cultural que surgiu na Europa sob a influência de um movimento filosófico e literário denominado existencialismo, que colocava em cheque a forma de representação teatral existente à época. Caracterizando-se por uma ruptura com os gêneros tradicionais, como a comédia e a tragédia, o Teatro do Absurdo apresenta uma abordagem mais psicológica da sociedade, da natureza humana e dos aspectos insólitos da vida em que os autores tentam compartilhar através de um enredo, um diálogo, muitas vezes, não muito fácil. Um dos maiores representantes do Teatro do Absurdo foi o dramaturgo Eugène Ionesco.

Sobre uma questão que intriga: O que é de fato traduzir? A ideia inicial foi reproduzir de forma acessível, no português brasileiro, um pouco de Ionesco ao

¹ Le roi se meurt" peça francesa cuja tradução feita por mim é " O rei está morrendo".

escrever “*Le Roi se Meurt*”. Este trabalho não pretende discutir as teorias da tradução. Diante de tantos estudos existentes na nessa área, fica difícil não seguir por esse ou aquele caminho. Por essa razão o meu passeio pelas teorias se aproxima de Schleiermacher, na tentativa de levar o leitor até o autor. Segundo Schleiermacher, a tradução tem que ser simples para que possa atingir o máximo de pessoas que queira conhecer a obra estrangeira. Ele define dois tipos de tradução: a que leva o autor até o leitor e a que leva leitor até o autor (Milton, 2010). Venuti, um outro teórico da tradução, retoma a teoria de Schleiermacher, esse último refletia sobre o tradutor como pessoa responsável por apresentar o autor ao leitor. Venuti denomina de estrangeirização o processo de Schleiermacher de levar o leitor até o autor, e domesticação o de levar o autor até o seu leitor.

1.2 O AUTOR E A PEÇA

Eugène Ionesco foi um dramaturgo do século XX, nascido na Romênia e teve a sua infância dividida entre seu país natal e a França. Formou-se em Bucareste e posteriormente ganhou uma bolsa para estudar literatura francesa em Paris. Estabeleceu-se na França e lá começou a escrever, tornando-se um dos maiores escritores do Teatro do Absurdo. Vale ressaltar que Eugène Ionesco foi um dos mais importantes teatrólogos do século XX, sempre interessado nas questões do ser humano. Em sua longa vida ele escreveu mais de 20 peças de teatro assim como vários ensaios, diálogos e novelas.

O tema morte sempre foi uma constante nos pensamentos de Eugène Ionesco. “Eu sempre fui obcecado pela morte. A morte, é a condição inadmissível da existência.” (Ionesco,1963). Em *Le Roi se Meurt*, Ionesco parece exorcizar a angústia de morte presente em sua vida. Para o autor, o teatro não é apenas um diálogo entre atores, mas uma forma de expor sentimentos como solidão, medo e indiferença através da fala dos seus personagens. (Ionesco,1963). Apesar de escrita um pouco após o período do absurdo, esta peça se inclui neste tipo de teatro pela maneira como a morte é tratada e pelos diálogos, muitas vezes, inusitados.

O Teatro do Absurdo, em geral, projeta o mundo pessoal do autor. Ionesco criou um personagem chamado Bérenger, presente em algumas de suas peças. Para

Ionesco, Bérenger representa o homem e seus conflitos. A presença constante deste personagem ficou conhecida como o “ciclo de Bérenger” (HISCOTT,1972).

Em Le Roi se Meurt, Ionesco retrata a problemática da insignificância e temporalidade da vida humana. Ela é uma peça trágica e cômica que mostra a morte de um rei e do seu reino. Bérenger é um rei e, com isso, carrega os atributos típicos da realeza como o cetro, o manto e um reino. O monarca está no poder há séculos e não se dá conta de que o tempo passou e que ele também terá que morrer. No decorrer da peça, o rei Bérenger percebe que chegou a sua hora e com o avanço da agonia começa a perder todos os seus poderes que, para o autor, simbolizam a perda do poder sobre sua própria vida. No texto vemos o processo de negação da morte por parte do rei, depois a aceitação e a entrega total que ocorre no final da peça. Em *Le Roi se Meurt*, Ionesco mostra que assim como o rei Bérenger que não quer morrer, nós não estamos preparados para enfrentar o nosso próprio fim.

Os nomes próprios dos personagens foram mantidos em francês. O rei Bérenger 1º representa o ser humano, centro do seu próprio universo, por isso à medida que o rei morre o seu mundo particular morre junto com ele (IONESCO,1963). As rainhas suas esposas, segundo o autor, representam a dualidade: a vida e a morte. Marguerite, representa a morte assim como a lucidez e a aceitação, é quem o conduz até o final. Marie, sua segunda esposa e a mais jovem simboliza a vida. O médico significa a consciência coletiva e objetiva. Juliette é o povo. O reino deteriorado representa o fim do personagem e do seu reino.

Os atores da peça foram Jaques Mauclair como o rei Bérenger, Tsilla Chelton como a rainha Marguerite, Reine Courtois como a rainha Marie, Marcel Cuvelier como o médico, Rosette Zuchelli representou Juliette e Marcel Champel, o guarda. As palavras Médico e Guarda estão propositalmente em letras maiúscula, pelo fato dos personagens não possuírem um nome próprio na peça.

1.3 ENSINAMENTOS COM ESTA EXPERIÊNCIA

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou o estudo de algumas teorias de tradução e uma reflexão sobre que direcionamento tomar ao se traduzir uma obra

literária. As dificuldades encontradas nos permitem ver que é quase impossível não se questionar sobre o que é de fato traduzir e sobre qual é o papel do tradutor.

O primeiro passo foi ler as teorias existentes. Depois veio a tradução da peça onde verifica-se que o tradutor faz o papel, como dizia Schleiermacher, de apresentador do texto fonte ao texto alvo. Quanto ao processo de estrangeirização e domesticação de Lawrence Venuti, parece-me difícil escolher apenas uma direção, pode-se dizer que a prática ideal é uma mistura das duas opções ora estrangeirizando, ora domesticando.

De maneira geral, há vários pensamentos a serem seguidos e, durante o processo tradutório, observa-se as idas e vindas pelas teorias existentes procurando qual delas se encaixa na tradução que está sendo feita. Ao contrário do que se pode imaginar, não escolhemos a teoria e fazemos a tradução, o texto parece escolher em qual das teorias ele se encaixa melhor, guiando assim o tradutor-apresentador.

Embora *Le Roi se Meurt* seja uma peça com um certo conteúdo psicológico, e que, aparentemente, possua uma linguagem que é de fácil entendimento, traduzir nunca será uma tarefa tão fácil assim, devido a todos os processos que uma tradução envolve como, por exemplo, o conhecimento das duas línguas, pesquisas, etc. No final, a despeito dos vários estudos feitos, constata-se que a prática pode nos levar por caminhos diferentes dos previstos no início da tradução.

Por último podemos dizer que, apesar de muitos antigos teóricos não terem sido questionados por seus contemporâneos, atualmente, mesmo que a concordância não seja geral, observa-se que é difícil seguir um único caminho ao se traduzir uma obra literária. Esta rota multidirecional além de permitir uma maior flexibilidade ao tradutor, dando-lhe, talvez, a sensação de estar em uma certa zona de conforto, também impede o engessamento da obra nesse universo da tradução onde as fronteiras são tão permeáveis

2 A TRADUÇÃO

Personagens

Bérenger 1º - o rei

A rainha Marguerite – primeira esposa do rei

A rainha Marie – segunda esposa do rei

O Médico – cirurgião, carrasco, bacteriologista e astrólogo

Juliette – empregada e enfermeira

O Guarda – guarda real

Esta peça estreou no dia 15 de dezembro de 1962 no Teatro da Aliança Francesa em Paris. A direção foi de Jacques Mauclair, decoração e vestuário de Jacques Noël, música de George Delerue.

O Rei está morrendo

Cenário

Sala do trono, levemente deteriorada, em estilo ligeiramente gótico. No meio do palco, contra um muro ao fundo, alguns degraus levam ao trono do rei. Em ambos os lados, na parte dianteira, dois tronos menores que são das duas rainhas, suas esposas.

À direita do palco, do lado do jardim, ao fundo, uma pequena porta que leva aos aposentos do rei. À esquerda do palco, ao fundo, uma pequena porta. Ainda à esquerda, na parte da frente, uma grande porta. Entre esta porta grande e a pequena, uma janela ogival. Outra pequena janela à direita do palco; pequena porta na dianteira do palco, do mesmo lado. Perto da porta grande, um velho Guarda real segurando uma lança

Antes de a cortina subir, enquanto ela está subindo e ainda durante alguns minutos, escutamos um som que imita ridiculamente uma música da realeza, lembrando um pouco a Ascensão do Rei do século dezessete.

O Guarda, *anunciando*:

- Sua Majestade, o rei Bérenger 1º. Viva o Rei!

O Rei com passos rápidos, manto púrpura, coroa na cabeça e cetro na mão, atravessa o palco entrando pela pequena porta à esquerda e saindo pela porta à direita, ao fundo.

O Guarda, *anunciando*:

- Sua Majestade, a rainha Marguerite, primeira esposa do rei, seguida de Juliette, empregada e enfermeira dos reis. Viva a Rainha!

O Guarda, *anunciando*:

- Sua Majestade, a rainha Marie, segunda esposa do rei, primeira no seu coração, seguida de Juliette, empregada e enfermeira dos reis. Viva a Rainha!

A rainha Marie, seguida de Juliette, entra pela porta grande à esquerda e sai com Juliette pela porta à direita, à frente do palco. Marie aparenta ser mais atraente e vaidosa que Marguerite. Ela usa a coroa e um manto púrpura e, além disso, joias. Pela porta do fundo, à esquerda, entra o Médico.

O Guarda, *anunciando*:

- Sua sumidade, o senhor médico do Rei, cirurgião, bacteriologista, seu algoz e astrólogo da Corte. *(O Médico se move até o centro do palco e, como se houvesse esquecido alguma coisa, retorna, e sai pela porta por onde entrou. O Guarda permanece em silêncio por alguns instantes. O Guarda parece cansado, encosta sua lança na parede, sopra nas mãos para aquecê-las.)* No entanto, é um momento que deveria estar quente. Calefação, acenda! Nada a fazer, nada se move. Calefação, acenda! Mas o radiador continua frio. Não é minha culpa, ele não me disse que havia me retirado o comando do aquecimento, pelo menos não oficialmente. Com eles, nunca sabemos. *(O Guarda pega sua arma bruscamente. A rainha Marguerite faz novamente sua aparição pela porta esquerda ao fundo. Ela tem uma coroa na cabeça, manto púrpura com aspecto surrado. Não podemos precisar sua idade, ela possui um ar severo. Ela para na frente no palco bem no meio e é seguida por Juliette.)* Viva a Rainha!

Marguerite, *para Juliette, olhando em torno dela*:

- Há poeira e pontas de cigarro pelo chão.

Juliette:

- Acabo de vir do estábulo, eu estava ordenhando a vaca, Majestade. Ela quase não tem mais leite. Ainda não tive tempo de limpar a sala de estar.

Marguerite: Aqui não é uma sala de estar, é a sala do trono. Quantas vezes é preciso dizer isso?

Juliette;

- Sala do trono, se sua Majestade assim o quer, mas eu ainda não tive tempo de limpar a sala de estar.

Marguerite:

- Está frio!

O Guarda:

- Eu tentei acender a calefação, Majestade. Mas não funciona. Os radiadores não querem ouvir nada, o céu está coberto e parece que as nuvens não querem se dissipar. O sol não quer sair. No entanto, eu ouvi o rei ordenando que ele aparecesse.

Marguerite:

- Ora! O sol já não o escuta mais.

O Guarda:

- Esta noite eu escutei um pequeno ruído. Há uma fissura na parede.

Marguerite:

- Já? Está indo muito rápido. Eu não esperava que fosse acontecer tão cedo.

O Guarda:

- Eu tentei tapá-la com Juliette.

Juliette:

- Ele me acordou no meio da noite. Eu dormia tão bem!

O Guarda:

- Mas a fissura apareceu de novo. É bom tentar tapá-la outra vez?

Marguerite:

- Não vale a pena, é irreversível. (*Dirigindo-se a Juliette*). Onde está a rainha Marie?

Juliette:

- Ela ainda deve estar se preparando.

Marguerite:

- Certamente.

Juliette:

- Ela acordou antes do amanhecer.

Marguerite:

- Ah! Mesmo assim!

Juliette:

- Eu a escutei chorar no quarto.

Marguerite:

- Rir ou chorar: é só o que ela sabe fazer. (*Dirigindo-se a Juliette*). Que ela venha logo. Vá buscá-la!

Neste exato momento aparece a rainha Marie, vestida como foi descrito mais acima.

O Guarda, *um segundo antes do aparecimento da rainha Marie*:

- Viva a rainha!

Marguerite, *para Marie*:

- Você está com os olhos muitos vermelhos minha cara. Isso estraga a sua beleza.

Marie:

- Eu sei.

Marguerite:

- Não recomece a chorar!

Marie:

- Eu não consigo controlar, infelizmente!

Marguerite:

- Sobretudo não se desesperar. Isso não serve para nada. É a ordem das coisas, não é mesmo? Você esperava por isso, ou não esperava mais?

Marie:

- Você só esperava por isso.

Marguerite:

- Felizmente. Tudo está nos conformes. (*Para Juliette*). Dê-lhe um outro lenço.

Marie:

- Eu ainda estava esperando...

Marguerite:

- É perda de tempo. Esperar, esperar! (*Ela levanta os ombros*). Eles só têm isso a dizer e lágrimas nos olhos. Que modos!

Marie:

- Você viu o Médico? O que ele disse?

Marguerite:

- O que você já sabe.

Marie:

- Talvez ele esteja enganado.

Marguerite:

- Não vá recomeçar a ter esperança. Os sinais não mentem jamais.

Marie:

- Talvez ele tenha interpretado mal.

Marguerite:

- Os sinais objetivos não mentem. Você sabe.

Marie, olhando a parede:

- Ah! Esta rachadura!

Marguerite:

- Você a vê. Não é apenas isso. É sua culpa não estar preparada, é sua culpa se for surpreendida. Você deixou para lá, você mesma o ajudou a se desligar. Ah! A vida de prazeres. Os seus bailes, as suas distrações, os seus cortejos; os seus jantares de gala, o casamento e a lua de mel! Quantas viagens de lua de mel vocês fizeram?

Marie:

- Era para celebrar os aniversários de casamento.

Marguerite:

- Você celebrava quatro vezes por ano. É preciso aproveitar a vida, você dizia.

Marie:

- Mas ele gosta tanto de festas.

Marguerite:

- Os homens sabem, mas eles agem como se não soubessem! Eles sabem, mas esquecem. Ele é o rei, ele não deveria esquecer. Ele devia ter o olhar voltado para o futuro, conhecer as etapas, conhecer exatamente o tamanho da sua estrada, olhar a chegada.

Marie:

- Meu pobre querido, meu pobre pequeno rei.

Marguerite, à Juliette:

- Dê-lhe outro lenço, (*para Marie*). Um pouco de bom humor, vamos. Você vai deixá-lo ver suas lágrimas, isso é chantagem. Ele já está bastante frágil. Esta influência

detestável que você tem tido sobre ele. Enfim! Ele preferiu você do que a mim, que pena! Eu não sentia ciúmes de jeito nenhum. Eu percebi apenas que ele não era esperto. Agora, você não pode fazer mais nada por ele. Está aí, toda coberta de lágrimas e você não é mais páreo para mim. Seu olhar não me desafia mais. Onde estão a sua insolência, seu sorriso irônico, as suas gozações? Vamos, acorde. Tome o seu lugar. Trate de ficar ereta. Veja! Você sempre com um belo colar no pescoço. Venha, tome seu lugar.

Marie, *sentada*:

- Eu não poderei dizer a ele.

Marguerite:

- Eu cuidarei disso. Eu estou acostumada com estas obrigações.

Marie:

- Não lhe diga nada. Não, não, eu lhe peço. Não lhe diga nada, eu lhe suplico.

Marguerite:

- Deixe-me fazer tudo, eu lhe suplico. Vamos precisar de você para a cerimônia. Você ama cerimônias.

Marie:

- Não essa.

Marguerite, *para Juliette*:

- Então organize nossas coisas como é preciso.

Juliette:

- Sim, majestade.

Juliette executa as tarefas.

Marguerite:

- Menos divertido, evidentemente, que seus bailes infantis, que seus bailes para terceira idade, seus bailes para jovens recém-casados, para os sobreviventes, para as escritoras, para os organizadores de bailes e tantos outros bailes. Este baile será em família, sem dança e sem dançarino.

Marie:

- Não, não lhe diga nada. É melhor que ele não perceba.

Marguerite:

- ... E que ele termine com uma canção? Não é possível.

Marie:

- Você não tem coração.

Marguerite:

- Claro que tenho sim, e ele bate.

Marie:

- Você não é humana.

Marguerite:

- O que isso você quer dizer?

Marie:

- Isso é terrível, ele não está preparado

Marguerite:

- É culpa sua se ele não está preparado. Ele era como esses viajantes que se atrasam, permanecendo nos albergues esquecendo que a finalidade da viagem não é ficar nos albergues. Quanto eu lhe lembrava que era necessário que ele vivesse seu destino com consciência, você me dizia que eu era uma intelectual de meia tigela, muito pomposa.

Juliette, *à parte*:

- Ainda assim é pomposa.

Marie:

- Ao menos vamos dizer-lhe da maneira mais suave possível porque é inevitável, mas com cuidado, com muito cuidado.

Marguerite:

- Ele deveria ter se preparado faz tempo, desde sempre. Ele deveria ter se lembrado a cada dia. Quanto tempo perdido! (*Para Juliette*). Por que você está nos olhando com este olhar perdido? Você também, não vá desmoronar. Pode se retirar; não vá muito longe, nós a chamaremos de novo.

Juliette:

- Então, eu não preciso mais varrer a sala de estar?

Marguerite:

- Tanto faz, já é muito tarde. Saia já.

Juliette sai pela direita.

Marie:

- Diga-lhe com suavidade, eu lhe peço. Não tenha pressa. Ele pode ter uma parada cardíaca.

Marguerite:

- Nós não temos tempo a perder. Acabaram-se as criancices, acabaram-se os divertimentos, acabaram-se os bons tempos, acabaram-se os jantares, acabou-se o espetáculo, acabaram-se suas provocações. Fim. Você deixou a situação chegar a este ponto, não temos mais tempo a perder. Evidentemente porque é o último momento. Nós teremos alguns instantes para fazer o que deveria ter sido feito durante anos, anos e anos. Quando eu precisar ficar a sós com ele eu lhe direi. Você ainda tem um papel a desempenhar, tranquilize-se, eu o ajudarei.

Marie:

- Isso vai ser muito difícil, como é difícil.

Marguerite:

- É tão duro para mim quanto para você e para ele. Não fique choramingando. Eu estou repetindo, eu estou aconselhando, eu estou ordenando.

Marie:

- Ele não vai aceitar.

Marguerite

- No início.

Marie:

- Eu o consolarei.

Marguerite:

- Que ele não recue, cuidado. É preciso que isso aconteça da forma adequada. Que seja um sucesso, um triunfo. Há muito tempo que isso não acontece. O palácio está em ruínas. As terras do reino, abandonadas. As montanhas estão diminuindo. O mar rompeu os diques e inundou tudo. Ele não cuida mais de nada. Você o fez esquecer tudo nos seus braços cujo perfume eu detesto. Em resumo, que mau gosto! Bem, o gosto era dele. Em vez de cuidar da terra, ele deixa hectares e mais hectares serem engolidos em um abismo sem fim.

Marie:

- Como você é mesquinha! Primeiro, porque não podemos lutar contra tremores de terra.

Marguerite:

- Como você me irrita! Ele poderia ter cuidado, ter plantado árvores coníferas na areia, cimentar os terrenos ameaçados. Mas não, agora o reino está cheio de crateras como um queijo *gruyère*².

Marie:

- Não podemos nada contra a fatalidade, contra as erosões naturais.

Marguerite:

- Sem falar dessas guerras desastrosas. Enquanto os soldados do rei dormiam bêbados durante a noite ou após os almoços copiosos da caserna, os povos vizinhos empurravam os limites das fronteiras. O território natural encolheu. Os soldados não queriam lutar.

Marie:

- Foram os descumpridores da lei.

Marguerite:

- Aqui a gente chama de descumpridores da lei. No exército de nossos conquistadores, eles eram chamados de preguiçosos, de desertores e todos foram fuzilados. Você vê os resultados: abismos enormes, vilas arrasadas, piscinas incendiadas, e bares abandonados. Os jovens emigram em massa. No início do reinado,,, havia nove bilhões de habitantes.

Marie:

- Eram muitos habitantes, não havia mais lugar.

Marguerite:

- Agora resta apenas um milhão de velhacos. Menos, eles morrem enquanto falo com você.

Marie:

- Ainda há quarenta e cinco pessoas jovens.

Marguerite:

- Aqueles que outros países não quiseram e nós também não os queríamos, nos eram reenviados a força. De qualquer maneira, eles estão envelhecendo muito rápido. Repatriados com vinte e cinco anos, eles têm oitenta anos ao final de dois dias. Você não vai fingir que eles estão envelhecendo normalmente.

Marie:

- Mas o rei, ele ainda está muito jovem.

² Queijo *gruyère*: famoso queijo suíço cheio de buracos.

Marguerite:

- Ele estava jovem ontem, ele estava jovem essa noite. Mas, você vai ver logo mais.

O Guarda anunciando:

- Sua Sumidade, o Médico, que retorna. Sua sumidade, sua sumidade.

O Médico entra pela grande porta à esquerda que abre e fecha sozinha. Ele tem um ar às vezes de astrólogo, às vezes de algoz. Ele está com um chapéu pontudo com estrelas e vestido com uma roupa vermelha, com um capuz amarrado ao pescoço e um grande telescópio nas mãos.

O Médico, *para Marguerite.*

- Bom dia, Majestade. (*Para Marie*). Bom dia, Majestade. Que Vossas Majestades me desculpem, estou um pouco atrasado, eu venho diretamente do hospital, acabo de fazer algumas intervenções cirúrgicas de grande interesse para a ciência.

Marie:

- A doença do rei não é operável.

Marguerite:

- De fato, não é mais.

O Médico, olhando para Marguerite, depois para Marie.

- Eu sei. Não Sua Majestade.

Marie:

- Doutor, tem novidades? Talvez as coisas melhorem, não é? Uma melhora não é possível?

O Médico:

- É um caso típico que não pode mudar.

Marie:

- É verdade. Sem esperanças, sem esperanças (*olhando para Marguerite*). Ela não quer que eu tenha esperança, ela me proibiu.

Marguerite:

- Muita gente tem mania de grandeza, você tem mania de pequenez. Nunca vi uma rainha assim! Você me envergonha! Ah! Lá vai ela chorar.

O Médico:

- Na verdade, ainda há novidades, digamos assim.

Marie:

- Que novidades?

O Médico:

- De novidade só a confirmação das indicações precedentes. Marte e Saturno entraram em rota de colisão.

Marguerite:

- Nós esperávamos.

O Médico:

- Os dois planetas explodiram.

Marguerite:

- É lógico.

O Médico:

- O Sol perdeu entre cinquenta a setenta e cinco por cento da sua força.

Marguerite:

- Isso é óbvio.

O Médico:

- A neve cai no polo norte do sol. A Via Láctea parece se aglutinar. O cometa está morto de cansado, o sol envelheceu, ele está se envolvendo com a própria cauda, enroscando-se sobre si mesmo como um cão moribundo.

Marie:

- Não é verdade, vocês exageram. Sim, sim, vocês exageram.

O Médico:

- Você quer ver com a luneta?

Marguerite, *para o Médico*:

- Não vale a pena, nós acreditamos no senhor. Que mais?

O Médico:

- A primavera que existia ontem à noite nos deixou há duas horas e trinta minutos. Estamos em novembro. Para lá das fronteiras, a grama está crescendo. Lá, as árvores estão verdes. Todas as vacas estão parindo duas vezes por dia, um bezerro pela manhã e outro em torno de cinco, cinco e quinze da tarde. No nosso reino as folhas estão secas, elas caem das árvores. As árvores suspiram e morrem. A Terra se divide mais que o normalmente.

O Guarda, *anunciando*.

- O Instituto de Meteorologia do reino nos lembra que o tempo está ruim.

Marie:

- Eu estou ouvindo a terra rachar, estou ouvindo, sim, infelizmente estou ouvindo!

Marguerite:

- É a fissura que aumenta e se espalha.

O Médico:

- Os relâmpagos cortam os céus, está chovendo canivete, os trovões rugem. Nós não podemos ouvi-los, pois eles estão mudos. Vinte e cinco habitantes foram carbonizados. Doze perderam a cabeça, decapitados. Desta vez sem a minha intervenção.

Marguerite:

- São os sinais.

O Médico:

- Por outro lado...

Marguerite, *interrompendo*:

- Pare, já é suficiente. Isso é o que sempre acontece nesses casos. Nós conhecemos isso.

O Guarda, *anunciando*.

- Sua Majestade, O rei! (*Música*). Atenção, Sua Majestade. Viva o rei!

O rei entra pela porta direita ao fundo. Ele está descalço. Juliette entra atrás dele

Marguerite:

- Onde ele enfiou os chinelos?

Juliette:

- Majestade, eles estão aqui.

Marguerite para o rei:

- Que mau hábito andar descalço.

Marie para Juliette:

- Calce os chinelos do rei mais rápido. Ele vai se resfriar.

Marguerite:

- Que ele se resfrie ou não, não tem problema. É simplesmente um mau hábito.

Enquanto Juliette calça o rei e Marie se aproxima dele, a música real continua a tocar.

O Médico, *inclinando-se humilde e lentamente*:

- Permita-me desejar bom dia, Vossa Majestade. Desejo-lhe melhoras.

Marguerite:

- É apenas um cumprimento sem sentido.

O rei, *para Marie e depois para Marguerite*:

- Bom dia, Marie, bom dia, Marguerite. Ainda aqui? Eu quero dizer, você já está aqui? Como vai? Eu não estou bem! Não sei direito o que eu tenho, meus membros estão entorpecidos e tive dificuldade para levantar, tenho dor nos pés! Eu vou trocar de chinelos. Talvez eu tenha crescido! Dormi mal, a terra que está rachando, estas fronteiras que se estreitam, o mugido do gado, estas sirenes que tocam, há realmente muito barulho. É necessário colocar tudo em ordem. Vamos tentar organizar tudo isso. Ai, minhas costelas! (*Para o doutor*). Bom dia, doutor. É lumbago? (*Para os outros*). Eu aguardo um engenheiro...estrangeiro. Os nossos não valem mais nada. Para eles nada mas têm importância. Além disso não temos nenhum. Por que fechamos a Escola Politécnica? Ah, sim! Ela desabou. Para que construir outras se todas desabam. Eu estou com dor de cabeça, ainda por cima. E estas nuvens. Eu havia proibido as nuvens. Nuvens! Basta de chuva. Eu estou dizendo: basta. Ah! O tempo todo isso! E recomeça. Nuvens idiotas. Isso não termina nunca com essas gotas que não param de cair. Parece um velho mijão. (*Para Juliette*). Por que está me olhando? Você está vermelha hoje. Meu quarto está cheio de teias de aranha. Vá limpar.

Juliette:

- Mas eu retirei todas, enquanto Vossa Majestade dormia. Eu não sei de onde vem. Mas elas não param de aparecer.

O Médico, *para Marguerite*:

- Está vendo, Majestade, tudo se confirma cada vez mais.

O rei para Marie:

- O que você tem, minha formosura?

Marie, hesitante:

- Não sei... Nada... Não tenho nada.

O rei:

- Você está com olheiras. Você chorou? Por quê?

Marie:

- Meu Deus!

O rei para Marguerite:

- Eu proíbo que a faça sofrer. Por que ela está dizendo << Meu Deus>>?

Marguerite:

- É uma expressão. (*Para Juliette*). Vá limpar de novo as teias de aranha.

O rei:

- Ah! Sim. Essas teias de aranhas são nojentas. Isso dá pesadelos.

Marguerite, *para Juliette*:

- Apresse-se, não enrole. Você não sabe mais usar uma vassoura?

Juliette:

- A minha está velha. Eu precisaria de uma nova, eu precisaria talvez de umas doze.

Juliette sai.

O rei:

- Por que vocês todos estão me olhando assim? Há algo de anormal? Não há nada mais anormal, pois o anormal se tornou habitual. Assim tudo entra no eixo.

Marie, precipitando-se na direção do rei:

- Oh! Meu rei, você está mancando.

O rei, dando dois ou três passos mancando ligeiramente.

- Eu estou mancando? Não estou. Eu manco um pouco.

Marie:

- Vossa Majestade sente dor, eu vou segurá-lo.

O rei:

- Não tenho dor. Por que sentiria dor? Sim, um pouco. Mas não é nada. Não preciso de alguém me segurando. Mas eu amo quando você me segura.

Marguerite, *indo em direção ao rei*:

- Majestade, eu devo lhe informar.

Marie:

- Não, cale-se.

Marguerite, *para Marie*:

- Cale-se você.

Marie, *para o rei*:

- Não é verdade o que ela diz.

O rei:

- Me informar sobre o quê? O que não é verdade? Marie, por que este ar desolado? O que está acontecendo com você?

Marguerite, *para o rei*:

- Majestade, devemos informar que você vai morrer:

O Médico:

- Infelizmente, sim, Majestade.

O rei:

- Mas eu sei, claro. Todos nós sabemos. Você me lembrará quando chegar a hora. Que mania você tem, Marguerite, de me lembrar coisas desagradáveis logo ao amanhecer.

Marguerite:

- Já é meio-dia.

O rei:

- Não é meio dia. Ah sim, é meio-dia. Não faz mal. Para mim é de manhã. Eu ainda não comi nada. Tragam-me o café da manhã. Para falar a verdade, não estou com muita fome. Doutor, preciso que me dê um remédio para abrir o apetite e melhorar meu fígado. Eu devo estar com a língua saburrosa, não é mesmo?

Ele mostra sua língua ao doutor.

O Médico:

- De fato, Majestade!

O rei:

- Meu fígado está intoxicado. Eu não bebi nada ontem à noite, no entanto tenho um gosto ruim na boca.

O Médico:

- Majestade, a rainha Marguerite disse a verdade, Vossa Majestade vai morrer.

O rei:

- De novo? Vocês me encham a paciência! Eu morrerei, sim, eu morrerei. Dentro de quarenta ou dentro de cinquenta anos, dentro de trezentos anos. Mais tarde. Quando eu quiser, quando eu tiver tempo, quando eu decidir. Enquanto esperamos, ocupemo-nos das coisas do reino. *(O rei sobe os degraus para o trono)*. Ai, minhas pernas, meus rins. Eu peguei um resfriado neste palácio mal aquecido, com estes tijolos quebrados que deixam passar a tempestade as correntes de ar. Recolocamos as telhas que o vento arrancou? Ninguém trabalha mais. É preciso que eu mesmo cuide disso. Eu tive outras coisas para fazer. Não podemos contar com ninguém. *(Para Marie que tenta apoiá-lo)*. Não, eu conseguirei. Ele se apoia no cetro como em uma bengala. Este cetro ainda pode servir *(Ele consegue sentar-se com dificuldade,*

mesmo assim ajudado pela rainha Marie). Não, não, eu posso. Pronto! Ufa! O trono se tornou bastante duro. Nós deveríamos acolchoá-lo. Como vai o país esta manhã?

Marguerite:

- Do que ainda resta.

O rei:

- Ainda são belos restos. De qualquer maneira, é preciso cuidar do país; isso fará vocês mudarem de ideia. Façam vir os ministros. (*Juliette aparece.*) Vá buscar os ministros, eles estão, sem dúvida, dormindo ainda. Eles pensam que não têm mais trabalho.

Juliette:

- Eles saíram de férias. Não muito longe visto que as terras reduziram e ficaram atrofiadas. Eles foram para o outro lado do reino, quer dizer, a três passos, do lado do bosque, na borda do riacho. Eles foram pescar, eles estão esperando encontrar peixes para alimentar a população.

O rei:

- Vá buscá-los no bosque.

Juliette:

- Eles não virão, eles estão de férias. Mas eu vou ver mesmo assim

Ela olha pela janela.

O rei:

- Que indisciplina!

Juliette:

- Eles caíram no riacho.

Marie:

- Então tente repescá-los.

Juliette sai.

O rei:

- Se eu tivesse outros dois especialistas do governo no país, eu os substituiria.

Marie:

- A gente encontra outros.

O Médico:

- Nós não encontraremos mais, Majestade.

Marguerite:

- Você não encontrará mais, Bérenger.

Marie:

- Sim, entre as crianças das escolas, quando crescerem. É preciso apenas esperar um pouco. Quando forem repescados, esses dois lá poderão muito bem cuidar dos negócios do reino.

O Médico:

- Na escola, há somente algumas com cretinismo, débeis mentais, mongoloides e que sofrem com hidrocefalia.

O rei:

- De fato, a raça não está muito bem de saúde. Trate de curá-los, doutor, ou de melhorá-los um pouco. Pelo menos que aprendam as quatro ou cinco primeiras letras do alfabeto. Em outros tempos nós os mataríamos.

O Médico:

- Sua Majestade não poderia mais permitir! Não sobraria mais ninguém.

O rei:

- É preciso fazer alguma coisa!

Marguerite:

- Nós não podemos melhorar nada, não podemos curar ninguém, você mesmo não pode se curar.

O Médico:

- Majestade, o senhor não pode mais curar-se.

O rei:

- Eu não estou doente.

Marie:

- Ele se sente bem. *(Para o rei)*. Não é mesmo?

O rei:

- No máximo algumas dores. Não é nada. Além disso, já estou bem melhor.

Marie:

- Ele disse que está bem, vocês estão vendo, vocês estão vendo.

O rei:

- Estou até muito bem.

Marguerite:

- Você vai morrer em uma hora e meia, você vai morrer ao final do espetáculo.

O rei:

- O que você está me dizendo, minha querida? Isso não é engraçado.

Marguerite:

- Você vai morrer ao final do espetáculo.

Marie:

- Meu Deus!

O Médico;

- Sim Majestade, você vai morrer. Amanhã, você não terá seu café da manhã. Jantar esta noite, também não. O cozinheiro desligou o gás. Ele está de aviso prévio e está guardando para sempre os guardanapos e as toalhas de mesa no armário.

Marie:

- Não fale assim tão rápido. Não fale assim de forma tão dura.

O rei:

- Mas quem deu estas ordens sem o meu consentimento? Eu estou indo bem. Vocês estão brincando. Mentiras. *(Para Marguerite)*. Você sempre desejou minha morte. *(Para Marie)*. Ela sempre desejou a minha morte. *(Para Marguerite)*. Eu vou morrer quando eu quiser, eu sou o rei, sou eu quem decido.

O Médico:

- Você perdeu o poder de decidir só, Majestade.

Marguerite:

- Você não pode sequer se impedir de estar doente.

O rei:

- Eu não estou doente. *(Para Marie)*. Você não disse que eu não estou doente? Eu ainda continuo bonito.

Marguerite:

- E suas dores?

O rei:

- Não tenho mais dores.

Marguerite:

- Mova-se um pouco, você vai ver.

O rei, *que acabou de se sentar, levanta-se:*

- Ai! É porque eu não meti na minha cabeça que não estou doente. Eu não tive tempo de pensar nisso! Eu penso e fico curado. O rei cura-se sozinho, mas eu estava muito preocupado com as coisas do reino.

Marguerite:

- Em que estado está o seu reino! Você não pode mais governar, você está percebendo, mas não quer admitir. Você não tem mais poder sobre si mesmo; não tem mais poderes sobre as coisas. Você não pode impedir a degradação, você não tem mais poderes sobre nós.

Marie:

- Você sempre terá poder sobre mim.

Marguerite:

- Nem mesmo sobre você, Marie.

Juliette entra na sala.

Juliette:

- Não podemos mais repescar os ministros. O riacho no qual eles caíram correu para um abismo cheio de bancos de areia e salgueiros.

O rei:

- Eu compreendo. É um complô. Vocês querem que eu abdique do trono.

Marguerite:

- Isso seria melhor, abdicar voluntariamente.

O médico:

- É melhor abdicar, Majestade.

O rei:

- Eu abdicar?

Marguerite:

- Sim, abdique moralmente, administrativamente.

O Médico:

- E fisicamente.

Marie:

- Não dê consentimento, não escute o que eles dizem.

O rei:

- Eles estão loucos. Ou então são traidores.

Juliette:

- Majestade, pobre Majestade, Majestade, pobre Majestade.

Marie, *para o rei*.

- É necessário detê-los.

O rei, *para O Guarda*.

- Guarda, detenha-os.

Marie, (*para o rei*):

- Guarda, detenha-os. (*Para o rei*). É isso, dê as ordens.

O rei, *para O Guarda*:

- Guarda, prenda-os. Tranque todos na torre. Não, a torre desmoronou. Leve-os, tranque-os a chave na adega, no calabouço ou em uma jaula. Prenda a todos, eu ordeno.

Marie, *para O Guarda*:

- Prenda-os

O Guarda, *sem se mexer*:

- Em nome de Sua Majestade... eu prendo... vocês estão presos.

Marie, *para O Guarda*:

- Então se mexa.

Juliette:

- Mas é ele quem não se mexe.

O rei, *para O Guarda*:

- Mova-se e faça o que eu estou mandando, Guarda.

Marguerite:

- Você está vendo, ele não pode mais se mover. Ele tem gota, reumatismos.

O Médico, *apontando para o Guarda*:

- Majestade, a guarda real está paralisada. Um vírus desconhecido se introduziu no cérebro dos guardas e sabota os pontos de comandos.

Marguerite, *para o rei*:

- São suas próprias ordens, Majestade, que o paralisam.

Marie, *para o rei*:

- Não acredite nela. Ela quer hipnotiza-lo. É uma questão de força de vontade. Coloque toda sua força de vontade.

O Guarda:

- Vocês estão, em nome do rei, vocês estão...

Ele para de falar, a boca entreaberta.

O rei, *para o Guarda:*

- O que está te prendendo. Fale, ande. Você pensa que é uma estátua:

Marie, *para o rei:*

- Não lhe faça perguntas. Não discuta. Ordene. Conduza-o com toda a sua força de vontade.

O Médico:

- Ele não pode mais se mover, você vê Majestade. Ele não pode mais falar. Ele está petrificado. Ele não o escuta mais. É um sintoma característico. Clinicamente está muito claro.

O rei:

- Vamos ver se eu não tenho mais poderes.

Marie, *para o rei.*

- Prove que ainda tem. Você pode se quiser.

O rei:

- Eu provo que eu quero, eu provo que eu posso.

Marie:

- Em primeiro lugar, levante-se.

O rei:

- Eu estou me levantando.

Ele faz um grande esforço fazendo caretas.

Marie:

- Está vendo como é simples.

O rei:

- Vocês veem como é simples. Vocês são uns farsantes. Conspiradores, bolchevistas. *(Ele anda. Para Marie que quer ajudá-lo).* Não, não, sozinho... porque eu posso sozinho. *(Ele cai, Juliette corre para levantá-lo).* Eu me levanto sozinho.

Ele se levanta sozinho, de fato, mas com dificuldade.

A Guarde:

- Viva o rei! *(O rei cai novamente).* O rei está morrendo.

Marie:

- Viva o rei!

O rei se levanta com dificuldade, apoiando-se em seu cetro.

O Guarda:

- Viva o rei! (*O rei cai mais uma vez*). O rei morreu.

Marie:

- Viva o rei! Viva o rei!

Marguerite:

- Que comédia.

O rei se levanta com dificuldade. Juliette que havia desaparecido, reaparece.

Juliette:

- Viva o rei!

Ela desaparece novamente. O rei cai mais uma vez.

O Guarda:

- O rei está morrendo.

Marie:

- Não. Viva o rei! Levante. Viva o rei!

Juliette aparecendo, depois desaparecendo enquanto o rei se levanta.

- Viva o rei!

O Guarda:

- Viva o rei!

Esta cena deve ser mostrada como um teatro de marionetes.

Marie:

- Vocês estão vendo, ele está melhorando.

Marguerite:

- É o melhor do fim, não é doutor?

O Médico, *para Marguerite:*

- É evidente. É somente o melhor do fim.

O rei:

-Eu apenas escorreguei. Isso pode acontecer. Isso acontece. Minha coroa! (*A coroa tinha caído durante o tombo. Marie coloca a coroa na cabeça do rei*). É um mau sinal.

Marie:

-Não acredite nisso.

O cetro do rei cai.

O rei:

- É um mau sinal.

Marie:

- Não creia nisso. *(Ela lhe dá o cetro)*. Segure bem, feche a mão.

O Guarda:

- Viva, viva... *(depois ele se cala)*.

O Médico, *para o rei*:

- Majestade.

Marguerite, *para o Médico apontando para Marie*:

- É melhor acalmá-la, ela diz coisas sem sentido. Ela não deve mais falar sem a nossa permissão.

Marie fica imóvel.

Marguerite, *dirige-se ao Médico, apontando para o rei*:

- Tente fazê-lo compreender.

O Médico, *para o rei*:

- Majestade, há dezenas de anos, ou há três dias, seu reino era próspero. Em três dias você perdeu as guerras que havia ganhado. Aquelas que você perdeu, perdeu mais uma vez. Desde que a colheita se estragou e o deserto invadiu nosso continente, a vegetação verdejante fugiu para os países vizinhos que estavam desertos na última quinta. Os foguetes que você que enviar não partem, ou eles apagam e caem com um barulho estranho.

O rei:

- Falha técnica.

O Médico:

- Antes não acontecia isso.

Marguerite:

- Acabou seu sucesso. Você deve entender.

O Médico:

- Suas dores, contraturas musculares.

O rei:

- Eu nunca tive antes. É a primeira vez.

O Médico:

- Exatamente. Isso é um sinal. Chegou de repente, não é mesmo?

Marguerite:

- Você devia esperar por isso.

O Médico:

- Tudo começou de repente. Você não tem mais autocontrole. Vossa Majestade pode constatar. Seja lúcido. Vamos, um pouco de coragem.

O rei:

- Eu me levantei. Vocês estão mentindo. Eu me levantei.

O Médico:

- Você está mal e não pode fazer mais esforço.

Marguerite:

- Evidentemente, isso não vai durar muito tempo. *(Para o rei)*. Você ainda pode fazer alguma coisa? Você ainda pode dar ordens que sejam obedecidas? Você ainda pode modificar alguma coisa? Você só tem que tentar.

O rei:

- É porque eu não tinha colocado toda a minha vontade tudo se deteriorou. Apenas negligência; tudo vai se ajeitar. Tudo será consertado e tudo estará novo. Veremos o que eu posso fazer. Guarda, mova-se, aproxime-se.

Marguerite:

- Ele não pode. Ele pode apenas obedecer às ordens dos outros. Guarda, dê dois passos. *(O Guarda avança dois passos)*. Guarda, recue.

O Guarda recua dois passos.

O rei:

- Que a cabeça do Guarda caia, que caia a cabeça do Guarda! *(A cabeça do Guarda pende um pouco para a direita, um pouco para a esquerda.)* A cabeça dele vai cair, a cabeça dele vai cair.

Marguerite:

- Não. Ela está apenas balançando. Não mais que antes.

O rei:

- Que a cabeça do Médico caia, que ela caia imediatamente! Vamos, vamos!

Marguerite:

- Nunca a cabeça do Médico esteve tão firme sobre os ombros, nunca ela esteve tão sólida.

O Médico:

- Desculpe-me, Majestade, você me vê de forma confusa.

O rei:

- Que a coroa de Marguerite caia no chão, que a coroa dela caia no chão.

É a coroa do rei que cai no chão, Marguerite pega a coroa.

Marguerite:

- Eu vou colocá-la em você, vai.

O rei:

- Obrigado. Que bruxaria é essa? Como você pode escapar do meu poder? Não pense que isso vai continuar assim. Eu vou encontrar a causa desta desordem. Deve haver alguma coisa enferrujada no mecanismo ou em alguma engrenagem mais sutil.

Marguerite, *para Marie*:

- Você pode falar agora. Nós permitimos.

Marie, *para o rei*:

- Diga-me para fazer qualquer coisa e eu farei. Dê-me uma ordem. Ordene, Majestade, ordene. Eu lhe obedecerei.

Marguerite, *para o Médico*:

- Ela pensa que isso que ela chama de amor pode conseguir o impossível. Superstição sentimental. As coisas mudaram. Isso está fora de questão. Nós já ultrapassamos esta etapa. Estamos em outra fase,

Marie, *dirigindo-se para trás, à direita e agora está próxima à janela*:

- Ordene, meu rei, ordene, meu amor. Olhe como eu sou bela. Eu sou cheirosa. Ordene que eu me aproxime de você, que eu te beije.

O rei, *para Marie*:

- Aproxime-se, beije-me. (*Marie permanece imóvel.*) Você está me escutando?

Marie:

- Sim, estou escutando-o, eu irei.

O rei:

- Aproxime-se.

Marie:

- Eu gostaria muito, eu me aproximarei, eu me aproximarei. Mas meus braços caem.

O rei:

- Então dance. (*Marie não se move.*). Dance. Ao menos se vire e vá até a janela, abra e feche a janela.

Marie:

- Eu não posso.

O rei:

- Você está com um torcicolo, sem dúvidas. Certamente é um torcicolo. Venha até mim.

Marie:

- Sim, Majestade.

O rei:

- Venha até mim, sorrindo.

Marie:

- Sim, Majestade.

O rei:

- Faça o que digo.

Marie:

- Mas eu não sei como fazer para andar. Eu esqueci, subitamente.

Marguerite:

- Dê alguns passos em direção ao rei.

Marie se move um pouco em direção ao rei.

O rei:

- Vocês estão vendo, ela está vindo.

Marguerite:

- Foi a mim que ela escutou. *(Para Marie.)* Pare. Pare.

Marie:

- Perdoe-me, Majestade. Não é culpa minha.

Marguerite, *para o rei:*

- Você quer mais provas?

O rei:

- Que as árvores aumentem a sua sombra. *(Pausa.)* Que o teto desapareça. *(Pausa.)*

O quê? Nada? Eu ordeno que chova. *(Pausa, nada acontece.)* Eu ordeno que os raios

iluminem os céus e que eu possa segurá-los em minhas mãos. *(Pausa.)* Eu ordeno

que as folhas cresçam. *(Ele vai até a janela.)* O quê! Nada? Eu ordeno que Juliette

entre pela grande porta. *(Juliette entra pela porta pequena ao fundo à direita.)* Não por

essa, por esta aqui. Saia por esta porta. *(Ele mostra a porta grande. Ela sai pela porta*

pequena, em frente, à direita. Para Juliette.) Eu ordeno que você fique. *(Juliette sai.)*

Eu ordeno que todos escutem as trombetas. Eu ordeno que os sinos toquem. Eu

ordeno que cento e vinte um tiros de canhões sejam ouvidos em minha honra. (Ele presta atenção). Nada! Ah, sim! Eu escuto alguma coisa.

O Médico:

- É apenas zumbido do seu ouvido, Majestade.

Marguerite, *para o rei*:

- Não tente mais nada. Você está sendo ridículo.

Marie, para o rei:

- Você está muito cansado, meu pequeno rei. Não se desespere. Mas você está molhado de suor. Descanse um pouco. Nós recomeçaremos em breve. Dentro de uma hora, nós conseguiremos.

Marguerite, *para o rei*:

- Você vai morrer em uma hora e vinte e cinco minutos.

O Médico:

- Sim Majestade. Em uma hora, vinte e quatro minutos e cinquenta segundos.

O rei, *para Marie*:

- Marie!

Marguerite:

- Em uma hora, vinte e quatro minutos e quarenta e um segundos. (*Para o rei*).

Prepare-se.

Marie:

- Não ceda.

Marguerite, *para Marie*:

- Não tente distraí-lo. Não lhe estenda a mão. Ele já está à beira do abismo, você não pode mais detê-lo. A programação será executada ponto por ponto.

O Guarda, *anunciando*:

- A cerimônia começa!

Movimento geral. A cerimônia começa. O rei está no trono e Marie está ao seu lado.

O rei:

- Que o tempo volte atrás.

Marie:

- Que nós estejamos há vinte anos atrás.

O rei:

- Que nós estejamos há uma semana atrás.

Marie:

- Que nós estejamos na noite passada. Tempo, volte atrás, tempo, volte atrás; tempo, pare.

Marguerite:

- Não há mais tempo, O tempo escorreu pelas suas mãos.

O Médico, *para Marguerite, após ter olhado em direção ao céu com a sua luneta:*

- Olhando através do telescópio que vê além dos muros e dos telhados, percebe-se um vazio no céu no lugar da constelação real. Nos registros do universo, Sua Majestade é levado morto.

O Guarda:

- O rei está morto, viva o rei!

Marguerite, *para o Guarda:*

- Idiota, é melhor ficar calado.

O Médico:

- De fato, ele está bem mais morto do que vivo.

O rei:

- Não. Eu não quero morrer. Eu peço que não me deixem morrer. Sejam gentis, não me deixem morrer. Eu não quero.

Marie:

- O que fazer para dar-lhe força para que ele possa resistir? Eu mesma estou debilitada. Ele não acredita em mim. Ele já não acredita mais. (*Para o rei.*) Espere, seja como for, espere ainda.

Marguerite, *para Marie:*

- Não o confunda. Você está agindo errado com ele.

O rei:

- Eu não quero, eu não quero.

O Médico:

- A crise era prevista; ela é normal. A primeira tentativa de negação está ocorrendo.

Marie, *para Marguerite:*

- A crise passará.

O Guarda, *anunciando:*

- O rei está fazendo sua passagem!

O Médico:

- Nós sentimos muito Vossa Majestade! Nós diremos; está prometido.

O rei:

- Eu não quero morrer.

Marie:

- Que tristeza! Seus cabelos embranqueceram de vez. *(De fato, os cabelos do rei embranqueceram.)* As rugas se acumulam em sua fronte e no seu rosto. De repente, ele envelheceu quatorze séculos.

O Médico:

- Tão rapidamente ultrapassado.

O rei:

- Os reis deveriam ser imortais

Marguerite:

- Eles têm uma imortalidade provisória.

O rei:

- Haviam-me prometido que eu só morreria quando eu decidisse.

Marguerite:

- Porque pensávamos que você decidiria mais cedo. Mas você tomou gosto pelo poder, então foi necessário que você decidisse à força. Você se afundou na lama morna dos vivos. Agora, você vai congelar.

O rei:

- Fui enganado, deviam ter me prevenido, fui enganado.

Marguerite:

- A gente lhe avisou.

O rei:

- Você me preveniu muito cedo. Você me advertiu muito tarde. Eu não quero morrer.... Eu não gostaria. Salvem-me porque eu não posso fazer mais nada.

Marguerite:

- É sua culpa ser pego desprevenido, você deveria ter se preparado. Você nunca tinha tempo. Você estava condenado e era necessário ter pensado nisso desde o primeiro dia, depois, todos os dias, cinco minutos todos os dias. Não é muito. Cinco minutos todos os dias. Depois dez minutos, quinze minutos, meia hora. É assim que nos preparamos.

O rei:

- Eu havia pensado nisso.

Marguerite:

- Jamais seriamente, jamais profundamente, jamais profundamente.

Marie:

- Mas ele estava vivendo.

Marguerite:

- Chega. (*Para o rei.*) Você deveria ter sido vigilante, ter mantido um pensamento íntimo constante sobre o assunto lá no fundo de si mesmo.

O Médico:

- Ele nunca foi prevenido, ele viveu o dia a dia como uma pessoa qualquer.

Marguerite:

- Você estabelecia prazos. Aos vinte anos, você dizia que esperaria os quarenta para começar o treinamento. Aos quarenta...

O rei:

- Mas eu tinha uma saúde muito boa, eu era tão jovem!

Marguerite:

- Aos quarenta anos, você se propôs esperar até os cinquenta anos. Aos cinquenta anos ...

O rei:

- Eu era cheio de vida, como eu era cheio de vida!

Marguerite:

- Aos cinquenta anos, você quis esperar os sessenta. Você teve sessenta anos, oitenta anos, cento e vinte e cinco anos, duzentos anos, quatrocentos anos. Você não se dava mais o prazo de dez anos para os preparativos, o prazo era de cinquenta anos. Depois você adiava de século em século.

O rei:

- Eu tinha a intenção de começar. Ah! Se eu pudesse ter ainda mais um século diante de mim talvez eu tivesse tempo!

O Médico:

- Só lhe resta pouco mais de uma hora, Majestade. É preciso fazer tudo em uma hora.

Marie:

- Não lhe resta mais tempo algum, isso não é possível. É preciso lhe dar um tempo.

Marguerite:

- Isso não é mais possível. Mas, dentro de uma hora, ele terá todo o tempo do mundo.

O Médico:

- Uma hora bem vivida vale mais que séculos e séculos de esquecimento e de negligência. Cinco minutos é suficiente, dez segundos conscientes. Nós lhe daremos uma hora: sessenta minutos, três mil e seiscentos segundos. Ele tem sorte.

Marguerite:

- Ele perambulava pelas estradas da vida.

Marie:

- Nós reinamos, ele trabalhou.

O Guarda:

- Trabalhos hercúleos.

Marguerite:

- Pequenos reparos.

Juliette entra.

Juliette:

- Pobre Majestade, pobre senhor, ele fugiu da escola.

O rei:

- Eu sou como um colegial que se apresenta para os exames sem ter feitos os exercícios. Sem ter preparado a lição....

Marie, *para o rei*:

- Não se preocupe.

O rei:

- Como um comediante que não conhece o seu papel da noite de estreias e que esquece a fala, esquece, esquece. Como um orador que colocamos na tribuna e que não conhece a primeira palavra do discurso, que não sabe nem mesmo para quem dirigir a palavra. Eu não conheço este público, nem quero conhecê-lo, eu não tenho nada a dizer. Em que estado eu me encontro!

O Guarda, anunciando:

- O rei está fazendo alusão ao seu estado.

Marguerite:

- Que ignorância!

Juliette:

- Ele ainda quer fugir da escola durante muitos séculos.

O rei:

- Eu adoraria repetir de ano.

Marguerite:

- Você passará no exame, não há repetentes.

O Médico:

- Você não pode fazer nada, Majestade. E nós também não podemos nada. Nós somos apenas representantes da medicina que não faz milagres.

O rei:

- O povo está sabendo? Você os preveniu? Eu quero que todo mundo saiba que o rei vai morrer. *(Ele vai à janela e abre com grande esforço pois ele manca um pouco mais.)* Brava gente, eu vou morrer. Escutem-me, vosso rei vai morrer.

Marguerite, *para Marie*:

- Não precisamos escutar. Impeça-o de gritar.

O rei:

- Não toquem no rei. Eu quero que todo mundo saiba que eu vou morrer.

O Médico:

- É um escândalo!

O rei:

- Povo, eu devo morrer.

Marguerite:

- Não é mais um rei, é um porco que nós abatemos.

Marie:

- É apenas um rei, é apenas um homem.

O Médico:

- Majestade, pense na morte de Louis XIV, na morte de Philippe II e na de Charles Quinto que dormiu vinte anos no seu caixão. O dever de Vossa Majestade é morrer dignamente.

O rei:

- Morrer dignamente? *(Na janela.)* Socorro! Vosso rei vai morrer.

Marie:

- Coitado do rei, meu pobre rei.

Juliette:

- Gritar não adianta nada.

Escuta-se um eco fraco bem distante: <<O rei vai morrer! >>

O rei:

- Vocês estão ouvindo?

Marie:

- Eu escuto, eu escuto.

O rei:

- Alguém está me respondendo, alguém, talvez, vai me salvar.

Juliette:

- Não há ninguém.

Escuta-se um eco: <<Socorro! >>

O Médico:

- Não é ninguém, apenas o eco que responde com atraso.

Marguerite:

- O atraso habitual deste reino onde tudo funciona mal.

O rei, *deixando a janela:*

- Isso não é possível. (*Voltando para a janela.*) Eu tenho medo. Isso não é possível.

Marguerite:

- Ele pensa que é a primeira pessoa a morrer.

Marie:

- Toda pessoa é a primeira a morrer.

Marguerite:

- É doloroso.

Juliette:

- Ele chora como qualquer pessoa.

Marguerite:

- Seu temor só lhe inspira coisas banais. Eu esperava que ele dissesse belas frases que servissem de exemplo. (*Para o Médico.*) Eu lhe encarrego da crônica. Nós lhe emprestaremos as belas palavras dos outros. Nós criaremos de acordo com a necessidade.

O Médico:

- Nós lhe emprestaremos frases edificantes. (*Para Marguerite.*) Nós cuidaremos da sua lenda. (*Para o rei.*) Nós cuidaremos da sua lenda, Majestade.

O rei, (*à janela.*):

- Povo socorro, povo socorro!

Marguerite:

- Você vai acabar com isso Majestade? Você está se cansando em vão.

O rei, (*à janela.*):

- Quem quer me dar a própria vida? Quem quer dar sua própria vida ao rei, sua vida ao bom rei, sua vida ao pobre rei?

Marguerite:

- Indecente!

Marie:

- Que tente todas as chances, mesmo as mais improváveis.

Juliette:

- Já não há mais ninguém no reino.

Ela sai.

Marguerite:

- Há os espiões.

O Médico:

- Há ouvidos inimigos que espreitam nas fronteiras

Marguerite:

- Seu medo vai cobrir a todos de vergonha.

O Médico:

- O eco não está mais respondendo. Sua voz não está mais forte. Ele pode gritar, mas sua voz não ecoa. Ela não chega nem ao final do jardim.

Marguerite, *enquanto o rei geme:*

- Ele grita.

O Médico:

- Somente nós o escutamos. Nem ele mesmo se escuta mais.

O rei se vira e dá alguns passos em direção ao meio do palco.

O rei:

- Eu tenho frio, medo e estou chorando.

Marie:

- Ele tem os membros entorpecidos.

O Médico:

- Ele está destrozado pelo reumatismo. *(Para Marguerite.)* Uma injeção para acalmá-lo?

Juliette reaparece com uma cadeira de rodas e um arquivo com a coroa e os distintivos reais.

O rei:

- Eu não quero injeções.

Marie:

- Nada de injeções.

O rei:

- Eu sei o que isso quer dizer. Eu mandei fazer. *(Para Juliette.)* Eu não lhe mandei trazer esta cadeira. Eu quero passear, tomar um pouco de ar.

Juliette deixa a cadeira de rodas em um canto do palco, à direita, e sai.

Marguerite:

- Sente-se na cadeira. Você vai cair.

O rei vacila, de fato.

O rei:

- Eu não aceito e ficarei de pé.

Juliette volta com um cobertor.

Juliette:

- Vossa Majestade se sentirá melhor, mais confortável com um cobertor sobre os joelhos e uma bolsa de água quente.

O rei:

- Não Eu quero continuar em pé. Eu quero berrar. Eu quero berrar. *(Ele chora.)*

O Guarda, *anunciando:*

- Sua Majestade berra!

O Médico, *para Marguerite:*

- Ele não vai berrar muito tempo. Eu conheço o processo. Ele vai se cansar. Ele vai parar e vai nos escutar.

Juliette entra mais uma vez trazendo vestimenta para frio e uma bolsa de água quente.

O rei, *para Juliette:*

- Eu a proíbo.

Marguerite:

- Sente-se logo, sente-se.

O Rei:

- Não vou obedecer. (*Ele quer subir os degraus até o trono, mas não consegue. Senta-se, apesar de tudo, afundando-se no trono da rainha, à esquerda.*) Eu me rendo contra a minha vontade.

Juliette, após ter seguido o rei com os objetos indicados acima, vai colocá-los na cadeira de rodas.

Marguerite, *para Juliette*:

- Segure o cetro do rei, ele é muito pesado.

O rei, *para Juliette que se dirige para ele com uma touca*:

- Eu não quero esta touca. (*Ninguém coloca a touca no rei*).

Juliette:

- É uma coroa menos pesada.

O rei:

- Deixe o meu cetro.

Marguerite:

- Você não tem mais força para segurá-lo.

O Médico:

- Não vale mais a pena se apoiar sobre ele. Nós vamos conduzi-lo, nós empurraremos sua cadeira de rodas.

O rei

- Eu quero ficar com ele.

Marie, *para Juliette*:

- Deixem que ele fique com o cetro porque ele quer.

Juliette olha para Marguerite com um ar de interrogação.

Marguerite:

- Apesar de tudo, não vejo nenhum inconveniente nisso.

Juliette devolve o cetro ao rei.

O rei:

- Nada disso é verdade. Digam-me que não é verdade. Que é um pesadelo. (*Silêncio geral.*) Que há pelo menos uma chance em dez, uma chance em mil. (*Silêncio geral; o rei soluça.*). Eu sempre ganhava na loteria.

O Médico:

- Majestade!

O rei:

- Eu não posso lhe escutar, eu tenho muito medo.

Ele soluça, ele geme.

Marguerite:

Você deve escutar, Majestade.

O rei:

- Eu não quero mais suas palavras. Elas me dão medo. Eu não quero escutar ninguém falar. *(Para Marie que queria se aproximar dele.)* Não se aproxime, você também não. Sua piedade me dá pavor.

O rei geme novamente.

Marie:

- Ele parece uma criança. Ele se tornou uma criança de novo.

Marguerite:

- Uma criança barbada, enrugada, feia. Como vocês são indulgentes!

Juliette, *para Marguerite*:

- Não se coloque no lugar dele.

O rei:

- Fale comigo, ao contrário, fale. Cerquem-me, me segurem. Apoiem-me. Não, eu quero fugir.

Ele se levanta com dificuldade e se instala sobre um pequeno trono, à direita.

Juliette:

- Suas pernas não suportam mais.

O rei:

- Eu também tenho dificuldade em mover meus braços. Será que está começando? Não. Por que eu nasci se não iria viver para sempre? Malditos pais. Que ideia boba, que piada! Eu vim ao mundo faz cinco minutos, eu me casei há três minutos.

Marguerite:

- Faz duzentos e oitenta e três anos.

O rei:

- Eu subi ao trono faz dois minutos e meio.

Marguerite:

- Há duzentos e setenta e sete anos e três meses.

O rei:

- Não o tempo suficiente de dizer ufa! Eu não tive tempo de conhecer a vida.

Marguerite, *para o Médico:*

- Ele não fez nenhum esforço para isso.

Marie:

- Foi apenas um curto passeio por uma alameda florida, uma promessa não cumprida, um sorriso que se apagou.

Marguerite, *para o Médico, continuando:*

- No entanto, havia muitos sábios para lhe explicar. E teólogos, pessoas experientes e livros que jamais foram lidos.

O rei:

- Eu não tive tempo.

Marguerite, *para o rei:*

- Você dizia que tinha todo o tempo do mundo.

O rei:

- Eu não tive tempo, eu não tive tempo, eu não tive tempo.

Juliette:

- Ele está repetindo.

Marguerite, *para o Médico:*

- É a mesma coisa o tempo todo.

O Médico:

- Ele está melhor, Ele geme, chora, mas, ainda assim ele começa a raciocinar. Ele se queixa, exprime-se, protesta,, isso quer dizer que ele começa a se resignar.

O rei:

- Eu não vou me resignar jamais.

O Médico:

- Já que ele diz que não quer, é um sinal que ele vai se resignar. Ele está questionando a resignação. Ele se pergunta sobre o assunto.

Marguerite:

- Enfim!

O Médico:

- Majestade, você guerreou cento e oitenta vezes. Liderando o seu exército, participou de duas mil batalhas. Primeiro, sobre um cavalo branco com uma pluma vermelha e

branca muito vistosa e não teve medo. Em seguida, quando modernizou as forças armadas, em pé sobre um tanque de guerra ou sobre a asa de um avião caça treinando aviadores.

Marie:

- Foi um herói.

O Médico:

- Você esbarrou mil vezes na morte.

O rei:

- Eu a toquei simplesmente. Ela não era para mim, eu sentia.

Marie:

- Você era um herói, entendeu? Lembre-se.

Marguerite:

- Você se fez assassinar por este médico e algoz aqui presente...

O rei:

- Executado, não assassinado.

O Médico, para Marguerite:

- Executar, Majestade, não assassinar. Eu obedecia às ordens. Eu era um simples instrumento, um executor. Eu apenas executava, como uma eutanásia. Aliás, eu me arrependo. Perdão.

Marguerite, para o rei:

- Eu digo: você mandou massacrar meus pais, seus irmãos rivais, nossos primos, sobrinhos netos, suas famílias, seus amigos, suas cabeças de gado. Você mandou incendiar as suas terras.

O Médico:

- Sua Majestade dizia que eles iriam morrer, de qualquer modo, um dia.

O rei:

- Era por questões de Estado.

Marguerite:

- Você está morrendo também por uma questão de Estado.

O rei:

- Mas o Estado sou eu.

Juliette:

- Coitado! Que estado!

Marie:

Ele era a lei, acima da lei.

O rei:

- Eu não sou mais a lei.

O Médico:

- Ele está admitindo. Está cada vez melhor.

Marguerite:

- Isso facilita as coisas.

O rei, *gemendo*:

- Eu não estou mais acima das leis, eu não estou mais acima das leis.

O Guarda, *anunciando*:

- O rei não está mais acima das leis.

Juliette:

- Ele não está mais acima das leis, pobre velho. Ele está como nós. Eu diria meu avô.

Marie:

- Pobre criança, minha pobre criança.

O rei:

- Uma criança! Uma criança! Então vou recomeçar! (*Para Marie.*) Eu quero ser um bebê, você será minha mãe. Então não virão me buscar. Eu não sei ler, eu não sei escrever, eu não sei contar. Que alguém me leve para a escola com pequenos colegas. Quanto é dois mais dois?

Juliette:

- Dois mais dois são quatro.

Marguerite, *para o rei*:

- Você sabe.

O rei:

- Foi ela quem soprou... Infelizmente não podemos trapacear. Infelizmente, infelizmente, tanta gente nascendo neste momento, numerosos nascimentos no mundo inteiro.

Marguerite:

- Não no nosso reino.

O Médico:

- A natalidade está reduzida a zero.

Juliette:

- Nenhum vegetal cresce, nem uma erva.

Marguerite, *para o rei*:

- A esterilidade é absoluta por causa de você.

Marie:

- Eu não quero que o arrasem.

Juliette:

- Tudo voltará a crescer talvez.

Marguerite:

- Quando ele aceitar, sem ele.

O rei:

- Sem mim, sem mim. Eles vão rir, eles vão se empanturrar, eles vão dançar sobre a minha tumba. Eu nunca teria existido. Ah, que se lembrem de mim. Que chorem, que se desesperem. Que perpetuem a minha memória nos livros de história. Que todo mundo conheça a minha vida de cor. Que todos a revivam... Que os estudantes e os sábios tenham como único assunto a minha vida, meu reino, meus feitos. Que queimem todos os outros livros, que destruam todas as estátuas, que coloquem a minha em todos os lugares públicos. Minha imagem em todos os ministérios, em todos os gabinetes dos municípios, nas controladorias fiscais, nos hospitais. Que deem meu nome a todos os aviões, todos os navios, a todos os carros manuais e a vapor. Que todos os outros reis, guerreiros, poetas, tenores, filósofos sejam esquecidos e que haja somente eu em todas as consciências. Um só nome de batismo, um único sobrenome no mundo inteiro. Que aprendam a ler soletrando o meu nome: B-é-Bé, Bérenger. Que eu seja um ícone, que eu esteja sobre a cruz em milhares de igrejas que rezem missas por mim, eu seja a hóstia. Que todas as janelas iluminadas tenham a cor e a forma dos meus olhos, que os rios desenhem nas planícies o perfil do meu rosto! Que me chamem eternamente, que me supliquem, que me implorem.

Marie:

- Talvez você volte?

O rei:

- Talvez eu volte. Que guardem o meu corpo intacto no palácio, sobre o trono, que me tragam comida. Que os músicos toquem para mim, que virgens rolem aos meus pés frios.

O rei levantou-se para falar este trecho.

Juliette, *para Marguerite*:

- É delírio Madame.

O Guarda, *anunciando*:

- Sua Majestade, o rei, está delirando.

Marguerite:

- Ainda não. Ele ainda tem noção das coisas. Às vezes noção até demais, às vezes não muito.

O Médico, *para o rei*:

- Se for a sua vontade, nós vamos embalsamá-lo para que o corpo fique conservado.

Juliette:

- Quanto pudermos.

O rei:

- Que horror! Eu não quero ser embalsamado. Eu não quero este cadáver. Eu não quero que me queimem! Eu não quero que me enterrem, não me joguem aos urubus nem às feras. Eu quero que me deixem em braços quentes e jovens, que me deixem em braços carinhosos e firmes.

Juliette:

- Ele não sabe muito bem o que quer.

Marguerite:

- Nós decidiremos por ele. *(Para Marie.)* Não desmaie. *(Juliette chora.)* Esta também. É sempre assim.

O rei:

- Se lembrarem de mim será por quanto tempo? Que todos se lembrem até o final dos tempos e após o fim dos tempos, por vinte mil anos, por duzentos e cinquenta e cinco bilhões de anos... Cada pessoa. Eles esquecerão antes. Egoístas, todos eles. Eles só pensam na própria vida na própria pele. Não na minha. Se toda a terra desaparecer, isso acontecerá, se todos os universos explodirem, eles explodirão, seja amanhã ou dentro de séculos e séculos; dá no mesmo. O que tem que terminar já está terminado.

Marguerite:

- Tudo é ontem.

Juliette:

- Até mesmo hoje era ontem.

O médico:

- Tudo é passado.

Marie:

- Meu querido, meu rei, não existe passado, não existe futuro. Diga a si mesmo, há apenas um presente até o fim, tudo é presente, esteja no presente. Esteja no presente.

O rei:

- Infelizmente! Eu só estou presente no passado.

Marie:

- Mas não.

Marguerite, *para o rei*:

- É isso, seja lúcido, Bérenger.

Marie:

- Sim, seja lúcido, meu rei, meu querido. Não se atormentes mais. Existir é apenas uma palavra, morrer é apenas uma palavra, formas, ideias que criamos. Se você compreender isso, nada poderá lhe abalar... Controle-se, tenha calma, não perca o foco e ignore qualquer tipo de coisa. Você é, agora, você é. Não seja apenas uma interrogação infinita: o que é isso, o que é aquilo, o que é aquilo outro... A impossibilidade de responder é a própria resposta. É o seu ser que expande e se espalha. Deixe-se ser levado pela admiração e pela surpresa sem limites; assim você pode ser também ilimitado, assim você pode ser infinito. Fique extasiado, deslumbrado. Tudo é estranho e indefinível. Afaste as grades da prisão, empurre suas paredes, fuja das definições e você vai respirar.

O Médico:

- Ele está sufocando.

Marguerite:

- O pavor lhe tapa o horizonte.

Marie:

- Deixe-se inundar pela alegria, pela luz e contemple-a e deslumbre-se. O deslumbramento penetra na carne e nos ossos como um fluxo, como um rio de luz brilhante. Se você quiser.

Juliette:

- Ele vai querer.

Marie, *esfregando as mãos; em tom de súplica*:

- Lembre-se, eu lhe suplico, daquela manhã de junho na beira do mar, quando nós estávamos juntos, a felicidade o iluminava, o inundava. Você sentiu esta felicidade, você disse que ela estava lá, inalterada, fecunda, inesgotável. Se você disse isso, está dito. Esta aurora resplandecente estava em você, ela ainda está. Encontre-a em você mesmo. Procure-a.

O rei:

- Eu não entendo.

Marie:

- Você não entende mais.

Marguerite:

- Ele nunca se entendeu.

Marie:

- Controle-se.

O rei:

- Como chegar lá? Ninguém pode ou então não quer me ajudar. Eu mesmo já não posso me ajudar. Ô sol, ajude-me sol, capture as sombras e impeça a noite de cair. Sol, sol clareie todas as tumbas, penetre em todos os cantos escuros, em todos os buracos e recantos, penetre em mim. Ah! Meus pés começam a esfriar, venha me aquecer, entre no meu corpo, sob a minha pele, nos meus olhos. Reacenda a luz fraca dos meus olhos. Que eu veja, que eu veja, que eu veja. Sol, sol, você lamentará por mim? Pequeno sol e bom sol, proteja-me. Seque e mate o mundo inteiro se for preciso um pequeno sacrifício. Que todos morram desde que eu viva eternamente, mesmo só no deserto sem fronteiras. Eu me virarei com a solidão. Eu guardarei a lembrança dos outros, eu lamentarei profundamente. Eu posso viver na imensidão transparente do vazio. É melhor se lamentar do que lamentarem por mim. Além disso, não somos os outros. Luz dos dias, socorro!

O Médico, *para Marie*:

- Não era desta luz de que você falava. Não era deste deserto a longo prazo que você sugeria. Ele não compreendeu a sua fala, ele não pode mais, pobre mente.

Marguerite:

- A intervenção foi em vão. Não foi um bom caminho.

O rei:

- Que eu exista mesmo com dor de dente durante séculos e séculos. Infelizmente, o que tem que terminar já terminou.

O Médico:

- Então, Majestade, o que o senhor espera?

Marguerite:

- Há apenas o seu discurso que não termina mais. (*Mostrando a rainha Marie e Juliette.*) E essas duas mulheres que estão chorando. Isso faz com que ele fique preso, agarrado, afundado, colado, sem ação.

O rei:

- Não, não choram muito ao meu redor, não reclamam muito por mim o bastante. Também não se angustiam o bastante por mim. (Para Marguerite.) Que não lhes impeçam de chorar, de gritar, de terem piedade do rei, do jovem rei, do pobre pequeno rei, do velho rei. Eu sinto pena quando penso que elas sentirão minha falta e que não me verão mais, que elas serão abandonadas e que ficarão sozinhas. Sou eu quem ainda pensa nos outros, em todos. Quero que vocês entrem em mim, que sejam eu, que entrem em meu corpo. Eu estou morrendo, vocês estão ouvindo, eu quero dizer que eu estou morrendo, eu não consigo dizer, eu só faço drama.

Marguerite:

- Ainda!

O Médico:

- Suas palavras não merecem ser registradas. Nada de novo.

O rei:

- Eles são todos estranhos, eu acreditava que eles eram a minha família. Eu tenho medo, estou me afundando, me devorando, eu não sei mais nada, eu não fui. Eu estou morrendo.

Marguerite:

- Isso é fazer drama.

O Médico:

- Nós fazemos drama até o último momento. Enquanto estamos vivos, tudo é pretexto para se fazer drama.

Marie:

- Mas se isso pode aliviá-lo.

O Guarda, *anunciando*:

- Fazer drama alivia um pouco o rei.

O rei:

- Não, não. Eu sei, nada me alivia. Ele me enche e me esvazia. Ah, lá, lá, lá, lá, lá, lá. *(Lamentações. Logo uma declamação, como se ele gemesse lentamente.)* Todos vocês, incontáveis que morreram antes de mim, ajudem-me. Digam-me como fizeram para morrer, para aceitar. Ensinem-me. Que o exemplo de vocês me console, que eu me apoie em vocês como sobre muletas, como sobre os seus braços fraternais. Ajudem-me a cruzar a porta que vocês cruzaram. Venham para este lado um instante para me socorrer. Ajudem-me, vocês que tiveram medo e que também não quiseram. Como tudo se passou? Quem os apoiou? Quem os conduziu, quem os empurrou? Vocês tiveram medo até o fim? E vocês, que foram fortes e corajosos, que concordaram em morrer com indiferença e serenidade, ensinem-me a indiferença, ensinem-me a serenidade, ensinem-me a ter resignação.

As réplicas que seguem devem ser ditas e representadas como em um ritual, de uma forma solene, quase cantadas, com movimentos diversos dos atores, ajoelhamentos, braços estendidos, etc.

Juliette:

- Vocês as estátuas, os iluminados, ou os tenebrosos, os anciãos, as sombras, as lembranças...

Marie:

- Ensinem-lhe a serenidade.

O Guarda:

- Ensinem-lhe a indiferença.

O Médico:

- Ensinem-lhe a resignação.

Marguerite:

- Façam com que ele tome consciência e se acalme.

O rei:

- Vocês, suicidas, ensinem-me como fazer para adquirir o desgosto pela existência. Ensinem-me o esgotamento. Que droga é necessário tomar para isso?

O Médico:

- Eu posso prescrever pílulas para a euforia e tranquilizantes.

Marguerite:

- Ele as vomitaria.

Juliette:

- Vocês, as lembranças...

O Guarda:

- Vocês, velhas imagens...

Juliette:

- Que existem apenas na memória...

O Guarda:

- Lembranças das lembranças das lembranças...

Marguerite:

- Ele tem que aprender a ceder um pouco e então se abandonar totalmente.

O Guarda:

- ... Nós os invocamos.

Marie:

- Vocês, névoas, você, orvalho.

Juliette:

- Você, a fumaça, vocês, as nuvens...

Marie:

- Vocês, os santos, os sábios, os loucos, ajudem-no, pois não posso ajudá-lo.

Juliette:

- Ajudem-no.

O rei:

- Vocês que morreram contentes, que encararam a morte de frente, que assistiram ao próprio fim...

Juliette:

- Ajudem o rei.

Marie:

- Ajudem-no todos vocês, ajudem-no, eu vos suplico.

O rei:

- Vocês, mortos felizes, vocês viram que rosto perto do seu? Qual sorriso os aliviou e os fez sorrir? Qual última luz os iluminou?

Juliette;

- Ajudem-no, vocês, bilhões de defuntos.

O Guarda;

- Oh! Grande vazio, ajude o rei.

O rei:

- Bilhões de mortos. Eles multiplicam a minha agonia. Eu sou a angústia deles. Minha morte é incontável. Tantos universos morrem em mim.

Marguerite:

- A vida é um exílio.

O rei:

- Eu sei, eu sei.

O Médico:

- Em suma, Majestade, você retornará para sua casa.

Marie:

- Você irá para onde estava antes de nascer. Não tenha tanto medo. Você deve conhecer esse lugar, de um modo obscuro, certamente.

O rei:

- Eu amo o exílio. Eu sou um expatriado, eu não quero retornar para casa. Que mundo era esse?

Marguerite:

- Lembre-se, faça um esforço.

O rei:

- Eu não vejo nada, eu não vejo nada.

Marguerite:

- Lembre-se, vamos, pense, reflita. Pense; pense; ora; você nunca pensou nisso.

O Médico:

- Ele nunca pensou nisso.

Marie:

- Outro mundo, mundo perdido, mundo esquecido, mundo escondido que volta à superfície.

Juliette:

- Outra planície, outra montanha, outros vales...

Marie:

- Lembre-lhe o seu nome.

O rei:

- Nenhuma lembrança deste lugar³.

Juliette:

- Ele não lembra o seu lugar.

O Médico:

- Ele está muito fraco, ele não está bem.

O rei:

- Nenhuma nostalgia, mesmo tênue, mesmo fugidia que seja.

Marguerite:

- Afunde nas suas lembranças, mergulhe na ausência das lembranças, além das lembranças. (*Para o Médico.*) Ele só tem arrependimentos para este mundo aqui.

Marie:

- Lembranças além das lembranças, apareçam para ele, ajudem-no.

O Médico:

- Para fazê-lo mergulhar nas lembranças é toda uma história.

Marguerite:

- Tem que ser assim.

O Guarda:

- Sua Majestade nunca foi um batiscafo.

Juliette:

- Que pena, ele não foi treinado.

Marguerite:

- Ele precisa aprender a profissão.

O rei:

- Quando ela está em perigo de morte, a menor formiga se debate, ela é abandonada, bruscamente arrancada da sua coletividade. E com ela todo o universo se apaga. Não é natural morrer, porque não queremos. Eu quero ser.

Juliette:

- Ele quer ser eterno, ele só conhece isso.

Marie:

- Ele sempre foi.

Marguerite:

³ Frase original: *Aucun souvenir de cette patrie*. A palavra “*patrie*” foi traduzida como lugar pois remete a algo que é nossa origem, nossa raiz.

- Ele não pode mais olhar ao redor, para não se agarrar ainda mais às imagens. É preciso que ele mergulhe nele mesmo e se tranque lá dentro. (*Para o rei.*) Não fale mais, cale-se, concentre-se em você mesmo. Não olhe mais ao redor, isso lhe fará bem.

O rei:

- Eu não quero mais este bem.

O Médico, *para Marguerite*:

- Ainda não chegamos a esse momento. Ele não pode agora. Vossa Majestade deve impulsioná-lo, evidentemente, mas não muito forte ainda.

Marguerite:

- Não é fácil, mas nós temos paciência.

O Médico:

- Nós temos certeza do resultado.

O rei:

- Doutor, doutor, a agonia começou?... Não, vocês se enganaram... ainda não... ainda não. (*Espécie de suspiro de alívio.*) A agonia ainda não começou. Eu estou, eu estou aqui. Eu vejo, há estas paredes, os móveis, o ar, eu vejo os olhares, as vozes chegam aos meus ouvidos, eu vivo, eu me dou conta das coisas, eu vejo, eu escuto, eu vejo, eu escuto. As bandas!

Uma espécie de banda toca suavemente. Ele caminha.

O Guarda:

- O rei caminha. Viva o rei!

O rei cai.

Juliette:

- Ele caiu.

O Guarda:

- O rei caiu, o rei está morrendo.

O rei se levanta.

Marie:

- Ele se levantou.

O Guarda:

- O rei se levantou, viva o rei!

Marie:

- Ele se levantou.

O Guarda:

- Viva o rei! (*O rei caiu.*) O rei morreu.

Marie:

- Ele está se levantando. (*Ele se levanta de fato.*) Ele está vivo.

O Guarda:

- Viva o rei!

O rei se dirige para o trono.

Juliette:

- Ele quer sentar em seu trono.

Marie:

- Ele reina! Ele reina!

O Médico:

- E agora é o delírio.

Marie, *para o rei, que tenta escalar os degraus do trono cambaleando:*

- Aguarde firme, agarre-se. (*Para Juliette que vem ajudá-lo.*) Deixe! Ele pode fazer isso sozinho.

Ele não consegue escalar os degraus do trono.

O rei:

- Entretanto, eu tenho minhas pernas.

Marie:

- Avance.

Marguerite:

- Ainda nos restam trinta e dois minutos e trinta segundos.

O rei:

- Eu vou me levantar.

O Médico:

- É o penúltimo sobressalto.

Ele falou para Marguerite. O rei cai sentado na cadeira de rodas que Juliette acaba de trazer. Juliette o cobre e coloca uma bolsa de água quente. Ele diz ainda.

O rei:

- Eu me levanto.

A bolsa de água quente, a coberta etc... trazidos por Juliette aparecem pouco a pouco em cena.

Marie:

- Você está com falta de ar, você está cansado, descanse e logo se levantará.

Marguerite, *para Marie*:

- Não minta, isso não o ajudará.

O rei, *na sua cadeira*:

- Eu amava a música de Mozart.

Marguerite:

- Você esquecerá.

O rei, *para Juliette*:

- Você ajeitou a minha calça? Você pensa que não vale mais a pena? Havia um furo no meu manto vinho. Você consertou? Você costurou os botões que faltavam no meu pijama? Você mandou mudar a sola dos meus chinelos?

Juliette:

- Não pensei mais nisso.

O rei:

- Você não pensou mais? Em que você pensa? Diga-me, o que faz seu marido?

Ela pôs ou põe a vestimenta de enfermeira e um avental branco.

Juliette:

- Eu sou viúva.

O rei:

- Em que você pensa quando faz a limpeza?

Juliette:

- Em nada, Majestade.

Tudo o que for dito ao rei nesta cena deve ser dito com certo torpor, estupefação, em vez de dizer com ar de idiota.

O rei:

- De onde você vem? Quem é sua família?

Marguerite, *para o rei*:

- Mas isso nunca o interessou.

Marie:

- Ele nunca teve tempo de perguntar a ela.

Marguerite, *para o rei*:

- Isso realmente não o interessa.

O Médico:

- Ele quer ganhar tempo.

O rei, *para Juliette*:

- Conte-me sobre a sua vida, como você vive?

Juliette:

- Eu vivo mal, Senhor.

O rei:

- Não podemos viver mal. Isso é uma contradição.

Juliette:

- A vida não é nada fácil.

O rei:

- Ela é a vida.

Não é um verdadeiro diálogo, o rei está falando a ele mesmo.

Juliette:

- No inverno quando me levanto, ainda é noite, eu estou gelada.

O rei:

- Eu também. Mas não é o mesmo frio. Você não gosta de sentir frio?

Juliette:

- No verão, quando eu me levanto, apenas começou a raiar o dia. A claridade ainda é pouca.

O rei, *com um certo júbilo*:

- A luz é pouca! Há muitos tipos de claridade: a azul, a rosa, a branca, a verde, a turva!

Juliette:

- Eu lavo a roupa de toda a casa na lavanderia. Minhas mãos estão estragadas, a pele está rachada.

O rei, *com júbilo*:

- Isso faz mal, sentimos o cheiro da sua pele. Ainda não compraram uma máquina de lavar para você? Marguerite: não há máquina de lavar em um palácio?

Marguerite:

- Nós tivemos que deixar como garantia para um empréstimo.

Juliette:

- Eu esvazio as jarras que ficam nos quartos. Eu arrumo as camas.

O rei:

- Ela faz as camas! Nós nos deitamos, dormimos, acordamos. Você percebeu que acorda todo dia? Acordar todos os dias... Viemos ao mundo a cada manhã.

Juliette:

- Eu esfrego o assoalho. Eu varro, varro e varro. Nunca termina.

O rei, *com júbilo*:

- Isso não termina!

Juliette:

- Eu sinto dor nas costas.

O rei:

- É verdade, ela tem costas. Nós temos costas.

Juliette:

- Tenho dor nos quadris.

O rei:

- Quadris também!

Juliette:

- Depois que o jardineiro foi embora, eu cavo, desenterro e semeio a terra.

O rei:

- E cresce!

Juliette:

- Não aguento mais de cansaço.

O rei:

- Você deveria ter-nos dito.

Juliette;

- Mas eu disse.

O rei:

- Verdade! Tantas coisas me escaparam. Eu não soube de tudo. Eu não estava em todos os lugares. Minha vida poderia ter sido plena.

Juliette:

- Meu quarto não tem janela.

O rei, *com o mesmo ar de júbilo*:

- Não tem janela! Então saímos e procuramos a luz. Vamos encontrá-la, e sorrir para ela. Para sair você gira a chave na porta, e abre a porta, você gira de novo a chave e fecha a porta. Onde você mora?

Juliette:

- No sótão.

O rei:

- Para descer você usa a escada, você desce um degrau, depois outro, depois outro e outro. Para se vestir você teria colocado meia-calça, chinelos.

Juliette:

- Chinelos gastos!

O rei:

- Um vestido. É extraordinário!...

Juliette:

- Um vestido feio e barato.

O rei:

- Você não sabe o que diz. Como é belo um vestido feio.

Juliette:

- Eu tive um abscesso na boca, me arrancaram um dente.

O rei:

- Nós sofremos muito. A dor se atenua e desaparece. Que alívio! E depois ficamos muito contentes.

Juliette:

- Eu estou cansada, cansada, cansada.

O rei:

- Depois repousamos, é bom.

Juliette;

- Eu não tenho lazer.

O rei:

- Você pode esperar que terá....Você vai caminhar, pega uma cesta, então vai fazer compras. Você dá bom dia ao senhor da mercearia.

Juliette:

- Um velho obeso, ele é horrível. Tão feio que espanta os gatos e os pássaros.

O rei:

- Como é maravilhoso. Você pega a moedeira, paga e te dão o troco. No mercado, há alimentos de todas as cores, folha verde, cerejas vermelhas, uvas alaranjadas, berinjela violeta... todo o arco-íris! Extraordinário, incrível. Um conto de fadas.

Juliette:

- Depois volto para casa... Pelo mesmo caminho.

O rei:

- Duas vezes por dia pelo mesmo caminho! Lá em cima o céu! Você pode olhar para o céu duas vezes por dia. Respire. Você nunca pensa que respira. Pense nisso. Lembre-se. Eu tenho certeza que você não presta atenção na respiração. Ela é um milagre.

Juliette:

- E depois, depois eu lavo a louça da véspera. Pratos cheios de gordura e depois tenho que cozinhar.

O rei:

- Que alegria!

Juliette:

- Ao contrário, isso me aborrece. Estou de saco cheio.

O rei:

- Isso a aborrece! Há pessoas que não compreendo. É bom também ficar entendido, e também não se entediar, e ficar com raiva, e não ficar com raiva, ficar insatisfeito e satisfeito, se resignar e reivindicar. A gente se agita, e as pessoas falam com você e você fala com elas. Você toca nas pessoas e elas tocam em você. Um dia de feriado, uma festa eterna.

Juliette:

- De fato, não termina nunca. Depois tenho que servir a mesa.

O rei, *com o mesmo ar de júbilo*:

- Você serve a mesa! Você serve a mesa! O que você serve?

Juliette:

- A comida que eu preparei.

O rei:

- O quê, por exemplo?

Juliette:

- Eu não sei, o prato do dia, cozido!

O rei:

- Cozido!... Cozido!

O rei sonhando.

Juliette:

- É uma refeição completa.

O rei:

- Eu amava tanto cozido; com legumes, batatas, couve-flor e cenouras, que misturamos e amassamos com o garfo e ainda a água das verduras para fazer o pirão.

Juliette:

- Nós podemos lhe trazer.

O rei:

- Que me tragam.

Marguerite:

- Não.

Juliette:

- Mas lhe dará prazer.

O Médico:

- Não é bom para a saúde, ele está de dieta.

O rei:

- Eu quero cozido.

O Médico:

- Não é recomendado para a saúde dos que estão morrendo.

Marie:

- Talvez seja o seu último desejo.

Marguerite:

- Ele precisa se desapegar.

O rei, *sonhando*:

- Aquele caldo... batatas quentes ... as cenouras bem cozidas.

Juliette:

- Ele ainda está jogando com as palavras.

O rei, *com ar cansado*:

- Eu nunca havia reparado que as cenouras eram tão belas. *(Para Juliette.)* Vá correndo matar as duas aranhas que estão no meu quarto. Eu não quero que elas sobrevivam a mim. Não, não as mate. Elas talvez tenham algo de mim... Ele morreu, o cozido... desapareceu no Universo. Nunca existiu cozido.

O Guarda, *anunciando:*

- Cozido está protegido em toda a extensão do reino.

Marguerite:

- Enfim! Alguma coisa foi feita! Ele desistiu. Nós devemos começar pelos desejos menos importantes. É preciso saber se controlar com classe, sim, já podemos começar. Lentamente, como um curativo sobre uma ferida aberta, um curativo que começamos a retirar pelas bordas mais distantes do centro da ferida. *(Aproximando-se do rei.)* Enxugue o suor do rei, Juliette, ele está todo molhado. *(Para Marie.)* Não, você não.

O Médico, *para Marguerite:*

- É seu pavor indo embora pouco a pouco através dos poros. *(Ele examina o doente enquanto Marie pode ficar de joelhos cobrindo o rosto com as mãos.)* Vejam, sua temperatura baixou, ele não tem mais arrepios, os seus cabelos, que estavam arrepiados, já abaixaram. Ele ainda não está habituado ao pavor, mas ele pode enxergá-lo dentro de si, é por isso que ele fica de olhos fechados. Ele os abrirá. Os traços estão desfeitos, mas reparem como as rugas e a velhice se instalam em seu rosto. Ele já está se entregando. Ele ainda terá momentos de agitação, mas virão menos rápido. Mas ele não terá mais cólicas de pavor, isso poderia ser uma desonra. Ele ainda terá momentos de pavor, de puro pavor, mas sem complicações abdominais. Não podemos esperar uma morte exemplar. Porém, isso será pouco a pouco mais aceitável. Ele morrerá pela sua morte e não por seu pavor. Mas, mesmo assim, será necessário ajudá-lo, Majestade, é preciso cooperar até o último segundo, até o último suspiro.

Marguerite:

- Eu o ajudarei. Eu o ajudarei a partir. Eu o ajudarei na sua passagem. Eu desatarei todos os nós, eu desembaraçarei o novelo embaraçado, eu o livrarei dessa erva daninha teimosa, enorme, que se agarra a ele.

O Médico:

- Isso não será fácil.

Marguerite:

- Onde ele pode encontrar tantas ervas ruins, todas estas ervas daninhas?

O Médico:

- Pouco a pouco, elas cresceram com os anos.

Marguerite:

- Você está se tornando sábio, Majestade. Está mais tranquilo?

Marie, *levantando-se em direção ao rei*:

- Enquanto ela não estiver aqui, você estará. Quando ela chegar, você não estará, você não a encontrará, não poderá mais vê-la.

Marguerite:

- As mentiras da vida, os velhos sofismas! Nós conhecemos bem. Sempre estiveram presentes desde o primeiro dia, desde o início. Ela cresce, como a flor que floresce, o único fruto.

Marie, *para Marguerite*:

- Isso é a verdade primeira, nós também a conhecemos.

Marguerite:

- É a verdade primeira, e a última. Não é doutor?

O Médico:

- As duas coisas são verdadeiras, depende do ponto de vista.

Marie, *para o rei*:

- Antes você acreditava em mim.

O rei:

- Estou morrendo.

O Médico;

- Ele mudou o seu ponto de vista. Mudou de posição.

Marie:

- É preciso olhar os dois lados, olhar o meu lado também.

O rei:

- Eu estou morrendo. Eu não posso. Eu estou morrendo.

Marie:

- Ah! Estou perdendo o meu poder sobre ele.

Marguerite, *para Marie*:

- O seu charme, e sua sedução não fazem mais efeito.

O Guarda, *anunciando*:

- O charme da rainha Marie não faz mais efeito sobre o rei.

Marie, *para o rei*:

- Você me amava, você ainda me ama, eu o amo sempre.

Marguerite:

- Ela só pensa em si.

Juliette:

- Mas é natural.

Marie:

- Eu ainda o amo, ainda o amo.

O rei:

- Eu não sei mais, isso não me ajuda.

O Médico:

- O amor é uma loucura.

Marie, *para o rei*:

- O amor é uma loucura. Mas se é loucura, se você ama insanamente, se você ama absolutamente, a morte se afasta. Se você me ama, se você ama tudo, o medo se dissipa. O amor o conduz, você se abandona e o medo vai embora. O Universo fica intacto, tudo ressuscita, a vida torna-se plena.

O rei:

- Eu estou pleno, mas de buracos. Estou sendo corroído, os buracos aumentam, eles não têm fundo. Eu tenho vertigens quando eu me debruço sobre eles, eu estou no fim.

Marie:

- Não é o fim, os outros amarão por você, os outros olharão o céu em seu lugar.

O rei:

- Estou morrendo.

Marie:

- Entre nas pessoas, seja os outros. Isso existirá sempre...isso, isso.

O rei:

- Isso o quê?

Marie:

- Tudo isso é. Isso não perece.

O rei:

- Ainda há, ainda há... há tão pouco

Maire:

- As jovens gerações fazem o Universo aumentar.

O rei:

- Estou morrendo.

Marie:

- Constelações são conquistadas.

O rei:

- Estou morrendo.

Marie:

- Os imprudentes arrombam as portas dos céus.

O rei:

- Que eles a destruam.

O Médico:

- Eles estão também fabricando o elixir da imortalidade.

O rei, *para o Médico*:

- Incapaz! Por que você mesmo não inventou um antes?

Marie:

- Novos astros estão surgindo.

O rei:

- Estou furioso.

Marie:

- São estrelas novas. Estrelas virgens.

O rei:

- Elas desaparecerão. Aliás, para mim tanto faz.

O Guarda, *anunciando*:

- Nem as antigas, nem as novas constelações interessam mais à Sua Majestade, o rei Bérenger!

Marie:

- Uma nova ciência nasce.

O rei:

- Eu estou morrendo.

Marie:

- Uma nova sabedoria substituirá a antiga, uma loucura maior, uma maior ignorância, completamente diferente, completamente semelhante. Que isto o console, que lhe dê prazer.

O rei:

- Tenho medo, estou morrendo.

Marie:

- Você preparou tudo isso.

O rei:

- Não fiz de propósito.

Marie:

- Você foi uma etapa, um elemento, um precursor. Você faz parte de todas as construções. Você conta. Você será levado em conta.

O rei:

- Não serei o contador. Estou morrendo.

Marie:

- Tudo o que foi será, tudo o que será é, tudo o que será foi. Você estará para sempre inscrito nos registros universais.

O rei:

- Quem consultará os registros? Estou morrendo. Que tudo morra, não, que tudo fique, não, que tudo morra porque a minha morte não pode preencher os mundos! Que tudo morra. Não, que tudo fique.

O Guarda:

- Sua Majestade quer que todo o resto, viva.

O rei:

- Não, que tudo morra.

O Guarda:

- Sua Majestade quer que tudo morra.

O rei:

- Que tudo morra comigo, não, que tudo viva após minha morte. Não, que tudo morra. Não, que tudo fique. Não, que tudo morra, que tudo fique, que tudo morra.

Marguerite;

- Ele não sabe o que quer.

Juliette:

- Eu creio que ele não sabe mais o que quer.

O Médico:

- Ele não sabe mais o que quer. Seu cérebro está se degenerando, é a senilidade, a demência.

O Guarda, *anunciando*:

- Sua Majestade tornou-se sen....

Marguerite, *para O Guarda, interrompendo-o*:

- Imbecil, cale a boca. Não dê notícias da saúde de rei para a imprensa. Isso faria com que todos rissem, aqueles que ainda podem escutar e rir. Isso dá prazer aos outros, eles pegam suas palavras por códigos.

O Guarda, *anunciando*:

- Boletins sobre a saúde do rei estão suspensos, por ordem de Sua Majestade a rainha Marguerite.

Marie, *para o rei*:

- Meu rei, meu pequeno rei...

O rei:

- Quando eu tinha pesadelos e chorava dormindo, você me acordava, me abraçava e me acalmava.

Marguerite:

- Ela não pode mais fazer isso.

O rei, *para Marie*:

- Quando eu tinha insônia e saía do quarto, você acordava também. Você vinha me buscar na sala do trono, com sua camisola rosa cheia de flores e me levava para deitar de novo segurando a minha mão.

Juliette:

- Com meu marido, é parecido.

O rei:

- Eu dividia com você o meu resfriado, a minha gripe.

Marguerite:

- Você não terá mais resfriado.

O rei:

- Nós abríamos os olhos ao mesmo tempo de manhã. Eu fecharei meus olhos sozinho ou cada um do seu lado. Nós pensávamos as mesmas coisas ao mesmo tempo. Você

terminava a frase que eu havia começado na minha cabeça. Eu a chamava para esfregar as minhas costas quando tomava banho. Você escolhia as minhas gravatas. Eu nem sempre gostava, nós tínhamos conflitos a esse respeito. Ninguém nunca soube, ninguém nunca saberá.

O Médico:

- Isso não é muito importante.

Marguerite:

- Que pequeno burguês. Realmente isso não deve ser conhecido pelos outros.

O rei, para Marie:

- Você não gostava de me ver despenteado. Você me penteava.

Juliette:

- É muito delicado tudo isso.

Marguerite, *para o rei*:

- Você não estará mais despenteado.

Juliette:

- Mesmo assim, isso é muito triste.

O rei:

- Você limpava a minha coroa e esfregava as pérolas para que elas ficassem brilhantes.

Marie, *para o rei*:

- Você me ama? Você me ama? Eu ainda o amo. Você ainda me ama? Ele me ama ainda. Você me ama neste momento? Eu estou aqui...aqui, sou eu...olhe, olhe. Me olhe bem... me veja um pouco.

O rei;

- Eu me amo ainda, apesar de tudo eu me amo, eu ainda me sinto. Eu me vejo, eu me olho.

Marguerite, *para Marie*:

- Basta! (*Para o rei.*) Não olhe para trás. Te recomendo. Ou então apresse-se. Logo lhe darão ordens. (*Para Marie.*) Você não pode mais fazer bem para ele, eu lhe avisei.

O Médico, *olhando para o seu relógio*:

- Ele está atrasado... Ele está em um vai e volta.

Marguerite:

- Isso não é nada, não se preocupe senhor doutor, senhor carrasco. Este vai e volta estava previsto no programa.

O Médico:

- Com um bom ataque cardíaco não teríamos tido tantas histórias.

Marguerite:

- Ataques cardíacos são para homens de negócios.

O Médico:

- Ou bem uma pneumonia dupla!

Marguerite:

- Isso é para os pobres, não para um rei.

O rei:

- Eu posso decidir não morrer.

Juliette:

- Vocês estão vendo, ele não se curou.

O rei:

- Se eu decidisse não querer, se eu decidisse não querer, se eu decidisse não me decidir!

Marguerite:

- Nós podemos decidir por você.

O Guarda, *anunciando*:

- A Rainha e o doutor podem obrigar o rei a se decidir.

O Médico:

- É o nosso dever.

O rei:

- Quem pode lhes dar a decisão de tocar no rei, além do próprio rei?

Marguerite:

- A força nos dá permissão, a força das coisas, o Decreto supremo, as orientações.

O Médico:

- Agora somos nós o comando, as ordens.

O Guarda, *enquanto Juliette empurra o rei em sua cadeira de rodas e o leva a passear em torno do palco*:

- Majestade, meu comandante, foi ele quem inventou a pólvora. Ele roubou o fogo dos deuses e depois colocou o fogo na pólvora. Quase fez tudo explodir. Ele reteve tudo nas mãos, ele controlava tudo. Eu o ajudava, não era fácil. Ele não foi sensato. Ele instalou as primeiras serralherias na terra. Ele inventou a fabricação do aço. Ele trabalhava dezoito horas por dia e ele nos fazia trabalhar mais ainda. Ele era o engenheiro chefe. O Senhor engenheiro construiu o primeiro balão, depois o balão dirigível, em seguida o primeiro aeroplano. Não foi um sucesso logo de primeira. Os primeiros pilotos de prova, Ícaro e tantos outros, caíram no mar até o momento que ele mesmo decidiu pilotar. Eu era o seu mecânico, bem antes quando ele ainda era um pequeno príncipe, ele havia criado o carrinho de mão. Eu brincava com ele. Depois os trens, as estradas de ferro, o automóvel. Ele fez o projeto da Torre Eiffel, sem contar os moedores de cereais, a foice, o arado. *(Para o rei.)* Não é, Senhor Mecânico, o senhor se lembra?

O rei:

- Ah! Os tratores, eu havia esquecido.

O Guarda:

- Ele apagou vulcões e fez surgir outros. Ele construiu Roma, Nova York, Moscou, Genebra. Ele fundou Paris e fez revoluções, contrarrevoluções, religiões, a reforma, a contrarreforma.

Juliette:

- Ninguém diz olhando para ele.

O Guarda:

Ele escreveu a Ilíada e a Odisseia.

O rei:

- O que é um automóvel?

Juliette, *ainda empurrando o rei na sua cadeira de rodas:*

- Que anda sozinho.

O Guarda:

- Mas ao mesmo tempo, o senhor Historiador fez os melhores comentários sobre Homero e a época homérica.

O Médico:

- Neste caso, realmente, ele era o mais qualificado.

O rei:

- Eu fiz tudo isso! Isso é mesmo verdade?

O Guarda:

- Ele escreveu tragédias, comédias sob o pseudônimo de Shakespeare.

Juliette:

- Então ele era Shakespeare?

O Médico, *para o Guarda:*

- Você deveria ter nos dito, faz tempo que quebramos a cabeça para saber quem era.

O Guarda:

- Isso era um segredo. Ele me havia confiado. Ele inventou o telefone, o telégrafo e foi ele mesmo quem os instalou. Ele fazia tudo com as próprias mãos.

Juliette:

- Ele não sabia fazer mais nada. Para fazer o mínimo conserto, ele chamava o encanador.

O Guarda:

- Meu Comandante, você era tão habilidoso.

Marguerite:

- Ele não sabe mais colocar nem tirar os sapatos.

O Guarda:

- Não há muito tempo que ele inventou a energia atômica.

Juliette:

- Ele não sabe mais acender nem apagar uma lâmpada.

O Guarda:

- Majestade, meu Comandante, Mestre, senhor Diretor...

Marguerite, *para O Guarda:*

- Nós conhecemos todos os seus méritos passados. Não precisa mais falar nisso.

O Guarda retoma o seu lugar.

O rei, *enquanto passeia em sua cadeira de rodas:*

- O que é um cavalo?... Aqui são janelas, aqui paredes, aqui o chão.

Juliette:

- Ele reconhece as paredes.

O rei:

- Eu fiz muitas coisas. Quem disse que eu fiz? Eu não sei mais o que eu fiz. Eu esqueci, eu esqueci. (*Enquanto é empurrado na cadeira de rodas.*). Aqui é um trono.

Marie:

- Você se lembra de mim? Eu estou aqui, eu estou aqui.

O rei:

- Eu estou aqui. Eu existo.

Juliette:

-Ele não se lembra nem mesmo de um cavalo.

O rei:

Eu me lembro de um pequeno gato ruivo.

Marie:

- Ele está lembrando de um gato.

O rei:

- Eu tinha um pequeno gato todo ruivo. Ele era chamado de gato judeu. Eu o encontrei em um campo, roubado de sua mãe, um verdadeiro gato selvagem. Ele tinha quinze dias de nascido, talvez um pouco mais. Ele já sabia arranhar e morder e era feroz. Eu dava comida para ele, dava carinho e levava para passear. Ele se tornou um gato muito doce. Uma vez ele se escondeu na manga do casaco de uma senhora que nos visitava. Ele era o ser mais gentil, uma gentileza natural, um príncipe. Ele vinha nos saudar, olhos adormecidos, quando entrávamos no meio na noite. Ele ia se deitar cambaleando. Pela manhã ele nos acordava para deitar na nossa cama. Um dia, fechamos a porta e ele tentou abrir, ele empurrava com a traseira, ele ficou irritado, fez muito barulho e ficou zangado por uma semana. Ele tinha muito medo do aspirador de pó, era um gato medroso, indefeso, um gato poeta. Nós compramos para ele um rato mecânico e ele começou a cheirá-lo com um jeito inquieto. Quando demos corda e o rato começou a andar, ele mostrou os dentes, fugiu e se enroscou debaixo do armário. Quando ele cresceu, outros gatos rondavam em torno da casa chamando-o. Isso o enlouquecia, ele não se movia. Queríamos que ele conhecesse o mundo, nós o colocamos na calçada perto da janela. Ele ficou apavorado. Quando pombos ficavam em torno dele, ele tinha medo. Ele me chamava com desespero, gemendo, colado contra a parede. Os animais, outros gatos eram para ele figuras estranhas das quais ele desconfiava ou inimigos que metiam medo. Ele só se sentia bem com a gente. Nós éramos a sua família, ele não tinha medo dos seres humanos. Ele saltava sobre ombros das pessoas sem avisar, lambendo-lhes os cabelos. Ele pensava que nós éramos gatos e que os gatos eram outra coisa. Mesmo assim, um belo dia ele

deve ter pensado que deveria sair. O cachorro grande da vizinhança o matou. Ele era como um gato de brinquedo, como uma boneca ofegante, o olho vidrado, uma pata arrancada, sim, como uma boneca destruída por uma criança sádica.

Marie, *para Marguerite*:

- Você não deveria ter deixado a porta aberta, eu lhe avisei.

Marguerite:

- Eu detestava esta besta sentimental e covarde.

O rei:

- Eu só poderia lamentar! Ele era bom e belo, ele era sabido, todas as qualidades ele tinha. Ele me amava, ele me amava. Meu pobre gato, meu único gato.

Este discurso sobre o gato deve ser feito com um mínimo de emoção possível; o rei deverá dizê-lo, sobretudo, com um ar confuso, uma espécie de torpor, talvez, menos a última réplica, que deve exprimir angústia.

O Médico:

- Eu estou dizendo que ele está atrasado.

Marguerite:

- Estou observando. Ele ainda está dentro do tempo e digo que isso já era previsto.

O rei:

- Eu sonhava com ele... Que ele estava na chaminé, deitado sobre a brasa, Marie espantada que ele não se queimava; Eu respondia << os gatos não se queimam, eles são à prova de fogo>> Ele saiu da chaminé miando e se livrava de uma fumaça espessa, não era mais ele, que metamorfose! Agora era um outro gato, feio, gordo. Uma gata enorme. Como sua mãe, a gata selvagem, ele parecia Marguerite.

Juliette deixa o rei alguns minutos na sua cadeira de rodas, no meio do palco em frente da plateia.

Juliette:

- É doloroso tudo isso, apesar de tudo, é uma pena, era um rei tão bom.

Circulando.

O Médico:

- Ele não era conveniente. Bastante mau. Rancoroso. Cruel.

Marguerite:

- Vaidoso.

Juliette:

- Havia piores do que ele.

Marie:

- Ele era doce e terno.

O Guarda.

- Gostávamos dele.

O Médico, *para o Guarda e Juliette*:

- Entretanto vocês dois reclamavam dele.

Juliette:

- Vamos esquecer isso.

O Médico:

Eu tive que intervir por vocês várias vezes.

Marguerite:

- Ele escutava apenas a rainha Marie.

O Médico:

- Ele era duro, severo, entretanto não era justo.

Juliette:

- Nós o víamos tão pouco. Mas nós o víamos mesmo assim, nós o víamos frequentemente.

O Guarda:

- Ele era forte. Ele cortava cabeças, é verdade.

Juliette:

- Nem tanto.

O Guarda:

- Isso era pela saúde pública.

O Médico:

- Resultado: estamos cercados de inimigos.

Marguerite:

- Vocês entendem como isso está degradingolando. Nós não temos mais fronteiras, um abismo que aumenta nos separa dos países vizinhos.

Juliette:

- É melhor. Assim eles não podem nos invadir.

Marguerite:

- O abismo está crescendo. Embaixo há um buraco, em cima há um buraco.

O Guarda:

- Nós permaneceremos na superfície.

Marguerite:

- Por pouco tempo.

Marie:

- É melhor perecer com ele.

Marguerite:

- Nós não somos mais que uma superfície, nós seremos apenas um abismo.

O Médico:

- Tudo isso é culpa dele. Ele não queria deixar nada após sua partida. Ele não pensou nos seus sucessores. Após ele, o dilúvio. Pior que o dilúvio, após ele, nada. Um ingrato, um egoísta.

Juliette:

- *De mortui nihil nisi bene.*⁴

- Ele era um rei de um grande reino

Marie:

- Ele era o centro e o coração do reino.

Juliette:

- Ele era a essência.

O Guarda:

- O reino se estendia em torno dele até bem longe. Não víamos os limites.

Juliette:

- Ilimitado no espaço

Marguerite:

- Mas limitado no tempo. Ao mesmo tempo, infinito e efêmero.

Juliette:

- Ele era o príncipe, o primeiro assunto, ele era o pai e o filho. Ele foi coroado rei no mesmo momento do seu nascimento.

Marie:

- Os dois cresceram juntos, seu reino e ele.

Marguerite:

- Eles desaparecem juntos.

⁴ Expressão latina que significa "Não faleis senão bem dos mortos".

Juliette:

- Ele era o rei, mestre de todos os universos.

O Médico:

- Um mestre contestável. Ele não conhecia o seu reino.

Marguerite:

- Ele conhecia mal o seu reino.

Marie:

- Era muito extenso.

Juliette:

- A terra acaba junto com ele. Os astros desfalecem. A água desaparece. O fogo, o ar, um universo. Tantos universos desaparecem. Em qual guarda-roupa, em que adega, em que sótão podemos acomodar tudo isso? É preciso espaço.

O Médico:

- Quando os reis morrem, eles se fixam às paredes, às árvores, às fontes, à lua: eles se agarram...

Marguerite:

- E se despregam.

O Médico:

- Mas isso acaba, evapora, não resta nem uma gota, nem uma poeira, nem uma sombra.

Juliette:

- Ele leva tudo isso com ele.

Marie:

- Ele organizou bem o seu universo. Ele não era um mestre completo. Ele se tornaria um. Ele está morrendo cedo demais. Ele dividiu o ano em quatro estações. Ele foi bem organizado. Ele idealizou as árvores, as flores, os cheiros, as cores.

O Guarda:

- Um reino na medida do rei.

Marie:

- Ele inventou os oceanos e as montanhas: com quase cinco mil metros o “Mont Blanc”⁵.

O Guarda:

⁵ É a montanha mais alta dos Alpes, fica na Europa e mede 4.808,73 m.

- Com quase oito mil metros o Himalaia.

Marie:

- As folhas caíam das árvores e renasciam.

Juliette:

- Ele era muito esperto.

Marie:

- Desde o dia do seu nascimento ele criara o sol.

Juliette:

- E isso não foi suficiente ele ordenou que criassem o fogo.

Marguerite:

- Havia tantas coisas, ilimitadas, havia estrelas, o céu, os oceanos e as montanhas, havia planícies, rostos, prédios, quartos, camas, havia luz, noite, havia guerra e paz.

O Guarda:

- Havia um trono.

Marie:

- Havia a mão dele.

Marguerite:

- Havia um olhar, havia a respiração.

Juliette:

- Ele ainda está respirando.

Marie:

- Ele ainda está respirando porque eu estou aqui.

Marguerite, *para o Médico*:

- Ele ainda está respirando?

Juliette:

- Sim, Majestade. Ele ainda respira porque nós estamos aqui.

O Médico, *examinando o doente*:

- Sim, sim, é evidente. Ele ainda respira. Os rins não funcionam mais, mas o sangue ainda circula. Pois é, o sangue circula. Ele tem um coração forte.

Marguerite;

- Isso tem que ser consumado. Para que serve um coração que bate sem razão?

O Médico:

- De fato, um coração louco. Vocês compreendem? (*Podemos ouvir os batimentos descompassados do coração do rei*). Ele bate, bate forte, depois lentamente e logo volta a bater fortemente.

Os batimentos do coração do rei fazem o palácio tremer. A rachadura da parede aumenta, outras rachaduras aparecem. Uma parte da parede pode desmoronar e desaparecer.

Juliette:

- Meu Deus! Tudo vai desabar!

Marguerite:

- Um coração louco, um coração de louco!

O Médico:

- Um coração em pânico. Ele demonstra isso a todo mundo.

Marguerite, *para Juliette*:

- Logo vai se acalmar.

O Médico:

- Nós conhecemos todas as fases. É sempre assim desde que um universo começa a diminuir.

Marguerite, *para Marie*:

- É a prova de que seu universo não é único.

Juliette:

- Disso ele não tinha nenhuma dúvida.

Marie:

- Ele está me esquecendo. Neste momento, ele está me esquecendo. Eu sinto. Eu não sou mais nada se ele me esquecer. Eu não posso mais viver se eu não estou mais no seu coração perturbado. Continue, continue. Feche as mãos com toda força. Não me deixe.

Juliette:

- Ele não tem mais força.

Marie:

- Fique, não me deixe. Sou eu quem o faz viver. Eu quero fazê-lo viver, você me faz viver. Você compreende? Se você me esquecer, se você me abandonar, eu não posso mais existir, eu não sou mais nada.

O Médico:

- Ele será uma página de um livro de dez mil páginas que nós colocaremos em uma biblioteca onde haverá milhões de livros, uma biblioteca entre um milhão de bibliotecas.

Juliette:

- Para recuperar esta página não será nada fácil.

O Médico:

- Mas sim. Podemos encontra-la, em um catálogo, por ordem alfabética e por um sumário...até o dia em que a página será reduzida a pó... e ainda, poderá queimar antes, certamente. Sempre há incêndios em bibliotecas.

Juliette:

- Ele está cerrando os punhos. Ele está se agarrando à vida novamente, ele resiste. Ele está voltando a si.

Marie:

- Ele está voltando para mim.

Juliette, *para Marie*:

- Sua voz o acorda, ele está com os olhos abertos e olhando para você.

O Médico:

- Sim, seu coração ainda se agarra à vida.

Marguerite:

- Que estado para um agonizante. Em uma cama de espinhos. Em uma cerca de espinhos. Como tirá-lo de lá? (*Para o rei.*) Você está atolado na lama, você está emaranhado nos espinhos.

Juliette:

- Quando ele se desprender, os chinelos ficarão.

Marie:

- Fique comigo, segure em mim firme. Olhe para mim, eu olho para você.

O rei olha para Marie.

Marguerite:

- Ela está enrolando você. Não pense mais nela. Você ficará aliviado.

O Médico:

- Renuncie, Majestade. Abdique Majestade.

Juliette:

- Abdique então, porque é preciso.

Juliette empurra a cadeira de rodas do rei e para diante de Marie.

O rei:

- Eu ouço, eu vejo, quem é você? Você é minha mãe, minha irmã, você é minha mulher, minha filha, minha sobrinha, você é minha prima? Eu te conheço... No entanto, eu te conheço. (*O rei é colocado em frente à Marguerite*). Mulher impiedosa! Por que está perto de mim? Por que você está debruçada sobre mim? Vá embora, vá embora.

Marie:

- Não olhe para ela. Volte-se para mim, mantenha os seus olhos bem abertos. Espere. Eu estou aqui. Lembre-se. Eu sou Marie.

O rei, *para Marie*:

- Marie!?

Marie:

- Se você não se lembra mais, olhe para mim, aprenda novamente quem eu sou Marie, reconheça os meus olhos, reconheça o meu rosto, reconheça os meus cabelos, reconheça os meus braços.

Marguerite:

- Ele está sentindo pena de você, ele não pode reconhecer você novamente.

Marie, *para o rei*:

- Se eu não posso mais prendê-lo, volte-se para mim mesmo assim. Eu estou aqui. Guarde a minha imagem, leve-a com você.

Marguerite:

- Ele não poderia levá-la, ele não tem força suficiente, é muito pesado para uma sombra, a sombra do rei não pode ser destruída por outras sombras. O peso o faria desmoronar. Sua sombra sangraria, ele não poderia avançar. Ele precisa estar leve. (*Para o rei.*) Liberte-se, fique leve.

O Médico:

- Ele deve começar a soltar as amarras. Livre-se, Majestade.

O rei se levanta, mas há uma coisa nova, movimentos espasmódicos, um ar já de sonâmbulo. Esta aproximação meio sonâmbulo ficará cada vez mais clara.

O rei:

- Marie?

Marguerite, *para Marie*:

- Está vendo? Ele não compreende mais o seu nome.

Juliette, *para Marie*:

- Ele não compreende mais o seu nome, Majestade.

O Guarda, *sempre anunciando*:

- O rei não compreende mais o nome de Marie!

O rei:

- Marie!

Ao pronunciar esse nome o rei estendeu os braços, em seguida deixou-os cair.

Marie:

- Ele pronuncia o meu nome.

O Médico:

- Ele apenas repete sem compreender.

Juliette:

- É como um papagaio. São sílabas mortas.

O rei, *para Marguerite, voltado para ela*.

- Eu não te conheço, eu não te amo.

Juliette:

- Ele sabe o que significa não conhecer.

Marguerite, *para Marie*:

- É com minha imagem que ele partirá. Minha sombra não o cobrirá. Ele a deixará quando for necessário. Há um dispositivo que permitirá que ele se desligue sozinho. Apenas apertando sobre o botão podemos comandar à distância. (*Para o rei.*) Veja melhor.

O rei se vira para o público.

Marie:

- Ele não a vê.

Marguerite:

- Ele pode mais vê-la.

Marie desaparece de repente por um artifício cênico.

O rei:

- Ainda há... há...

Marguerite:

- Não veja mais o que há.

Juliette:

- Ele não vê mais.

O Médico, *examinando o rei*:

- De fato, *ele não vê mais*.

O médico moveu os dedos diante dos olhos do rei: ele também passou uma vela acesa, ou um isqueiro ou um fósforo, diante dos olhos de Bérenger. O seu olhar não reagiu mais.

Juliette:

- Ele não está vendo mais. O Médico constatou oficialmente.

O Guarda:

- Sua Majestade está oficialmente cego.

Marguerite:

- Ele olhará para si mesmo, ele verá melhor.

O rei:

- Eu vejo as coisas, eu vejo os rostos, as cidades e as florestas, eu vejo o espaço, eu vejo o tempo.

Marguerite:

- Veja mais longe.

O rei:

- Mais longe eu não posso.

Juliette:

- O horizonte o rodeia e o encarcera.

Marguerite:

- Lance o seu olhar além do que você vê. Atrás da estrada, através das montanhas, além da floresta que você nunca cultivou.

O rei:

- O oceano, eu não posso ir mais longe, eu não sei nadar.

O Médico:

- Falta de exercícios!

Marguerite:

- Apenas fachada. Vá mais ao fundo das coisas.

O rei:

- Eu tenho um espelho nas minhas entranhas, tudo se reflete, eu vejo cada vez melhor, eu vejo o mundo, eu vejo a vida que se vai.

Marguerite:

- Veja além dos reflexos.

O rei:

- Eu me vejo. Atrás de tudo, eu estou. Mais que eu em todos os lugares. Eu sou a terra, sou o céu, sou o vento, sou o fogo. Estou em todos os espelhos ou sou o espelho de tudo?

Juliette:

- Ele se ama demais

O Médico:

- Doença psíquica bastante conhecida: narcisismo.

Marguerite:

- Venha, aproxime-se.

O rei:

- Não há caminho.

Juliette:

- Ele escuta, ele vira a cabeça quando falamos. Ele presta atenção, ele estende a mão, estende a outra.

O Guarda:

- O que ele quer segurar?

Juliette:

- Ele quer um apoio.

Após alguns instantes, o rei avança sem enxergar, com um passo inseguro.

O rei:

- Onde estão as paredes? Onde estão os braços? Onde estão as portas? Onde estão as janelas?

Juliette:

- As paredes estão aqui, Majestade, estamos todos aqui. Eis aqui um braço.

Juliette conduz o rei para a direita, fazendo-o tocar a parede.

O rei:

- A Parede está aqui. O cetro!

Juliette dá o cetro ao rei.

Juliette:

- Aqui está o seu cetro, Majestade.

O rei:

- Guarda, onde está? Responda.

O Guarda:

- Sempre às suas ordens Majestade. Sempre às suas ordens. *(O rei dá alguns passos em direção ao Guarda. Ele toca o Guarda.)* Sim, eu estou aqui; claro que sim, eu estou aqui.

Juliette:

- Seus aposentos estão deste lado, Majestade.

O Guarda:

- Nós não o abandonaremos, eu juro.

O Guarda desaparece subitamente.

Juliette:

- Nós estamos aqui perto, nós ficaremos aqui

Juliette desaparece subitamente.

O rei:

- Guarda! Juliette! Respondam! Não estou mais escutando vocês. Doutor, Doutor, eu estou surdo?

- O Médico:

- Não, Majestade, ainda não.

O rei:

- Doutor!

O Médico:

- Perdoe-me, Majestade, tenho que ir. Eu sou obrigado. Lamento muito, desculpe-me.

O Médico se retira. Ele sai inclinando-se como uma marionete pela porta à esquerda ao fundo. Ele saiu de costas, curvando-se fortemente e sempre se desculpando.

O rei:

- Sua voz se distancia, o ruído de seus passos está ficando fraco, ele não está mais aqui!

Marguerite:

- Ele é médico, ele tem obrigações profissionais.

O rei, *estende as mãos*:

*Juliette antes de partir deverá colocar o trono em um canto para não empatar a
cena.*

- Onde estão os outros? *(O rei chega à porta esquerda à frente depois se dirige para
a porta direita também à frente.)* Eles saíram, eles me trancaram.

Marguerite:

- Toda essa gente o atrapalhava. Eles o impediam de ir e vir. Eles estavam
pendurados em você, eles se enfiavam entre as suas pernas. Admita, eles o
incomodavam. Agora será melhor. *(O rei caminha com mais facilidade.)* Quinze
minutos é o que lhe resta.

O rei:

- Eu precisava dos serviços deles.

Marguerite:

- Eu os substituo. Eu sou a rainha faz tudo.

O rei:

- Eu não lhes dei nenhuma folga. Faça-os voltar, chame-os.

Marguerite:

- Eles foram desligados, foi você quem quis assim.

O rei:

- Eu não quis assim.

Marguerite:

- Eles não teriam podido ir, se você não quisesse. Você não pode mais voltar atrás.
Você os deixou.

O rei:

- Que eles voltem.

Marguerite:

- Você nem sabe mais o nome deles. Como eles se chamam? *(Silêncio por parte do
rei.)* Quantos eram?

O rei:

- Quem é?... Eu não gosto que me tranquem. Abra as portas.

Marguerite:

- Espere um pouco. Logo as portas estarão bem abertas*

O rei, *após um silêncio:*

- As portas... as portas... Que portas?

Marguerite:

- Havia portas, havia um mundo, você viveu?

O rei:

- Eu vivo.

Marguerite:

- Não se mexa, isso lhe cansa.

O rei faz o que Marguerite diz.

O rei:

- Eu vivo... Barulhos, ecos que emergem das profundezas, que se aproximam e se afastam. Eu estou surdo.

Marguerite:

- A mim, você escutará, você me escutará melhor. *(O rei está de pé, imóvel, calado.)* Às vezes, a gente sonha e o sonho parece real, a gente acredita e gosta dele. Pela manhã, ao abrir os olhos, os dois mundos ainda se misturam. Os rostos noturnos são apagados pela claridade. Então a gente quer lembrar, a gente quer segurá-lo. Mas eles escorregam entre suas mãos, a realidade brutal do dia os rejeita. Com o que foi mesmo que eu sonhei? A gente se pergunta. O que acontecia? Quem eu beijava? Quem eu amava? O que eu dizia e o que me diziam? Então a gente encontra um vago arrependimento em todas as coisas que foram ou pareciam ter sido. A gente não sabe mais o que havia ao redor, a gente não sabe mais.

O rei:

- Eu não sei mais o que havia ao redor. Eu sei que eu estava mergulhado em um mundo, que este mundo me cercava. Eu sei que era eu e o que havia, o que havia?

Marguerite:

- Cordas, que eu não desfiz, ainda te amarram. Ou que eu não cortei. Mãos ainda se agarram a ti e te prendem.

Caminhando em torno do rei. Marguerite corta o vazio como se ela tivesse tesouras invisíveis nas mãos.

O rei:

- Eu, eu, eu.

Marguerite:

- Este “eu” não é você. Eles são apenas objetos estranhos, aderências, parasitas monstruosos. Uma planta epífita crescendo sobre o galho de uma árvore não é o

galho; uma hera que cresce sobre o muro, não é o muro. Você se dobre sob este fardo, seus ombros estão curvados, é isso que te envelhece. E estas bolas de ferro que você arrasta é isso que atrapalha seu andar. *(Marguerite se dobra e suspende as bolas de ferro invisíveis dos pés do rei, depois ela se levanta parecendo fazer um grande esforço para levantar as bolas de ferro.)* Toneladas, toneladas, isto pesa toneladas. *(Ela finge jogar as bolas de ferro em direção à sala depois se levanta aliviada.)* Ufa! Como você pode carregar isso por toda uma vida! *(O rei tenta se reerguer.)* Eu te perguntei por que você estava arqueado, é por causa desta mochila. *(Marguerite finge tirar a mochila dos ombros do rei e jogá-la fora.)* E este saco. *(Mesmo gesto de Marguerite com o saco.)* E estes sapatos extras?

O rei, *em uma espécie de resmungo:*

- Não.

Marguerite:

- Calma! Você não terá mais necessidade destes sapatos extras. Nem desta espingarda, nem deste fuzil. *(Mesmo gesto que fez com o saco.)* Nem desta caixa de ferramentas. *(Mesmos gestos; protesto do rei.)* Nem desta arma. Ele parece segurar. Uma velha arma toda enferrujada. *(Ela suspende a arma e o rei se opõe desajeitadamente.)* Só queremos o seu bem; espinhos sobre o seu manto, escamas, garranchos, algas, folhas úmidas e pegajosas. Elas colam, elas colam. Eu as descolo, removo-as, elas mancham, não está limpo. *(Ela faz gestos de quem descola e remove as sujeiras.)* O sonhador sai do seu sonho. Pronto, eu o livrei deste sofrimento, destas imundices. Seu manto está mais bonito agora, você está mais limpo. Isso lhe fará bem. Agora, ande. Então me dê mão, não tenha mais medo e se deixe levar, eu o segurarei. Você não tem coragem.

O rei, *em uma espécie de gaguejo.*

- Eu.

Marguerite:

- Mas não! Ele pensa que ele é tudo. Ele pensa que o ser dele é o todo. É preciso que ele tire isso da cabeça. *(Então, como para encorajá-lo).* Tudo estará guardado em uma memória sem lembranças. O grão de sal que derrete na água não desaparece, pois ele torna à água salgada. Ah, enfim, você está se recuperando. Você não está mais curvado, você não tem mais dor na lombar, não tem mais dores. Não era pesado? Curado, você está curado. Você pode andar, ande, vamos, dê-me a sua mão. *(Os*

ombros do rei se curvaram ligeiramente, mais uma vez)... Não curve mais os ombros, pois você não tem mais o peso... Ah! estes reflexos condicionados, é obstinado. Não existe mais o peso sobre seus ombros, eu lhe disse. Erga-se. *(Ela o ajuda a se erguer)* A mão!... *(Indecisão do rei.)* Como ele é desobediente! Não cerre os punhos, abra os dedos. O que você segura? *(Ela abre os dedos do rei.)* É todo o seu reino que ele está segurando nas mãos. Pequenas coisas: microfilmes... sementes. *(Para o rei.)* Estes grãos não voltarão a crescer. A semeadura está alterada. Os grãos são ruins. Deixe para lá, abra as mãos, eu lhe ordeno a abrir as mãos. Desapegue das planícies, desapegue das montanhas. Assim. Era só poeira. *(Ela segura a mão do rei e o puxa apesar, ainda, de alguma resistência por parte do rei.)* Venha. Ainda resistindo! Onde ele pode achar? Não, não tente se deitar, nem se sentar, não há razão para tropeçar. Eu o guio, não tenha medo. *(Ela guia o rei, segurando-o pela mão sobre o palco.)* Não é verdade que você pode, que é fácil? Eu coloquei uma inclinação suave. Mais tarde ela será mais difícil, isso não importa, você terá recuperado suas forças. Não vire para trás a cabeça para olhar o que você não poderá mais ver, concentre-se, volte-se para o seu coração. Entre, entre, é preciso.

O rei, *com os olhos fechados avançando, sempre conduzido pela mão:*

- O império... jamais alguém conheceu um império assim: dois sóis, duas luas, duas abóbodas celestes a iluminá-lo, um outro sol que nasce, um outro ainda... um terceiro firmamento surge, jorra, duplica! Enquanto um sol se põe, outros nascem... Ao mesmo tempo, a alvorada e o crepúsculo.... É um domínio que se estende além das nascentes, além dos oceanos que devoram oceanos.

Marguerite:

- Atravesse-os.

O rei:

- Além de setecentos e setenta e sete polos.

Marguerite:

- Mais longe, mais longe, corra, vamos galope.

O rei:

- Azul, azul.

Marguerite:

- Ele ainda percebe as cores. Lembranças coloridas. Não é uma natureza auditiva. Sua imaginação é puramente visual... É um pintor, partidário demais do

monocromático. *(Para o rei.)* Renuncie também este império. Renuncie também às cores. Isso lhe deixa confuso e o atrasa. Você não pode mais se atrasar, você não pode mais parar, você não pode. *(Ela se afasta do rei.)* Ande sozinho, não tenha medo. Vá. *(Marguerite, em um canto do palco, dirige o rei de longe.)* Não é dia, não é noite, não há mais dia, não há mais noite. Deixe-se levar por esta roda que gira diante de você. Não a perca de vista, siga a roda, não de muito perto, ela está em brasas e você poderá se queimar. Avance, eu afasto o matagal; atenção, não toque nesta sombra que está à direita. Mãos pegajosas, mãos que imploram, braços e mãos infelizes, não volte, retire-se. Não toque nele, ou eu lhe bato! *(Para o rei.)* Não olhe para trás. Evite o precipício à esquerda, não tenha medo deste velho lobo que grita... suas presas são de papelão, ele não existe. *(Para o lobo.)* Lobo, desapareça! *(Para o rei.)* Não tenha medo dos ratos. Eles não podem morder seus dedos dos pés. *(Para os ratos.)* Ratos e víboras desapareçam! *(Para o rei.)* Não tenha piedade do mendigo que te estende a mão. Atenção à velha senhora que vem em sua direção... Não pegue o copo d'água que ela oferece. Você não está com sede. *(Para a velha senhora imaginária.)* Ele não tem necessidade de matar a sede, boa senhora, ele não está com sede. Não bloqueie o caminho dele. Desapareça. *(Para o rei.)* Escalada de cerca ... O enorme caminhão não o esmagará, é uma miragem... Pode passar, passe... Não, as sempre-vivas não cantam, mesmo se forem loucas. Eu absorvo suas vozes; elas, eu as apago!... Não preste atenção ao murmúrio do riacho. Objetivamente, nós não o escutamos. É também um falso riacho, é uma falsa voz... Falsas vozes, calem-se. *(Para o rei.)* Ninguém mais o chama. Sinta, uma última vez, esta flor e jogue-a fora. Esqueça o cheiro dela. Você não tem mais a palavra. Com quem você pode falar? Sim, é isso, eleve o passo, o outro. Eis a passarela, não tenha medo da vertigem. *(O rei avança em direção aos degraus do trono.)* Mantenha-se reto, você não tem necessidade do seu bastão, a propósito você não o tem mais. Não se abaixe, principalmente, não caia. Suba, suba. *(O rei começa a subir os três ou quatro degraus do trono.)* Mais alto, mais alto ainda, suba, ainda mais alto, ainda mais alto, ainda mais alto. *(O rei está junto ao trono.)* Olhe para mim. Olhe-me. Olhe através de mim. Olhe este espelho sem imagem, fique reto... Dê-me as suas pernas, a esquerda, a direita. *(Á medida que ela dá as ordens, o rei endurece os membros.)* Dê-me um dedo, dê-me dois dedos... três... quatro... cinco os dez dedos. Abandone o braço direito, o braço esquerdo, o peito, os dois ombros e o ventre. *(O rei está imóvel, congelado como uma estátua.)* Então, você

não tem mais a voz, seu coração não precisa mais bater, não vale mais a pena respirar. Era uma agitação bastante inútil, não é verdade? Você pode pegar o primeiro lugar.

Desaparecimento súbito da rainha Marguerite pela direita.

O rei está sentado em seu trono. Veremos, durante esta última cena, desaparecer progressivamente as portas, as janelas, as paredes a sala do trono. Este jogo de cena é muito importante.

Agora, não há mais nada no palco, só o rei em seu trono e uma luz cinza. Logo o rei e seu trono desaparecem igualmente.

Enfim, não há mais esta luz cinza.

O desaparecimento das janelas, portas, paredes, do rei e trono se fazem lentamente, progressivamente, muito claramente. O rei sentado em seu trono deve ficar visível algum tempo antes de desaparecer em uma espécie de bruma.

Fecham-se as cortinas

Paris, 15 de outubro – 15 de novembro de 1962

Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática* - 5 ed. São Paulo; Ática, 2007.
- ARROYO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra*. Trad. Marie-Helène Catherine Torres, Mari Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007.
- BOUHEY, Alain. *Le Tragique chez Eugène Ionesco*. Disponível em: <http://abouhey1.free.fr/ionesco_tueur.htm>. Acesso em 25 out 2016.
- ESSLIN, Martin. *O Teatro do absurdo*. Zahar, 1968.
- FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad..Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2007.
- GUIDÈRE, Mathieu. *Introduction à la traductologie*. Bruxelas:éditions de Boeck, 2008. cap. 3,5.
- HISCOTT, Jane Roberts. *L'angoisse existentielle chez Ionesco: etude de Berenger dans Tueur sans gages, Rhinoceros, Le pieton de l'air et Le roi se meurt*. Disponível em: <<https://circle.ubc.ca/handle/2429/33539>>. Acesso em 15 mai 2017.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IONESCO, Eugène. *À propos du Le Roi se meurt*. Vídeo, 4:42 min, 1963. Disponível em <<http://www.ina.fr/video/I00016766>>. Acesso em 10 out 2016.
- IONESCO, Eugène. *Le Roi se meurt*. Paris: Gallimard, 1963
- JACKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Les éditions de Minuit, 2003. P. 79-86
- MILTON, John. *Tradução A Teoria na Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- OTTONI, Paulo. *Tradução Prática da diferença*. Campinas: Editora Unicamp. 2009.
- PEIXOTO, Fernando, *O que é teatro?* São Paulo: editora Brasiliense, 1995.
- REY, Alan. *Le Robert Micro*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1995.

ANEXO

Eugène Ionesco
De l'Académie française

Le Roi se Meurt

Gallimard
© Éditions Gallimard, 1963

À Jacques Mauclair,
à Geneviève et Maurice de Gandillac.

PERSONNAGES

Bérenger 1er, <i>le Roi</i>	Jacques Mauclair
La reine Marguerite, <i>première épouse du roi Bérenger 1er</i>	Tsilla Chelton
La reine Marie, <i>deuxième épouse du roi Bérenger 1er</i>	Reine Courtois
Le Médecin, <i>qui est aussi chirurgien, bourreau, bactériologue et astrologue</i>	Marcel Cuvelier
Juliette, <i>femme de ménage, infirmière</i>	Rosette Zucchelli
Le Garde	Marcel Champel

Cette pièce a été créée le 15 décembre 1962 au Théâtre de l'Alliance française à Paris. La mise en scène était de Jacques Mauclair, les décors et costumes de Jacques Noël, la musique de scène de Georges Delerue.

DÉCOR

Salle du trône, vaguement délabrée, vaguement gothique. Au milieu du plateau, contre le mur du fond, quelques marches menant au trône du Roi. De part et d'autre de la scène, sur le devant, deux trônes plus petits qui sont ceux des deux Reines, ses épouses. À droite de la scène, côté jardin, au fond, petite porte menant aux appartements du Roi. À gauche de la scène, au fond, autre petite porte. Toujours à gauche, sur le

devant, grande porte. Entre cette grande porte et la petite, une fenêtre ogivale. Autre petite fenêtre à droite de la scène ; petite porte sur le devant du plateau, du même côté. Près de la grande porte, un vieux garde tenant une hallebarde. Avant le lever du rideau, pendant que le rideau se lève et quelques instants encore, on entend une musique dérisoirement royale, imitée d'après les Levers du Roi du XVIIesiècle.

LE ROI SE MEURT

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté, le roi Bérenger 1er. Vive le Roi !

Le Roi, d'un pas assez vif, manteau de pourpre, couronne sur la tête, sceptre en main, traverse le plateau en entrant par la petite porte de gauche et sort par la porte de droite au fond.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté, la reine Marguerite, première épouse du Roi, suivie de Juliette, femme de ménage et infirmière de Leurs Majestés. Vive la Reine !

Marguerite, suivie de Juliette, entre par la porte à droite premier plan et sort par la grande porte.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté, la reine Marie, seconde épouse du Roi, première dans son coeur, suivie de Juliette, femme de ménage et infirmière de Leurs Majestés. Vive la Reine !

La reine Marie, suivie de Juliette, entre par la grande porte à gauche et sort avec Juliette par la porte à droite premier plan. Marie semble plus attrayante et coquette que Marguerite. Elle porte la couronne et un manteau de pourpre. Elle a, en plus, des bijoux. Entre, par la porte du fond à gauche, le Médecin.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Sommité, monsieur le Médecin du Roi, chirurgien, bactériologue, bourreau et astrologue à la Cour. *(Le Médecin va jusqu'au milieu du plateau puis, comme s'il avait oublié quelque chose, retourne sur ses pas et sort par la même porte. Le Garde reste silencieux quelques moments. Il a l'air fatigué. Il pose sa hallebarde contre le mur, souffle dans ses mains pour les réchauffer.)* Pourtant, c'est l'heure où il doit faire

chaud. Chauffage, allume-toi. Rien à faire, ça ne marche pas. Chauffage, allume-toi. Le radiateur reste froid. Ce n'est pas ma faute. Il ne m'a pas dit qu'il me retirait la délégation du feu ! Officiellement, du moins. Avec eux, on ne sait jamais. *(Brusquement, il reprend son arme. La reine Marguerite fait de nouveau son apparition par la porte du fond à gauche. Elle a une couronne sur la tête, manteau de pourpre pas très frais. Elle est sans âge, elle a un air plutôt sévère. Elle s'arrête au milieu du plateau sur le devant. Elle est suivie de Juliette.)* Vive la Reine !

MARGUERITE, à Juliette, regardant autour d'elle.

Il y en a de la poussière. Et des mégots par terre.

JULIETTE

Je viens de l'étable, pour traire la vache, Majesté. Elle n'a presque plus de lait. Je n'ai pas eu le temps de nettoyer le living-room.

MARGUERITE

Ceci n'est pas un living-room. C'est la salle du trône. Combien de fois dois-je te le dire ?

JULIETTE

Bon, la salle du trône, si Sa Majesté le veut. Je n'ai pas eu le temps de nettoyer le living-room.

MARGUERITE

Il fait froid.

LE GARDE

J'ai essayé de faire du feu. Majesté. Ça ne fonctionne pas. Les radiateurs ne veulent rien entendre. Le ciel est couvert, les nuages n'ont pas l'air de vouloir se dissiper facilement. Le soleil est en retard. J'ai pourtant entendu le Roi lui donner l'ordre d'apparaître.

MARGUERITE

Tiens ! Le soleil n'écoute déjà plus.

LE GARDE

Cette nuit, j'ai entendu un petit craquement. Il y a une fissure dans le mur.

MARGUERITE

Déjà ? Ça va vite. Je ne m'y attendais pas pour tout de suite.

LE GARDE

J'ai essayé de la colmater avec Juliette.

JULIETTE

Il m'a réveillée au milieu de la nuit. Je dormais si bien !

LE GARDE

Elle est apparue de nouveau. Faut-il essayer encore ?

MARGUERITE

Ce n'est pas la peine. Elle est irréversible. (*À Juliette.*) Où est la reine Marie ?

JULIETTE

Elle doit être encore à sa toilette.

MARGUERITE

Bien sûr.

JULIETTE

Elle s'est réveillée avant l'aube.

MARGUERITE

Ah ! Tout de même !

JULIETTE

Je l'entendais pleurer dans sa chambre.

MARGUERITE

Rire ou pleurer : c'est tout ce qu'elle sait faire. (*À Juliette.*) Qu'elle vienne tout de suite. Allez me la chercher.

Juste à ce moment, paraît la reine Marie, vêtue comme il est dit plus haut.

LE GARDE, *une seconde avant l'apparition de la reine Marie.*

Vive la Reine !

MARGUERITE, *à Marie.*

Vous avez les yeux tout rouges, ma chère. Cela nuit à votre beauté.

MARIE

Je sais.

MARGUERITE

Ne recommencez pas à sangloter.

MARIE

J'ai du mal à m'en empêcher, hélas !

MARGUERITE

Ne vous affolez pas, surtout. Cela ne servirait à rien. C'est bien dans la norme des choses, n'est ce pas ? Vous vous y attendiez. Vous ne vous y attendiez plus.

MARIE

Vous n'attendiez que cela.

MARGUERITE

Heureusement. Ainsi, tout est au point. (*À Juliette.*) Donnez-lui donc un autre mouchoir.

MARIE

J'espérais toujours...

MARGUERITE

C'est du temps perdu. Espérer, espérer ! (*Elle hausse les épaules.*) Ils n'ont que ça à la bouche et la larme à l'oeil. Quelles moeurs !

MARIE

Avez-vous revu le médecin ? Que dit-il ?

MARGUERITE

Ce que vous connaissez.

MARIE

Peut-être qu'il se trompe.

MARGUERITE

Vous n'allez pas recommencer le coup de l'espoir. Les signes ne trompent pas.

MARIE

Peut-être les a-t-il mal lus.

MARGUERITE

Les signes objectifs ne trompent pas. Vous le savez.

MARIE, *regardant le mur.*

Ah ! Cette fissure !

MARGUERITE

Vous la voyez ! Il n'y a pas que cela. C'est votre faute s'il n'est pas préparé, c'est votre faute si cela va le surprendre. Vous l'avez laissé faire, vous l'avez même aidé à s'égarer. Ah ! La douceur de vivre. Vos bals, vos amusettes, vos cortèges ; vos dîners d'honneur, vos artifices et vos feux d'artifice, les noces et vos voyages de noces ! Combien de voyages de noces avez-vous faits ?

MARIE

C'était pour célébrer les anniversaires du mariage.

MARGUERITE

Vous les célébriez quatre fois par an. « Il faut bien vivre », disiez-vous...

MARIE

Il aime tellement les fêtes.

MARGUERITE

Les hommes savent. Ils font comme s'ils ne savaient pas ! Ils savent et ils oublient. Lui, il est roi. Lui, il ne doit pas oublier. Il devait avoir le regard dirigé en avant, connaître les étapes, connaître exactement la longueur de sa route, voir l'arrivée.

MARIE

Mon pauvre chéri, mon pauvre petit roi.

MARGUERITE, à *Juliette*.

Donnez-lui encore un mouchoir. (*À Marie.*) Un peu de bonne humeur, voyons. Vous allez lui communiquer vos larmes, cela s'attrape. Il est déjà assez faible comme cela. Cette influence détestable que vous avez eue sur lui. Enfin ! Il vous préférait à moi, hélas ! Je n'étais pas jalouse, oh, pas du tout. Je me rendais compte simplement que ce n'était pas sage. Maintenant, vous ne pouvez plus rien pour lui. Et vous voilà toute baignée de larmes et vous ne me tenez plus tête. Et votre regard ne me défie plus. Où donc ont disparu votre insolence, votre sourire ironique, vos moqueries ? Allons, réveillez-vous. Prenez votre place, tâchez de vous tenir bien droite. Tiens, vous avez toujours votre beau collier. Venez, prenez donc votre place.

MARIE, *assise*.

Je ne pourrai pas lui dire.

MARGUERITE

Je m'en chargerai. J'ai l'habitude des corvées.

MARIE

Ne le lui dites pas. Non, non, je vous en prie. Ne lui dites rien, je vous en supplie.

MARGUERITE

Laissez-moi faire, je vous en supplie. Nous aurons cependant besoin de vous pour les étapes de la cérémonie. Vous aimez les cérémonies.

MARIE

Pas celle-là.

MARGUERITE, à *Juliette*.

Arrangez donc nos traînes comme il faut.

JULIETTE

Oui, Majesté.

Juliette s'exécute.

MARGUERITE

Moins amusant, bien entendu, que vos bals d'enfants, que vos bals pour vieillards, vos bals pour jeunes mariés, vos bals pour rescapés, vos bals pour décorés, vos bals pour femmes de lettres, vos bals pour organisateurs de bals, et tant d'autres bals. Ce bal-ci se passera en famille, sans danseur et sans danse.

MARIE

Non, ne lui dites rien. Il vaut mieux qu'il ne s'en aperçoive pas.

MARGUERITE

... Et qu'il termine par une chanson ? Cela n'est pas possible.

MARIE

Vous n'avez pas de coeur.

MARGUERITE

Mais si, si, il bat.

MARIE

Vous êtes inhumaine.

MARGUERITE

Qu'est-ce que cela veut dire ?

MARIE

C'est terrible, il n'est pas préparé.

MARGUERITE

C'est votre faute s'il ne l'est pas. Il était comme un de ces voyageurs qui s'attardent dans les auberges en oubliant que le but du voyage n'est pas l'auberge. Quand je vous rappelais qu'il fallait vivre avec la conscience de son destin, vous me disiez que j'étais un bas-bleu et que c'était pompeux..

JULIETTE, à part.

C'est quand même pompeux.

MARIE

Au moins, qu'on le lui dise le plus doucement possible puisque c'est inévitable. Avec des ménagements, avec beaucoup de ménagements.

MARGUERITE

Il aurait dû être préparé depuis longtemps, depuis toujours. Il aurait dû se le dire chaque jour. Que de temps perdu ! (*À Juliette.*) Qu'est-ce que vous avez à nous regarder avec vos yeux égarés ? Vous n'allez pas vous effondrer, vous aussi. Vous pouvez vous retirer ; n'allez pas trop loin, on vous appellera.

JULIETTE

Alors, vraiment, je ne balaye plus le living-room ?

MARGUERITE

C'est trop tard. Tant pis. Retirez-vous.

Juliette sort par la droite.

MARIE

Dites-le-lui doucement, je vous en prie. Prenez tout votre temps. Il pourrait avoir un arrêt du coeur.

MARGUERITE

Nous n'avons pas le temps de prendre notre temps. Fini de folâtrer, finis les loisirs, finis les beaux jours, finis les gueuletons, fini votre strip-tease. Fini. Vous avez laissé les choses traîner jusqu'au dernier moment, nous n'avons plus de moment à perdre, évidemment puisque c'est le dernier. Nous avons quelques instants pour faire ce qui aurait dû être fait pendant des années, des années et des années. Quand il faudra me laisser seule avec lui, je vous le dirai. Vous avez encore un rôle à jouer, tranquillisez-vous, je l'aiderai.

MARIE

Ce sera dur, comme c'est dur.

MARGUERITE

Aussi dur pour moi que pour vous, que pour lui. Ne pleurnichez pas. Je vous le répète, je vous le conseille, je vous l'ordonne.

MARIE

Il refusera.

MARGUERITE

Au début.

MARIE

Je le retiendrai.

MARGUERITE

Qu'il ne recule pas ou gare à vous. Il faut que cela se passe convenablement. Que ce soit une réussite, un triomphe. Il y a longtemps qu'il n'en a plus eu. Son palais est en ruines. Ses terres en friche. Ses montagnes s'affaissent. La mer a défoncé les digues, inondé le pays. Il ne l'entretient plus. Vous lui avez tout fait oublier dans vos bras dont je déteste le parfum. Quel mauvais goût ! Bref, c'était le sien. Au lieu de consolider le sol, il laisse des hectares et des hectares s'engloutir dans les précipices sans fond.

MARIE

Ce que vous êtes regardante ! D'abord, on ne peut pas lutter contre les tremblements de terre.

MARGUERITE

Ce que vous m'agacez !... Il aurait pu consolider, planter des conifères dans les sables, cimenter les terrains menacés. Mais non, maintenant le royaume est plein de trous comme un immense gruyère.

MARIE

On ne pouvait rien contre la fatalité, contre les érosions naturelles.

MARGUERITE

Sans parler de toutes ces guerres désastreuses. Pendant que ses soldats ivres dormaient, la nuit ou après les copieux déjeuners des casernes, les voisins repoussaient les bornes des frontières. Le territoire national s'est rétréci. Ses soldats ne voulaient pas se battre.

MARIE

C'étaient des objecteurs de conscience.

MARGUERITE

On les appelait chez nous des objecteurs de conscience. Dans les armées de nos vainqueurs, on les appelait des lâches, des déserteurs et on les fusillait. Vous voyez le résultat : des gouffres vertigineux, des villes rasées, des piscines incendiées, des bistrots désaffectés. Les jeunes s'expatrient en masse. Au début de son règne, il y avait neuf milliards d'habitants.

MARIE

Ils étaient trop nombreux. Il n'y avait plus de place.

MARGUERITE

Maintenant, il ne reste plus qu'un millier de vieillards. Moins. Ils trépassent pendant que je vous parle.

MARIE

Il y a aussi quarante-cinq jeunes gens.

MARGUERITE

Ceux dont on n'a pas voulu ailleurs. On n'en voulait pas non plus ; on nous les a renvoyés de force. D'ailleurs, ils vieillissent très vite. Rapatriés à vingt-cinq ans, ils en ont quatre-vingts au bout de deux jours. Vous n'allez pas prétendre qu'ils vieillissent normalement.

MARIE

Mais le Roi, lui, il est encore tout jeune.

MARGUERITE

Il l'était hier, il l'était cette nuit. Vous allez voir tout à l'heure.

LE GARDE, *annonçant.*

Voici Sa Sommité, le Médecin qui revient. Sa Sommité, Sa Sommité.

Entre le Médecin par la grande porte à gauche qui s'ouvre et se referme toute seule.

Il a l'air à la fois d'un astrologue et d'un bourreau. Il porte sur la tête un chapeau pointu, des étoiles. Il est vêtu de rouge, une cagoule attachée à son col, une grande lunette à la main.

LE MÉDECIN, *à Marguerite.*

Bonjour, Majesté. (*À Marie.*) Bonjour, Majesté. Que Vos Majestés m'excusent, je suis un peu en retard, je viens directement de l'hôpital où j'ai dû faire quelques interventions chirurgicales du plus haut intérêt pour la science.

MARIE

Le Roi n'est pas opérable.

MARGUERITE

En effet, il ne l'est plus.

LE MÉDECIN, *regardant Marguerite puis Marie.*

Je sais. Pas Sa Majesté.

MARIE

Docteur, est-ce qu'il y a du nouveau ? Cela va peut-être mieux, n'est-ce pas ? N'est-ce pas ? Une amélioration n'est pas impossible ?

LE MÉDECIN

C'est une situation-type qui ne peut changer.

MARIE

C'est vrai, pas d'espoir, pas d'espoir. (*En regardant Marguerite.*) Elle ne veut pas que j'espère, elle me l'interdit.

MARGUERITE

Beaucoup de gens ont la folie des grandeurs. Vous avez une folie de la petitesse. On n'a jamais vu une reine pareille ! Vous me faites honte. Ah ! Elle va encore pleurer.

LE MÉDECIN

En vérité, il y a tout de même du nouveau si vous voulez.

MARIE

Quel nouveau ?

LE MÉDECIN

Du nouveau qui ne fait que confirmer les indications précédentes. Mars et Saturne sont entres en collision.

MARGUERITE

On s'y attendait.

LE MÉDECIN

Les deux planètes ont éclaté.

MARGUERITE

C'est logique.

LE MÉDECIN

Le soleil a perdu entre cinquante et soixante-quinze pour cent de sa force.

MARGUERITE

Cela va de soi.

LE MÉDECIN

Il tombe de la neige au pôle Nord du soleil. La Voie lactée a l'air de s'agglutiner. La comète est épuisée de fatigue, elle a vieilli, elle s'entoure de sa queue, s'enroule sur elle-même comme un chien moribond.

MARIE

Ce n'est pas vrai, vous exagérez. Si, si, vous exagérez.

LE MÉDECIN

Vous voulez voir dans la lunette ?

MARGUERITE, *au Médecin.*

Ce n'est pas la peine. On vous croit. Quoi d'autre ?

LE MÉDECIN

Le printemps qui était là hier soir nous a quitté il y a deux heures trente. Voici novembre. Audelà des frontières, l'herbe s'est mise à pousser. Là-bas, les arbres reverdissent. Toutes les vaches vèlent deux fois par jour, un veau le matin, un second l'après-midi vers cinq heures, cinq heures et quart. Chez nous, les feuilles se sont desséchées, elles se décrochent. Les arbres soupirent et meurent. La terre se fend encore plus que d'habitude.

LE GARDE, *annonçant.*

L'Institut météorologique du royaume nous fait remarquer que le temps est mauvais.

MARIE

J'entends la terre qui se fend, j'entends, oui, hélas, j'entends !

MARGUERITE

C'est la fissure qui s'élargit et se propage.

LE MÉDECIN

La foudre s'immobilise dans le ciel, les nuages pleuvent des grenouilles, le tonnerre gronde. On ne l'entend pas car il est muet. Vingt-cinq habitants se sont liquéfiés. Douze ont perdu leur tête. Décapités. Cette fois, sans mon intervention.

MARGUERITE

Ce sont bien les signes.

LE MÉDECIN

D'autre part...

MARGUERITE, *l'interrompant.*

Ne continuez pas, cela suffit. C'est ce qui arrive toujours en pareil cas. Nous connaissons.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté, le Roi ! (*Musique.*) Attention, Sa Majesté. Vive le Roi !

Le Roi entre par la porte du fond à droite. Il a les pieds nus. Juliette entre derrière lui.

MARGUERITE

Où a-t-il semé ses pantoufles?

JULIETTE

Sire, les voici.

MARGUERITE, *au Roi.*

Quelle mauvaise habitude de marcher les pieds nus.

MARIE, à *Juliette*.

Mettez-lui ses pantoufles plus vite. Il va attraper froid.

MARGUERITE

Qu'il attrape froid ou non, cela n'a pas d'importance. C'est tout simplement une mauvaise habitude. *Pendant que Juliette met les pantoufles aux pieds du Roi et que Marie va à la rencontre de celui-ci, la musique royale continue de s'entendre.*

LE MÉDECIN, *s'inclinant humblement et mielleusement.*

Je me permets de souhaiter le bonjour à Votre Majesté. Ainsi que mes meilleurs vœux.

MARGUERITE

Ce n'est plus qu'une formule creuse.

LE ROI, à *Marie, puis à Marguerite.*

Bonjour, Marie. Bonjour, Marguerite. Toujours là ? Je veux dire, tu es déjà là ! Comment ça va ? Moi, ça ne va pas ! Je ne sais pas très bien ce que j'ai, mes membres sont un peu engourdis, j'ai eu du mal à me lever, j'ai mal aux pieds ! Je vais changer de pantoufles. J'ai peut-être grandi ! J'ai mal dormi, cette terre qui craque, ces frontières qui reculent, ce bétail qui beugle, ces sirènes qui hurlent, il y a vraiment trop de bruit. Il faudra tout de même que j'y mette bon ordre. On va tâcher d'arranger cela. Aïe, mes côtes ! (*Au Docteur.*) Bonjour, Docteur. Est-ce un lumbago ? (*Aux autres.*) J'attends un ingénieur... étranger. Les nôtres ne valent plus rien. Cela leur est égal. D'ailleurs, nous n'en avons pas. Pourquoi a-t-on fermé l'École Polytechnique ? Ah, oui ! Elle est tombée dans le trou. Pourquoi en bâtir d'autres puisqu'elles tombent dans le trou, toutes. J'ai mal à la tête, par-dessus le marché. Et ces nuages... J'avais interdit les nuages. Nuages ! Assez de pluie. Je dis : assez. Assez de pluie. Je dis : assez. Ah ! Tout de même. Il recommence. Idiot de nuage. Il n'en finit plus celui-là avec ces gouttes à retardement. On dirait un vieux pisseux. (*À Juliette.*) Qu'as-tu à me regarder ? Tu es bien rouge aujourd'hui. C'est plein de toiles d'araignées dans ma chambre à coucher. Va donc les nettoyer.

JULIETTE

Je les ai enlevées toutes pendant que Votre Majesté dormait encore. Je ne sais d'où ça vient. Elles n'arrêtent pas de repousser.

LE MÉDECIN, à *Marguerite.*

Vous voyez, Majesté. Cela se confirme de plus en plus.

LE ROI, à *Marie*.

Qu'est-ce que tu as, ma beauté ?

MARIE, *bafouillant*.

Je ne sais pas... rien... Je n'ai rien.

LE ROI

Tu as les yeux cernés. Tu as pleuré ? Pourquoi ?

MARIE

Mon Dieu !

LE ROI, à *Marguerite*.

Je défends qu'on lui fasse de la peine. Et pourquoi dit-elle « Mon Dieu » ?

MARGUERITE

C'est une expression. (*À Juliette.*) Va nettoyer de nouveau les toiles d'araignées.

LE ROI

Ah, oui ! Ces toiles d'araignées, c'est dégoûtant. Ça donne des cauchemars.

MARGUERITE, à *Juliette*.

Dépêchez-vous, ne traînez pas. Vous ne savez plus vous servir d'un balai ?

JULIETTE

Le mien est tout usé. Il m'en faudrait un neuf, il m'en faudrait même douze.

Juliette sort.

LE ROI

Qu'avez-vous tous à me regarder ainsi ? Est-ce qu'il y a quelque chose d'anormal ? Il n'y a plus rien d'anormal puisque l'anormal est devenu habituel. Ainsi, tout s'arrange.

MARIE, *se précipitant vers le Roi*.

Mon Roi, vous boitez.

LE ROI, *faisant deux ou trois pas*

en boitant légèrement.

Je boite ? Je ne boite pas. Je boite un peu.

MARIE

Vous avez mal, je vais vous soutenir.

LE ROI

Je n'ai pas mal. Pourquoi aurais-je mal ? Si, un tout petit peu. Ce n'est rien. Je n'ai pas besoin d'être soutenu. Pourtant, j'aime que tu me soutiennes.

MARGUERITE, *se dirigeant vers le Roi*.

Sire, je dois vous mettre au courant.

MARIE

Non, taisez-vous.

MARGUERITE, à *Marie*.

Taisez-vous.

MARIE, *au Roi*.

Ce n'est pas vrai ce qu'elle dit.

LE ROI

Au courant de quoi ? Qu'est-ce qui n'est pas vrai ? Marie, pourquoi cet air désolé ?

Que vous arrive-t-il ?

MARGUERITE, *au Roi*.

Sire, on doit vous annoncer que vous allez mourir.

LE MÉDECIN

Hélas, oui, Majesté.

LE ROI

Mais je le sais, bien sûr. Nous le savons tous. Vous me le rappellerez quand il sera temps. Quelle manie avez-vous, Marguerite, de m'entretenir de choses désagréables dès le lever du soleil.

MARGUERITE

Il est déjà midi.

LE ROI

Il n'est pas midi. Ah, si, il est midi. Ça ne fait rien. Pour moi, c'est le matin. Je n'ai encore rien mangé. Que l'on m'apporte mon breakfast. À vrai dire, je n'ai pas trop faim. Docteur, il faudra que vous me donniez des pilules pour réveiller mon appétit et dégourdir mon foie. Je dois avoir la langue saburale, n'est-ce pas ?

Il montre sa langue au Docteur.

LE MÉDECIN

En effet. Majesté.

LE ROI

Mon foie s'encrasse. Je n'ai rien bu hier soir, pourtant j'ai un mauvais goût dans la bouche.

LE MÉDECIN

Majesté, la reine Marguerite dit la vérité, vous allez mourir.

LE ROI

Encore ? Vous m'ennuyez ! Je mourrai, oui, je mourrai. Dans quarante ans, dans cinquante ans, dans trois cents ans. Plus tard. Quand je voudrai, quand j'aurai le temps, quand je le déciderai. En attendant, occupons-nous des affaires du royaume. *(Il monte les marches du trône.)* Aïe ! Mes jambes, mes reins. J'ai attrapé froid dans ce palais mal chauffé, avec ces carreaux cassés qui laissent entrer la tempête et les courants d'air. A-t-on remplacé sur le toit les tuiles que le vent avait arrachées ? On ne travaille plus. Il faudra que je m'en occupe moi-même. J'ai eu d'autres choses à faire. On ne peut compter sur personne. *(À Marie qui essaye de le soutenir.)* Non, j'arriverai. *(Il s'aide de son sceptre comme d'un bâton.)* Ce sceptre peut encore servir. *(Il réussit péniblement à s'asseoir, aidé tout de même par la reine Marie.)* Mais non, mais non, je peux. Ça y est ! Ouf ! Il est devenu bien dur ce trône. On devrait le faire rembourrer. Comment se porte le pays ce matin ?

MARGUERITE

Ce qu'il en reste.

LE ROI

Ce sont encore de beaux restes. De toute façon, il faut s'en occuper, cela vous changera les idées. Qu'on fasse venir les ministres. *(Apparaît Juliette.)* Allez chercher les ministres, ils sont sans doute encore en train de dormir. Ils s'imaginent qu'il n'y a plus de travail.

JULIETTE

Ils sont partis en vacances. Pas bien loin puisque les terres se sont raccourcies et rabougries. Ils sont à l'autre bout du royaume, c'est-à-dire à trois pas, au coin du bois, au bord du ruisseau. Ils font la pêche, ils espèrent avoir un peu de poisson pour nourrir la population.

LE ROI

Va les chercher au coin du bois.

JULIETTE

Ils ne viendront pas, ils sont en congé. J'y vais voir quand même.

Elle va regarder par la fenêtre.

LE ROI

Quelle indiscipline !

JULIETTE

Ils sont tombés dans le ruisseau.

MARIE

Essaye de les repêcher.

Juliette sort.

LE ROI

Si j'avais deux autres spécialistes du gouvernement dans le pays, je les remplacerais.

MARIE

On en trouvera d'autres.

LE MÉDECIN

On n'en trouvera plus, Majesté.

MARGUERITE

Vous n'en trouverez plus, Bérenger.

MARIE

Si, parmi les enfants des écoles lorsqu'ils seront grands. Il faut attendre un peu. Une fois repêchés, ces deux-là pourront bien gérer les affaires courantes.

LE MÉDECIN

À l'école, il n'y a plus que quelques enfants goitreux, débiles mentaux congénitaux, des mongoliens, des hydrocéphales.

LE ROI

La race n'est pas très bien portante, en effet. Tâchez de les guérir, Docteur, ou de les améliorer un peu. Qu'ils apprennent au moins les quatre, cinq premières lettres de l'alphabet. Autrefois, on les tuait.

LE MÉDECIN

Sa Majesté ne pourrait plus se le permettre ! Il n'y aurait plus de sujets.

LE ROI

Qu'on en fasse quelque chose !

MARGUERITE

On ne peut plus rien améliorer, on ne peut plus guérir personne, vous-même ne pouvez plus guérir.

LE MÉDECIN

Sire, vous ne pouvez plus guérir.

LE ROI

Je ne suis pas malade.

MARIE

Il se sent bien. (*Au Roi.*) N'est-ce pas ?

LE ROI

Tout au plus quelques courbatures. Ce n'est rien. D'ailleurs, ça va beaucoup mieux.

MARIE

Il dit que ça va bien, vous voyez, vous voyez.

LE ROI

Ça va même très bien.

MARGUERITE

Tu vas mourir dans une heure et demie, tu vas mourir à la fin du spectacle.

LE ROI

Que dites-vous ma chère ? Ce n'est pas drôle.

MARGUERITE

Tu vas mourir à la fin du spectacle.

MARIE

Mon Dieu !

LE MÉDECIN

Oui, Sire, vous allez mourir. Vous n'aurez pas votre petit déjeuner demain matin. Pas de dîner ce soir non plus. Le cuisinier a éteint le gaz. Il rend son tablier. Il range pour l'éternité les nappes et les serviettes dans le placard.

MARIE

Ne dites pas si vite, ne dites pas si fort.

LE ROI

Qui donc a pu donner des ordres pareils sans mon consentement ? Je me porte bien. Vous vous moquez. Mensonges. (*À Marguerite.*) Tu as toujours voulu ma mort. (*À Marie.*) Elle a toujours voulu ma mort. (*À Marguerite.*) Je mourrai quand je voudrai, je suis le Roi, c'est moi qui décide.

LE MÉDECIN

Vous avez perdu le pouvoir de décider seul, Majesté.

MARGUERITE

Tu ne peux même plus t'empêcher d'être malade.

LE ROI

Je ne suis pas malade. (*À Marie.*) N'as-tu pas dit que je ne suis pas malade ? Je suis toujours beau.

MARGUERITE

Et tes douleurs ?

LE ROI

Je n'en ai plus.

MARGUERITE

Bouge un peu, tu verras bien.

LE ROI, *qui vient de se rasseoir, se soulève.*

Aïe !... C'est parce que je ne me suis pas mis dans la tête de ne pas avoir mal. Je n'ai pas eu le temps d'y penser ! J'y pense, et je guéris. Le Roi se guérit lui-même mais j'étais trop préoccupé par les affaires du royaume.

MARGUERITE

Dans quel état il est ton royaume ! Tu ne peux plus le gouverner, tu t'en aperçois toi-même, tu ne veux pas te l'avouer. Tu n'as plus de pouvoir sur toi ; plus de pouvoir sur les éléments. Tu ne peux plus empêcher les dégradations, tu n'as plus de pouvoir sur nous.

MARIE

Tu auras toujours du pouvoir sur moi.

MARGUERITE

Pas même sur vous.

Juliette entre.

JULIETTE

On ne peut plus repêcher les ministres. Le ruisseau dans lequel ils sont tombés a coulé dans l'abîme avec les berges et les saules qui le bordaient.

LE ROI

Je comprends. C'est un complot. Vous voulez que j'abdique.

MARGUERITE

Cela vaudrait mieux. Abdique volontairement.

LE MÉDECIN

Abdiquez, Sire, cela vaut mieux.

LE ROI

Que j'abdique ?

MARGUERITE

Oui. Abdique moralement, administrativement.

LE MÉDECIN

Et physiquement.

MARIE

Ne donne pas ton consentement. Ne les écoute pas.

LE ROI

Ils sont fous. Ou bien ce sont des traîtres.

JULIETTE

Sire, pauvre Sire, Sire, pauvre Sire.

MARIE, *au Roi.*

Il faut les faire arrêter.

LE ROI, *au Garde.*

Garde, arrête-les.

MARIE

Garde, arrête-les. (*Au Roi.*) C'est cela. Donne des ordres.

LE ROI, *au Garde.*

Arrête-les tous. Enferme-les dans la tour. Non, la tour s'est écroulée. Emmène-les, enferme-les à clef dans la cave, dans les oubliettes ou dans le clapier. Arrête-les, tous. J'ordonne.

MARIE, *au Garde.*

Arrête-les.

LE GARDE, *sans bouger.*

Au nom de Sa Majesté... je vous... je vous arrête.

MARIE, *au Garde.*

Bouge donc.

JULIETTE

C'est lui qui s'arrête.

LE ROI, *au Garde.*

Fais-le, mais fais-le, Garde.

MARGUERITE

Tu vois, il ne peut plus bouger. Il a la goutte. Des rhumatismes.

LE MÉDECIN, *montrant le Garde.*

Sire, l'armée est paralysée. Un virus inconnu s'est introduit dans son cerveau et sabote les postes de commande.

MARGUERITE, *au Roi.*

Ce sont tes propres ordres, Majesté, tu le vois bien, qui le paralysent.

MARIE, *au Roi.*

Ne la crois pas. Elle veut t'hypnotiser. C'est un problème de volonté. Entraîne tout dans ta volonté.

LE GARDE

Je vous... au nom du Roi... je vous...

Il s'arrête de parler, la bouche entrouverte.

LE ROI, *au Garde.*

Qu'est-ce qui te prend ? Parle, avance. Te crois-tu une statue ?

MARIE, *au Roi.*

Ne lui pose pas de questions. Ne discute pas. Ordonne. Emporte-le dans le tourbillon de ta volonté.

LE MÉDECIN

Il ne peut plus remuer, vous voyez, Majesté. Il ne peut plus parler, il est pétrifié. Il ne vous écoute plus. C'est un symptôme caractéristique. Médicalement, c'est très net.

LE ROI

Nous verrons bien si je n'ai plus de pouvoir.

MARIE, *au Roi.*

Prouve que tu en as. Tu peux si tu veux.

LE ROI

Je prouve que je veux, je prouve que je peux.

MARIE

D'abord, lève-toi.

LE ROI

Je me lève.

Il fait un grand effort en grimaçant.

MARIE

Tu vois comme c'est simple.

LE ROI

Vous voyez comme c'est simple. Vous êtes des farceurs. Des conjurés, des bolcheviques. *(Il marche. À Marie qui veut l'aider.)* Non, non, tout seul... puisque je peux tout seul. *(Il tombe. Juliette se précipite pour le relever.)* Je me relève tout seul. *Il se relève tout seul, en effet, mais péniblement.*

LE GARDE

Vive le Roi ! *(Le Roi retombe.)* Le Roi se meurt.

MARIE

Vive le Roi !

Le Roi se relève péniblement, s'aidant de son sceptre.

LE GARDE

Vive le Roi ! *(Le Roi retombe.)* Le Roi est mort.

MARIE

Vive le Roi ! Vive le Roi !

MARGUERITE

Quelle comédie.

Le Roi se relève péniblement. Juliette, qui avait disparu, réapparaît.

JULIETTE

Vive le Roi !

Elle disparaît à nouveau.

Le Roi retombe.

LE GARDE

Le Roi se meurt.

MARIE

Non. Vive le Roi ! Relève-toi. Vive le Roi !

JULIETTE, *apparaissant puis disparaissant*
tandis que le Roi se relève.

Vive le Roi !

LE GARDE

Vive le Roi !

Cette scène doit être jouée en guignol tragique.

MARIE

Vous voyez bien, cela va mieux.

MARGUERITE

C'est le mieux de la fin, n'est-ce pas, Docteur ?

LE MÉDECIN, à *Marguerite*.

C'est évident, ce n'est que le mieux de la fin.

LE ROI

J'avais glissé, tout simplement. Cela peut arriver. Cela arrive. Ma couronne ! (*La couronne était tombée par terre pendant la chute. Marie remet la couronne sur la tête du Roi.*) C'est mauvais signe.

MARIE

N'y crois pas.

Le sceptre du Roi tombe.

LE ROI

C'est mauvais signe.

MARIE

N'y crois pas. (*Elle lui donne son sceptre.*) Tiens-le bien dans ta main. Ferme le poing.

LE GARDE

Vive, vive... (*puis il se tait*).

LE MÉDECIN, au *Roi*.

Majesté...

MARGUERITE, au *Médecin*, montrant *Marie*.

Il faut la calmer celle-là ; elle prend la parole à tort et à travers. Elle ne doit plus parler sans notre permission.

Marie s'immobilise.

MARGUERITE, au *Médecin*, montrant le *Roi*.

Essayez, maintenant, de lui faire comprendre.

LE MÉDECIN, au *Roi*.

Majesté, il y a des dizaines d'années ou bien il y a trois jours, votre empire était florissant. En trois jours, vous avez perdu les guerres que vous aviez gagnées. Celles que vous aviez perdues, vous les avez reperdues. Depuis que les récoltes ont pourri et que le désert a envahi notre continent, la végétation est allée reverdir les pays voisins qui étaient déserts jeudi dernier. Les fusées que vous voulez envoyer ne partent plus. Ou bien, elles décrochent, retombent avec un bruit mouillé.

LE ROI

Accident technique.

LE MÉDECIN

Autrefois, il n'y en avait pas.

MARGUERITE

Finie la réussite. Tu dois t'en rendre compte.

LE MÉDECIN

Vos douleurs, courbatures...

LE ROI

Je n'en avais jamais eu. C'est la première fois.

LE MÉDECIN

Justement. Là est le signe. C'est bien venu tout d'un coup, n'est-ce pas ?

MARGUERITE

Tu devais t'y attendre.

LE MÉDECIN

Cela est venu tout d'un coup, vous n'êtes plus maître de vous-même. Vous le constatez, Sire. Soyez lucide. Allons, un peu de courage.

LE ROI

Je me suis relevé. Vous mentez. Je me suis relevé.

LE MÉDECIN

Vous avez très mal et vous ne pourrez pas faire un nouvel effort.

MARGUERITE

Bien sûr, cela ne va pas durer longtemps. *(Au Roi.)* Peux-tu encore faire quelque chose ? Peux-tu donner un ordre qui soit suivi ? Peux-tu changer quelque chose ?

Tu n'as qu'à essayer.

LE ROI

C'est parce que je n'avais pas mis toute ma volonté que cela s'est délabré. Simple négligence. Tout cela s'arrangera. Tout sera réparé, remis à neuf. On verra bien ce que je peux faire. Garde, bouge, approche.

MARGUERITE

Il ne peut pas. Il ne peut plus obéir qu'aux autres. Garde, fais deux pas. *(Le Garde avance de deux pas.)* Garde, recule.

Le Garde recule de deux pas.

LE ROI

Que la tête du Garde tombe, que la tête du Garde tombe ! (*La tête du Garde penche un peu à droite, un peu à gauche.*) Sa tête va tomber, sa tête va tomber.

MARGUERITE

Non. Elle est branlante, seulement. Pas plus qu'avant.

LE ROI

Que la tête du Médecin tombe, qu'elle tombe tout de suite ! Allons, allons !

MARGUERITE

Jamais la tête du Médecin n'a mieux tenu sur ses épaules, jamais elle n'a été plus solide.

LE MÉDECIN

Je m'en excuse, Sire, vous m'en voyez tout confus.

LE ROI

Que la couronne de Marguerite tombe à terre, que sa couronne tombe.

C'est la couronne du Roi qui tombe de nouveau à terre. Marguerite la ramasse.

MARGUERITE

Je vais te la remettre, va.

LE ROI

Merci. Qu'est-ce que c'est que cette sorcellerie ? Comment échappez-vous à mon pouvoir ? Ne pensez pas que cela va continuer. Je trouverai bien la cause de ce désordre. Il doit y avoir quelque chose de rouillé dans le mécanisme et les enchaînements subtils.

MARGUERITE, *à Marie.*

Tu peux parler, maintenant. Nous te le permettons.

MARIE, *au Roi.*

Dis-moi de faire quelque chose, je le ferai. Donne-moi un ordre. Ordonne, Sire, ordonne. Je t'obéis.

MARGUERITE, *au Médecin.*

Elle pense que ce qu'elle appelle l'amour peut réussir l'impossible. Superstition sentimentale. Les choses ont changé. Il n'en est plus question. Nous sommes déjà au-delà de cela. Déjà audelà.

MARIE, *qui s'est dirigée à reculons vers la droite et se trouve maintenant près de la fenêtre.*

Ordonne, mon Roi. Ordonne, mon amour. Regarde comme je suis belle. Je sens bon. Ordonnez que je vienne vers vous, que je vous embrasse.

LE ROI, à *Marie*.

Viens vers moi, embrasse-moi. (*Marie reste immobile.*) Entends-tu ?

MARIE

Mais oui, je vous entends. Je le ferai.

LE ROI

Viens vers moi.

MARIE

Je voudrais bien. Je vais le faire. Je vais le faire. Mes bras retombent.

LE ROI

Alors, danse. (*Marie ne bouge pas.*) Danse. Alors, au moins, tourne-toi, va vers la fenêtre, ouvre-la et referme.

MARIE

Je ne peux pas.

LE ROI

Tu as sans doute un torticolis, tu as certainement un torticolis. Avance vers moi.

MARIE

Oui, Sire.

LE ROI

Avance vers moi en souriant.

MARIE

Oui, Sire.

LE ROI

Fais-le donc !

MARIE

Je ne sais plus comment faire pour marcher. J'ai oublié subitement.

MARGUERITE, à *Marie*.

Fais quelques pas vers lui.

Marie avance un peu en direction du Roi.

LE ROI

Vous voyez, elle avance.

MARGUERITE

C'est moi qu'elle a écoutée. (*À Marie.*) Arrête. Arrête-toi.

MARIE

Pardonne-moi, Majesté, ce n'est pas ma faute.

MARGUERITE, *au Roi.*

Te faut-il d'autres preuves ?

LE ROI

J'ordonne que des arbres poussent du plancher. (*Pause.*) J'ordonne que le toit disparaisse. (*Pause.*) Quoi ? Rien ? J'ordonne qu'il y ait la pluie. (*Pause. Toujours rien ne se passe.*) J'ordonne qu'il y ait la foudre et que je la tienne dans ma main. (*Pause.*) J'ordonne que les feuilles repoussent. (*Il va à la fenêtre.*) Quoi ! Rien ? J'ordonne que Juliette entre par la grande porte. (*Juliette entre par la petite porte au fond à droite.*) Pas par celle-là, par celle-ci. Sors par cette porte. (*Il montre la grande porte. Elle sort par la petite porte, à droite, en face. À Juliette.*) J'ordonne que tu restes. (*Juliette sort.*) J'ordonne qu'on entende les clairons. J'ordonne que les cloches sonnent. J'ordonne que cent vingt et un coups de canon se fassent entendre en mon honneur. (*Il prête l'oreille.*) Rien !... Ah si ! J'entends quelque chose.

LE MÉDECIN

Ce n'est que le bourdonnement de vos oreilles, Majesté.

MARGUERITE, *au Roi.*

N'essaye plus. Tu te rends ridicule.

MARIE, *au Roi.*

Tu te fatigues trop mon petit Roi. Ne désespère pas. Tu es plein de sueur. Repose-toi un peu. Nous allons recommencer tout à l'heure. Nous réussirons dans une heure.

MARGUERITE, *au Roi.*

Tu vas mourir dans une heure vingt-cinq minutes.

LE MÉDECIN

Oui, Sire. Dans une heure vingt-quatre minutes cinquante secondes.

LE ROI, *à Marie.*

Marie !

MARGUERITE

Dans une heure vingt-quatre minutes quarante et une secondes. (*Au Roi.*) Prépare-toi.

MARIE

Ne cède pas.

MARGUERITE, à *Marie*.

N'essaye plus de le distraire. Ne lui tends pas les bras. Il est déjà sur la pente, tu ne peux plus le retenir. Le programme sera exécuté point par point.

LE GARDE, *annonçant*.

La cérémonie commence !

Mouvement général. Mise en place de cérémonie. Le Roi est sur le trône, Marie à ses côtés.

LE ROI

Que le temps retourne sur ses pas.

MARIE

Que nous soyons il y a vingt ans.

LE ROI

Que nous soyons la semaine dernière.

MARIE

Que nous soyons hier soir. Temps retourne, temps retourne ; temps, arrête-toi.

MARGUERITE

Il n'y a plus de temps. Le temps a fondu dans sa main.

LE MÉDECIN, à *Marguerite*, *après avoir regardé dans sa lunette dirigée vers le haut*.

En regardant par la lunette qui voit au-delà des murs et des toits, on aperçoit un vide, dans le ciel, à la place de la constellation royale. Sur les registres de l'univers, Sa Majesté est portée défunte.

LE GARDE

Le Roi est mort, vive le Roi !

MARGUERITE, *au Garde*.

Idiot, tu ferais mieux de te taire.

LE MÉDECIN

En effet, il est bien plus mort que vif.

LE ROI

Non. Je ne veux pas mourir. Je vous en prie, ne me laissez pas mourir. Soyez gentils, ne me laissez pas mourir. Je ne veux pas.

MARIE

Que faire pour lui donner la force de résister ? Moi-même, je faiblis. Il ne me croit plus, il ne croit plus qu'eux. (*Au Roi.*) Espère tout de même, espère encore.

MARGUERITE, à *Marie*.

Ne l'embrouille pas. Tu ne lui fais plus que du tort.

LE ROI

Je ne veux pas, je ne veux pas.

LE MÉDECIN

La crise était prévue ; elle est tout à fait normale. Déjà la première défense est entamée.

MARIE, à *Marguerite*.

La crise passera.

LE GARDE, *annonçant*.

Le Roi passe !

LE MÉDECIN

Nous regretterons beaucoup Votre Majesté ! On le dira, c'est promis.

LE ROI

Je ne veux pas mourir.

MARIE

Hélas ! Ses cheveux ont blanchi tout d'un coup. (*En effet, les cheveux du Roi ont blanchi.*) Les rides s'accroissent sur son front, sur son visage. Il a vieilli soudain de quatorze siècles.

LE MÉDECIN

Si vite démodé.

LE ROI

Les rois devraient être immortels.

MARGUERITE

Ils ont une immortalité provisoire.

LE ROI

On m'avait promis que je ne mourrais que lorsque je l'aurais décidé moi-même.

MARGUERITE

C'est parce qu'on pensait que tu déciderais plus tôt. Tu as pris goût à l'autorité, il faut que tu décides de force. Tu t'es enlisé dans la boue tiède des vivants. Maintenant, tu vas geler.

LE ROI

On m'a trompé. On aurait dû me prévenir, on m'a trompé.

MARGUERITE

On t'avait prévenu.

LE ROI

Tu m'avais prévenu trop tôt. Tu m'avertis trop tard. Je ne veux pas mourir... Je ne voudrais pas. Qu'on me sauve puisque je ne peux plus le faire moi-même.

MARGUERITE

C'est ta faute si tu es pris au dépourvu, tu aurais dû t'y préparer. Tu n'as jamais eu le temps. Tu étais condamné, il fallait y penser dès le premier jour, et puis, tous les jours, cinq minutes tous les jours. Ce n'était pas beaucoup. Cinq minutes tous les jours. Puis dix minutes, un quart d'heure, une demi-heure. C'est ainsi que l'on s'entraîne.

LE ROI

J'y avais pensé.

MARGUERITE

Jamais sérieusement, jamais profondément, jamais de tout ton être.

MARIE

Il vivait.

MARGUERITE

Trop. (*Au Roi.*) Tu aurais dû garder cela comme une pensée permanente au tréfonds de toutes tes pensées.

LE MÉDECIN

Il n'a jamais été prévoyant, il a vécu au jour le jour comme n'importe qui.

MARGUERITE

Tu t'accordais des délais. À vingt ans, tu disais que tu attendrais la quarantième année pour commencer l'entraînement. À quarante ans...

LE ROI

J'étais en si bonne santé, j'étais si jeune !

MARGUERITE

À quarante ans, tu t'es proposé d'attendre jusqu'à cinquante ans. À cinquante ans...

LE ROI

J'étais plein de vie, comme j'étais plein de vie !

MARGUERITE

À cinquante ans, tu voulais attendre la soixantaine. Tu as eu soixante ans, quatre-vingt-dix ans, cent vingt-cinq ans, deux cents ans, quatre cents ans. Tu n'ajournais plus les préparatifs pour dans dix ans, mais pour dans cinquante ans. Puis, tu as remis cela de siècle en siècle.

LE ROI

J'avais justement l'intention de commencer. Ah ! Si je pouvais avoir un siècle devant moi peut-être aurais-je le temps !

LE MÉDECIN

Il ne vous reste qu'un peu plus d'une heure, Sire. Il faut tout faire en une heure.

MARIE

Il n'aura pas le temps, ce n'est pas possible. Il faut lui donner du temps.

MARGUERITE

C'est cela qui est impossible. Mais en une heure, il a tout son temps.

LE MÉDECIN

Une heure bien remplie vaut mieux que des siècles et des siècles d'oubli et de négligence. Cinq minutes suffisent, dix secondes conscientes. On lui donne une heure : soixante minutes, trois mille six cents secondes. Il a de la chance.

MARGUERITE

Il a flâné sur les routes.

MARIE

Nous avons régné, il a travaillé.

LE GARDE

Des travaux d'Hercule.

MARGUERITE

Du bricolage.

Entre Juliette.

JULIETTE

Pauvre Majesté, pauvre Sire, il a fait l'école buissonnière.

LE ROI

Je suis comme un écolier qui se présente à l'examen sans avoir fait ses devoirs.
Sans avoir préparé sa leçon...

MARIE, *au Roi.*

Ne t'inquiète pas.

LE ROI

... Comme un comédien qui ne connaît pas son rôle le soir de la première et qui a des trous, des trous, des trous. Comme un orateur qu'on pousse à la tribune, qui ne connaît pas le premier mot de son discours, qui ne sait même pas à qui il s'adresse. Je ne connais pas ce public, je ne veux pas le connaître, je n'ai rien à lui dire. Dans quel état suis-je !

LE GARDE, *annonçant.*

Le Roi fait allusion à son état.

MARGUERITE

Dans quelle ignorance !

JULIETTE

Il voudrait encore faire l'école buissonnière pendant plusieurs siècles.

LE ROI

J'aimerais redoubler.

MARGUERITE

Tu passeras l'examen. Il n'y a pas de redoublants.

LE MÉDECIN

Vous n'y pouvez rien, Majesté. Et nous n'y pouvons rien. Nous ne sommes que les représentants de la médecine qui ne fait pas de miracle.

LE ROI

Le peuple est-il au courant ? L'avez-vous averti ? Je veux que tout le monde sache que le Roi va mourir. (*Il se précipite vers la fenêtre, l'ouvre dans un grand effort car il boite un peu plus.*)

Braves gens, je vais mourir. Écoutez-moi, votre Roi va mourir.

MARGUERITE, *au Médecin.*

Il ne faut pas qu'on entende. Empêchez-le de crier.

LE ROI

Ne touchez pas au Roi. Je veux que tout le monde sache que je vais mourir.

Il crie.

LE MÉDECIN

C'est un scandale.

LE ROI

Peuple, je dois mourir.

MARGUERITE

Ce n'est plus un roi, c'est un porc qu'on égorge.

MARIE

Ce n'est qu'un roi, ce n'est qu'un homme.

LE MÉDECIN

Majesté, songez à la mort de Louis XIV, à celle de Philippe II, à celle de Charles

Quint qui a

dormi vingt ans dans son cercueil. Le devoir de Votre Majesté est de mourir dignement.

LE ROI

Mourir dignement ? (*À la fenêtre.*) Au secours ! Votre Roi va mourir.

MARIE

Pauvre Roi, mon pauvre Roi.

JULIETTE

Cela ne sert à rien de crier.

On entend un faible écho dans le lointain : « Le Roi va mourir ! »

LE ROI

Vous entendez ?

MARIE

Moi j'entends, j'entends.

LE ROI

On me répond, on va peut-être me sauver.

JULIETTE

Il n'y a personne.

On entend l'écho : « Au secours ! »

LE MÉDECIN

Ce n'est rien d'autre que l'écho qui répond avec retardement.

MARGUERITE

Le retardement habituel dans ce royaume où tout fonctionne si mal.

LE ROI, *quittant la fenêtre.*

Ce n'est pas possible. (*Revenant à la fenêtre.*) J'ai peur. Ce n'est pas possible.

MARGUERITE

Il s'imagine qu'il est le premier à mourir.

MARIE

Tout le monde est le premier à mourir.

MARGUERITE

C'est bien pénible.

JULIETTE

Il pleure comme n'importe qui.

MARGUERITE

Sa frayeur ne lui inspire que des banalités. J'espérais qu'il aurait eu de belles phrases exemplaires. *(Au Médecin.)* Je vous charge de la chronique. Nous lui prêterons les belles paroles des autres. Nous en inventerons au besoin.

LE MÉDECIN

Nous lui prêterons des sentences édifiantes. *(À Marguerite.)* Nous soignerons sa légende. *(Au Roi.)* Nous soignerons votre légende, Majesté.

LE ROI, *à la fenêtre.*

Peuple, au secours... Peuple, au secours !

MARGUERITE

Vas-tu finir, Majesté ? Tu te fatigues en vain.

LE ROI, *à la fenêtre.*

Qui veut me donner sa vie ? Qui veut donner sa vie au Roi, sa vie au bon Roi, sa vie au pauvre Roi ?

MARGUERITE

Indécent !

MARIE

Qu'il tente toutes ses chances, même les plus improbables.

JULIETTE

Puisqu'il n'y a personne dans le pays.

Elle sort.

MARGUERITE

Il y a les espions.

LE MÉDECIN

Il y a les oreilles ennemies qui guettent aux frontières.

MARGUERITE

Sa peur va nous couvrir tous de honte.

LE MÉDECIN

L'écho ne répond plus. Sa voix ne porte plus. Il a beau crier, sa voix s'arrête. Elle ne va même pas jusqu'à la clôture du jardin.

MARGUERITE, *tandis que le Roi gémit.*

Il beugle.

LE MÉDECIN

Il n'y a plus que nous qui l'entendions. Lui-même ne s'entend plus.

Le Roi se retourne. Il fait quelques pas vers le milieu de la scène.

LE ROI

J'ai froid, j'ai peur, je pleure.

MARIE

Ses membres s'engourdissent.

LE MÉDECIN

Il est perclus de rhumatismes. (*À Marguerite.*) Une piqûre pour le calmer ?

Juliette apparaît avec un fauteuil d'infirmes à roulettes et dossier avec couronne et insignes royaux.

LE ROI

Je ne veux pas de piqûre.

MARIE

Pas de piqûre.

LE ROI

Je sais ce que cela veut dire. J'en ai fait faire. (*À Juliette.*) Je ne vous ai pas dit d'apporter ce fauteuil. Je veux me promener, je veux prendre l'air.

Juliette laisse le fauteuil dans un coin du plateau, à droite, et sort.

MARGUERITE

Assieds-toi dans le fauteuil. Tu vas tomber.

Le Roi chancelle, en effet.

LE ROI

Je n'accepte pas. Je veux rester debout.

Juliette revient avec une couverture.

JULIETTE

Vous seriez mieux, Sire, plus confortable avec une couverture sur les genoux et une bouillotte.

Elle sort.

LE ROI

Non, je veux rester debout, je veux hurler. Je veux hurler. *(Il crie.)*

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté hurle !

LE MÉDECIN, *à Marguerite.*

Il ne va pas hurler longtemps. Je connais le processus. Il va se fatiguer. Il s'arrêtera, il nous écoutera.

Juliette entre apportant encore un vêtement chaud et la bouillotte.

LE ROI, *à Juliette.*

Je vous défends.

MARGUERITE

Assieds-toi vite, assieds-toi.

LE ROI

Je n'obéis pas. *(Il veut monter les marches du trône, n'y arrive pas. Il va s'asseoir, tout de même, en s'effondrant, sur le trône de la Reine à gauche.)* Je tombe malgré moi.

Juliette, après avoir suivi le Roi avec les objets indiqués ci-dessus, va les remettre dans le fauteuil à roulettes.

MARGUERITE, *à Juliette.*

Prends son sceptre, il est trop lourd.

LE ROI, *à Juliette*

qui revient vers lui avec un bonnet.

Je ne veux pas de ce bonnet. *(On ne lui en met pas.)*

JULIETTE

C'est une couronne moins lourde.

LE ROI

Laisse-moi mon sceptre.

MARGUERITE

Tu n'as plus la force de le tenir.

LE MÉDECIN

Plus la peine de vous appuyer dessus. On vous portera, on vous roulera dans le fauteuil.

LE ROI

Je veux le garder.

MARIE, à *Juliette*.

Laisse-lui le sceptre puisqu'il le désire.

Juliette regarde la reine Marguerite d'un air interrogateur.

MARGUERITE

Après tout, je n'y vois pas d'inconvénient.

Juliette rend le sceptre au Roi.

LE ROI

Ce n'est peut-être pas vrai. Dites-moi que ce n'est pas vrai. C'est un cauchemar.

(Silence des autres.) Il y a peut-être une chance sur dix, une chance sur mille.

(Silence des autres ; le Roi sanglote.) Je gagnais souvent à la loterie.

LE MÉDECIN

Majesté !

LE ROI

Je ne peux plus vous écouter, j'ai trop peur.

Il sanglote, il gémit.

MARGUERITE

Tu dois écouter. Sire.

LE ROI

Je ne veux pas de vos paroles. Elles me font peur. Je ne veux plus entendre parler.

(À Marie qui

voulait s'approcher de lui.) N'approche pas, toi non plus. Ta pitié me fait peur.

Le Roi gémit de nouveau.

MARIE

Il est comme un petit enfant. Il est redevenu un petit enfant.

MARGUERITE

Un petit enfant barbu, ridé, moche. Que vous êtes indulgente !

JULIETTE, à *Marguerite*.

Vous ne vous mettez pas à sa place.

LE ROI

Parlez-moi, au contraire, parlez. Entourez-moi, retenez-moi. Qu'on me soutienne.
Non, je veux fuir.

Il se lève difficilement et ira s'installer sur l'autre petit trône à droite.

JULIETTE

Ses jambes ne le portent plus.

LE ROI

J'ai du mal aussi à bouger mes bras. Est-ce que cela commence ? Non. Pourquoi suis-je né si ce n'était pas pour toujours ? Maudits parents. Quelle drôle d'idée, quelle bonne blague ! Je suis venu au monde il y a cinq minutes, je me suis marié il y a trois minutes.

MARGUERITE

Cela fait deux cent quatre-vingt-trois ans.

LE ROI

Je suis monté sur le trône il y a deux minutes et demie.

MARGUERITE

Il y a deux cent soixante-dix-sept ans et trois mois.

LE ROI

Pas eu le temps de dire ouf ! Je n'ai pas eu le temps de connaître la vie.

MARGUERITE, *au Médecin.*

Il n'a fait aucun effort pour cela.

MARIE

Ce ne fut qu'une courte promenade dans une allée fleurie, une promesse non tenue, un sourire qui s'est refermé.

MARGUERITE, *au Médecin, continuant.*

Il avait pourtant les plus grands savants pour lui expliquer. Et des théologiens, et des personnes d'expérience, et des livres qu'il n'a jamais lus.

LE ROI

Je n'ai pas eu le temps.

MARGUERITE, *au Roi.*

Tu disais que tu avais tout ton temps.

LE ROI

Je n'ai pas eu le temps, je n'ai pas eu le temps, je n'ai pas eu le temps.

JULIETTE

Il remet cela.

MARGUERITE, *au Médecin.*

C'est tout le temps la même chose.

LE MÉDECIN

Ça va plutôt mieux. Il gémit, il pleure, mais il commence tout de même à raisonner. Il se plaint, il s'exprime, il proteste, cela veut dire qu'il commence à se résigner.

LE ROI

Je ne me résignerai jamais.

LE MÉDECIN

Puisqu'il dit qu'il ne le veut pas, c'est un signe qu'il va se résigner. Il met la résignation en question. Il se pose le problème.

MARGUERITE

Enfin !

LE MÉDECIN

Majesté, vous avez fait cent quatre-vingts fois la guerre. À la tête de vos armées, vous avez participé à deux mille batailles. D'abord, sur un cheval blanc avec un panache rouge et blanc très voyant et vous n'avez pas eu peur. Ensuite, quand vous avez modernisé l'armée, debout sur un tank ou sur l'aile de l'avion de chasse en tête de la formation.

MARIE

C'était un héros.

LE MÉDECIN

Vous avez frôlé mille fois la mort.

LE ROI

Je la frôlais seulement. Elle n'était pas pour moi, je le sentais.

MARIE

Tu étais un héros, entends-tu ? Souviens-toi.

MARGUERITE

Tu as fait assassiner par ce médecin et bourreau ici présent...

LE ROI

Exécuter, non pas assassiner.

LE MÉDECIN, *à Marguerite.*

Exécuter, Majesté, non pas assassiner. J'obéissais aux ordres. J'étais un simple instrument, un exécutant plutôt qu'un exécuteur, et je le faisais euthanasiquement.

D'ailleurs, je le regrette.

Pardon.

MARGUERITE, *au Roi*.

Je dis : tu as fait massacrer mes parents, tes frères rivaux, nos cousins et arrière-petits-cousins, leurs familles, leurs amis, leur bétail. Tu as fait incendier leurs terres.

LE MÉDECIN

Sa Majesté disait que de toute façon ils allaient mourir un jour.

LE ROI

C'était pour des raisons d'État.

MARGUERITE

Tu meurs aussi pour une raison d'État.

LE ROI

Mais l'État, c'est moi.

JULIETTE

Le malheureux ! Dans quel état !

MARIE

Il était la loi, au-dessus des lois.

LE ROI

Je ne suis plus la loi.

LE MÉDECIN

Il l'admet. C'est de mieux en mieux.

MARGUERITE

Ça facilite la chose.

LE ROI, *gémissant*.

Je ne suis plus au-dessus des lois, je ne suis plus au-dessus des lois.

LE GARDE, *annonçant*.

Le Roi n'est plus au-dessus des lois.

JULIETTE

Il n'est plus au-dessus des lois, pauvre vieux. Il est comme nous. On dirait mon grand-père.

MARIE

Pauvre petit, mon pauvre enfant.

LE ROI

Un enfant ! Un enfant ! Alors je recommence ! Je veux recommencer. (*À Marie.*) Je veux être un bébé, tu seras ma mère. Alors, on ne viendra pas me chercher. Je ne sais pas lire, je ne sais pas écrire, je ne sais pas compter. Qu'on me mène à l'école avec des petits camarades. Combien font deux et deux ?

JULIETTE

Deux et deux font quatre.

MARGUERITE, *au Roi.*

Tu le sais.

LE ROI

C'est elle qui a soufflé... Hélas, on ne peut pas tricher. Hélas, hélas, tant de gens naissent en ce moment, des naissances innombrables dans le monde entier.

MARGUERITE

Pas dans notre pays.

LE MÉDECIN

La natalité est réduite à zéro.

JULIETTE

Pas une salade ne pousse, pas une herbe.

MARGUERITE, *au Roi.*

La stérilité absolue, à cause de toi.

MARIE

Je ne veux pas qu'on l'accable.

JULIETTE

Tout repoussera peut-être.

MARGUERITE

Quand il aura accepté. Sans lui.

LE ROI

Sans moi, sans moi. Ils vont rire, ils vont bouffer, ils vont danser sur ma tombe. Je n'aurai jamais existé. Ah, qu'on se souvienne de moi. Que l'on pleure, que l'on désespère. Que l'on perpétue ma mémoire dans tous les manuels d'histoire. Que tout le monde connaisse ma vie par coeur. Que tous la revivent. Que les écoliers et les savants n'aient pas d'autre sujet d'étude que moi, mon royaume, mes exploits. Qu'on

brûle tous les autres livres, qu'on détruise toutes les statues, qu'on mette la mienne sur toutes les places publiques. Mon image dans tous les ministères, dans les bureaux de toutes les sous-préfectures, chez les contrôleurs fiscaux, dans les hôpitaux. Qu'on donne mon nom à tous les avions, à tous les vaisseaux, aux voitures à bras et à vapeur. Que tous les autres rois, les guerriers, les poètes, les ténors, les philosophes soient oubliés et qu'il n'y ait plus que moi dans toutes les consciences. Un seul nom de baptême, un seul nom de famille pour tout le monde. Que l'on apprenne à lire en épelant mon nom : B-é-Bé, Bérenger. Que je sois sur les icônes, que je sois sur les millions de croix dans toutes les églises. Que l'on dise des messes pour moi, que je sois l'hostie. Que toutes les fenêtres éclairées aient la couleur et la forme de mes yeux, que les fleuves dessinent dans les plaines le profil de mon visage ! Que l'on m'appelle éternellement, qu'on me supplie, que l'on m'implore.

MARIE

Peut-être reviendras-tu ?

LE ROI

Peut-être reviendrai-je. Que l'on garde mon corps intact dans un palais sur un trône, que l'on m'apporte des nourritures. Que des musiciens jouent pour moi, que des vierges se roulent à mes pieds refroidis.

Le Roi s'est levé pour dire cette tirade.

JULIETTE, à Marguerite.

C'est le délire, Madame.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté, le Roi délire.

MARGUERITE

Pas encore. Il est encore trop sensé. À la fois trop et pas assez.

LE MÉDECIN, *au Roi.*

Si telle est votre volonté, on embaumera votre corps, on le conservera.

JULIETTE

Tant qu'on pourra.

LE ROI

Horreur ! Je ne veux pas qu'on m'embaume. Je ne veux pas de ce cadavre. Je ne veux pas qu'on me brûle ! Je ne veux pas qu'on m'enterre, je ne veux pas qu'on me

donne aux vautours ni aux fauves. Je veux qu'on me garde dans des bras chauds, dans des bras frais, dans des bras tendres, dans des bras fermes.

JULIETTE

Il ne sait pas très bien ce qu'il veut.

MARGUERITE

Nous déciderons pour lui. (*À Marie.*) Ne vous évanouissez pas. (*Juliette pleure.*)

Celle-là aussi. C'est toujours pareil.

LE ROI

Si l'on se souvient de moi, ce sera pour combien de temps ? Qu'ils se souviennent jusqu'à la fin des temps, et après la fin des temps, dans vingt mille ans, dans deux cent cinquante-cinq milliards d'années... Plus personne pour personne. Ils oublieront avant. Des égoïstes, tous, tous. Ils ne pensent qu'à leur vie, qu'à leur peau. Pas à la mienne. Si toute la terre s'use et fond, cela viendra, si tous les univers éclatent, ils éclateront, que ce soit demain ou dans des siècles et des siècles, c'est la même chose. Ce qui doit finir est déjà fini.

MARGUERITE

Tout est hier.

JULIETTE

Même aujourd'hui c'était hier.

LE MÉDECIN

Tout est passé.

MARIE

Mon chéri, mon Roi, il n'y a pas de passé, il n'y a pas de futur. Dis-le-toi, il y a un présent jusqu'au bout, tout est présent ; sois présent. Sois présent.

LE ROI

Hélas ! Je ne suis présent qu'au passé.

MARIE

Mais non.

MARGUERITE, *au Roi.*

C'est cela, sois lucide, Bérenger.

MARIE

Oui, sois lucide, mon Roi, mon chéri. Ne te tourmente plus. Exister, c'est un mot, mourir est un mot, des formules, des idées que l'on se fait. Si tu comprends cela, rien ne

pourra t'entamer. Saisis-toi, tiens-toi bien, ne te perds plus de vue, plonge dans l'ignorance de toute autre chose. Tu es, maintenant, tu es. Ne sois plus qu'une interrogation infinie : qu'est-ce que c'est, qu'est-ce que... L'impossibilité de répondre est la réponse même, elle est ton être même qui éclate, qui se répand. Plonge dans l'étonnement et la stupéfaction sans limites ainsi tu peux être sans limites, ainsi tu peux être infiniment. Sois étonné, sois ébloui, tout est étrange, indéfinissable. Écarte les barreaux de la prison, enfonce ses murs, évade-toi des définitions. Tu respireras.

LE MÉDECIN

Il étouffe.

MARGUERITE

La peur lui bouche l'horizon.

MARIE

Laisse-toi inonder par la joie, par la lumière, sois étonné, sois ébloui.

L'éblouissement pénètre les chairs et les os comme un flot, comme un fleuve de lumière éclatant. Si tu le veux.

JULIETTE

Il voudrait bien.

MARIE, *joignant les mains ;*

ton des supplications.

Souviens-toi, je t'en supplie, de ce matin de juin au bord de la mer, où nous étions ensemble, la joie t'éclairait, te pénétrait. Tu l'as eue cette joie, tu disais qu'elle était là, inaltérable, féconde, intarissable. Si tu l'as dit, tu le dis. Cette resplendissante aurore était en toi. Si elle l'était, elle l'est toujours. Retrouve-la. En toi-même, cherche-la.

LE ROI

Je ne comprends pas.

MARIE

Tu ne te comprends plus.

MARGUERITE

Il ne s'est jamais compris.

MARIE

Ressaisis-toi.

LE ROI

Comment m'y prendre ? On ne peut pas, ou bien on ne veut pas m'aider. Moi-même, je ne puis m'aider. Ô soleil, aide-moi soleil, chasse l'ombre, empêche la nuit. Soleil, soleil éclaire toutes les tombes, entre dans tous les coins sombres et les trous et les recoins, pénètre en moi. Ah ! Mes pieds commencent à refroidir, viens me réchauffer, que tu entres dans mon corps, sous ma peau, dans mes yeux. Rallume leur lumière défaillante, que je voie, que je voie, que je voie. Soleil, soleil, me regretteras-tu ? Petit soleil, bon soleil, défends-moi. Dessèche et tue le monde entier s'il faut un petit sacrifice. Que tous meurent pourvu que je vive éternellement même tout seul dans le désert sans frontières. Je m'arrangerai avec la solitude. Je garderai le souvenir des autres, je les regretterai sincèrement. Je peux vivre dans l'immensité transparente du vide. Il vaut mieux regretter que d'être regretté. D'ailleurs, on ne l'est pas. Lumière des jours, au secours !

LE MÉDECIN, à *Marie*.

Ce n'est pas de cette lumière que vous parliez. Ce n'est pas ce désert dans la durée que vous lui recommandiez. Il ne vous a pas comprise, il ne peut plus, pauvre cerveau.

MARGUERITE

Vaine intervention. Ce n'est pas la bonne voie.

LE ROI

Que j'existe même avec une rage de dents pendant des siècles et des siècles.

Hélas, ce qui doit finir est déjà fini.

LE MÉDECIN

Alors, Sire, qu'est-ce que vous attendez ?

MARGUERITE

Il n'y a que sa tirade qui n'en finit plus. (*Montrant la reine Marie et Juliette.*) Et ces deux femmes qui pleurent. Elles l'enlisent davantage, ça le colle, ça l'attache, ça le freine.

LE ROI

Non, on ne pleure pas assez autour de moi, on ne me plaint pas assez. On ne s'angoisse pas assez. (*À Marguerite.*) Qu'on ne les empêche pas de pleurer, de hurler, d'avoir pitié du Roi, du jeune Roi, du pauvre petit Roi, du vieux Roi. Moi, j'ai pitié quand je pense qu'elles me regretteront, qu'elles ne me verront plus, qu'elles seront abandonnées, qu'elles seront seules. C'est encore moi qui pense aux autres, à tous.

Entrez en moi, vous autres, soyez moi, entrez dans ma peau. Je meurs, vous entendez, je veux dire que je meurs, je n'arrive pas à le dire, je ne fais que de la littérature.

MARGUERITE

Et encore !

LE MÉDECIN

Ses paroles ne méritent pas d'être consignées. Rien de nouveau.

LE ROI

Ils sont tous des étrangers. Je croyais qu'ils étaient ma famille. J'ai peur, je m'enfonce, je m'engloutis, je ne sais plus rien, je n'ai pas été. Je meurs.

MARGUERITE

C'est cela la littérature.

LE MÉDECIN

On en fait jusqu'au dernier moment. Tant qu'on est vivant, tout est prétexte à littérature.

MARIE

Si cela pouvait le soulager.

LE GARDE, *annonçant.*

La littérature soulage un peu le Roi !

LE ROI

Non, non. Je sais, rien ne me soulage. Elle me remplit, elle me vide. Ah, la la, la, la, la, la, la. (*Lamentations. Puis, sans déclamation, comme s'il gémissait doucement.*)

Vous tous, innombrables, qui êtes morts avant moi, aidez-moi. Dites-moi comment vous avez fait pour mourir, pour accepter. Apprenez-le-moi. Que votre exemple me console, que je m'appuie sur vous comme sur des béquilles, comme sur des bras fraternels. Aidez-moi à franchir la porte que vous avez franchie. Revenez de ce côté-ci un instant pour me secourir. Aidez-moi, vous, qui avez eu peur et n'avez pas voulu. Comment cela s'est-il passé ? Qui vous a soutenus ? Qui vous a entraînés, qui vous a poussés ? Avez-vous eu peur jusqu'à la fin ? Et vous, qui étiez forts et courageux, qui avez consenti à mourir avec indifférence et sérénité, apprenez-moi l'indifférence, apprenez-moi la sérénité, apprenez-moi la résignation.

Les répliques qui suivent doivent être dites et jouées comme un rituel, avec solennité, presque chantées, avec des mouvements divers des comédiens, agenouillements, bras tendus, etc.

JULIETTE

Vous les statues, vous les lumineux, ou les ténébreux, vous les anciens, vous les ombres, vous les souvenirs...

MARIE

Apprenez-lui la sérénité.

LE GARDE

Apprenez-lui l'indifférence.

LE MÉDECIN

Apprenez-lui la résignation.

MARGUERITE

Faites-lui entendre raison et qu'il se calme.

LE ROI

Vous, les suicidés, apprenez-moi comment il faut faire pour acquérir le dégoût de l'existence. Apprenez-moi la lassitude. Quelle drogue faut-il prendre pour cela ?

LE MÉDECIN

Je peux prescrire des pilules euphoriques, des tranquillisants.

MARGUERITE

Il les vomirait.

JULIETTE

Vous, les souvenirs...

LE GARDE

Vous, les vieilles images...

JULIETTE

... Qui n'existe plus que dans les mémoires...

LE GARDE

Souvenirs de souvenirs de souvenirs...

MARGUERITE

Ce qu'il doit apprendre, c'est de céder un peu, puis de s'abandonner carrément.

LE GARDE

... Nous vous invoquons.

MARIE

Vous, les brumes, vous, les rosées...

JULIETTE

Vous, les fumées, vous, les nuages...

MARIE

Vous, les saintes, vous les sages, vous les folles, aidez-le puisque je ne peux l'aider.

JULIETTE

Aidez-le.

LE ROI

Vous, qui êtes morts dans la joie, qui avez regardé en face, qui avez assisté à votre propre fin...

JULIETTE

Aidez le Roi.

MARIE

Aidez-le vous tous, aidez-le, je vous en supplie.

LE ROI

Vous, les morts heureux, vous avez vu quel visage près du vôtre ? Quel sourire vous a détendus et fait sourire ? Quelle est la lumière dernière qui vous a éclairés ?

JULIETTE

Aidez-le, vous, les milliards de défunts.

LE GARDE

Oh, Grand Rien, aidez le Roi.

LE ROI

Des milliards de morts. Ils multiplient mon angoisse. Je suis leurs agonies. Ma mort est innombrable. Tant d'univers s'éteignent en moi.

MARGUERITE

La vie est un exil.

LE ROI

Je sais, je sais.

LE MÉDECIN

En somme, Majesté, vous retournerez dans votre patrie.

MARIE

Tu iras là où tu étais avant de naître. N'aie pas si peur. Tu dois connaître cet endroit, d'une façon obscure, bien sûr.

LE ROI

J'aime l'exil. Je me suis expatrié. Je ne veux pas y retourner. Quel était ce monde ?

MARGUERITE

Souviens-toi, fais un effort.

LE ROI

Je ne vois rien, je ne vois rien.

MARGUERITE

Souviens-toi, allons, pense, allons, réfléchis. Pense, pense donc, tu n'as jamais pensé.

LE MÉDECIN

Il n'y a plus jamais pensé.

MARIE

Autre monde, monde perdu, monde oublié, monde englouti, remontez à la surface.

JULIETTE

Autre plaine, autre montagne, autre vallée...

MARIE

Rappelez-lui votre nom.

LE ROI

Aucun souvenir de cette patrie.

JULIETTE

Il ne se souvient pas de sa patrie.

LE MÉDECIN

Il est trop affaibli, il n'est pas en état.

LE ROI

Aucune nostalgie, si ténue, si fugitive soit-elle.

MARGUERITE

Enfonce-toi dans tes souvenirs, plonge dans l'absence de souvenirs, au-delà du souvenir. (*Au Médecin.*) Il n'a du regret que pour ce monde-ci.

MARIE

Souvenir au-delà du souvenir, apparais-lui, aide-le.

LE MÉDECIN

Pour le faire plonger, voyez-vous, c'est toute une histoire.

MARGUERITE

Il faudra bien.

LE GARDE

Sa Majesté n'a jamais été bathyscaphe.

JULIETTE

Domage. Il n'est pas entraîné.

MARGUERITE

Il faudra bien qu'il apprenne le métier.

LE ROI

Quand elle est en danger de mort, la moindre fourmi se débat, elle est abandonnée, brusquement arrachée à sa collectivité. En elle aussi, tout l'univers s'éteint. Il n'est pas naturel de mourir, puisqu'on ne veut pas. Je veux être.

JULIETTE

Il veut toujours être, il ne connaît que cela.

MARIE

Il a toujours été.

MARGUERITE

Il faudra qu'il ne regarde plus autour, qu'il ne s'accroche plus aux images, il faut qu'il rentre en lui et qu'il s'enferme. (*Au Roi.*) Ne parle plus, tais-toi, reste dedans. Ne regarde plus, cela te fera du bien.

LE ROI

Je ne veux pas de ce bien.

LE MÉDECIN, à *Marguerite*.

On n'en est pas encore là pour l'instant. Il ne peut pas maintenant. Votre Majesté doit le pousser, bien sûr, pas trop fort encore.

MARGUERITE

Ce ne sera pas facile, mais nous avons la patience.

LE MÉDECIN

Nous sommes sûrs du résultat.

LE ROI

Docteur, Docteur, l'agonie a-t-elle commencé ?... Non, vous vous trompez... pas encore... pas encore. (*Sorte de soupir de soulagement.*) Ça n'a pas encore

commencé. Je suis, je suis ici. Je vois, il y a ces murs, il y a ces meubles, il y a de l'air, je regarde les regards, les voix me parviennent, je vis, je me rends compte, je vois, j'entends, je vois, j'entends. Les fanfares !

Sortes de fanfares très faibles. Il marche.

LE GARDE

Le Roi marche, vive le Roi !

Le Roi tombe.

JULIETTE

Il tombe.

LE GARDE

Le Roi tombe, le Roi meurt.

Le Roi se relève.

MARIE

Il se relève.

LE GARDE

Le Roi se relève, vive le Roi !

MARIE

Il se relève.

LE GARDE

Vive le Roi ! (*Le Roi tombe.*) Le Roi est mort.

MARIE

Il se relève. (*Il se relève en effet.*) Il est vivant.

LE GARDE

Vive le Roi !

Le Roi se dirige vers son trône.

JULIETTE

Il veut s'asseoir sur son trône.

MARIE

Il règne ! Il règne !

LE MÉDECIN

Et maintenant, c'est le délire.

MARIE, *au Roi qui essaye de gravir les marches du trône en titubant.*

Ne lâche pas, accroche-toi. (*À Juliette qui veut aider le Roi.*) Tout seul, il peut tout seul.

Il n'arrive pas à gravir les marches du trône.

LE ROI

Pourtant, j'ai des jambes.

MARIE

Avance.

MARGUERITE

Il nous reste trente-deux minutes trente secondes.

LE ROI

Je me relève.

LE MÉDECIN

C'est l'avant-dernier sursaut.

Il a parlé à Marguerite. Le Roi tombe dans le fauteuil à roulettes que Juliette vient justement d'avancer. On le couvre, on lui met une bouillotte, il dit toujours :

LE ROI

Je me relève.

La bouillotte, la couverture, etc., viennent petit à petit dans la scène qui suit, apportées par Juliette.

MARIE

Tu es essoufflé, tu es fatigué, repose-toi, tu te relèveras après.

MARGUERITE, à Marie.

Ne mens pas. Ça ne l'aide pas.

LE ROI, dans son fauteuil.

J'aimais la musique de Mozart.

MARGUERITE

Tu l'oublieras.

LE ROI, à Juliette.

As-tu raccommodé mon pantalon ? Penses-tu que ce ne soit plus la peine ? Il y avait un trou dans mon manteau de pourpre. L'as-tu rapiécé ? As-tu recousu les boutons qui manquaient à mon pyjama. As-tu fait ressemeler mes souliers ?

JULIETTE

Je n'y ai plus pensé.

LE ROI

Tu n'y as plus pensé ! À quoi penses-tu ? Parle-moi, que fait ton mari ?

Juliette a mis ou met sa coiffe d'infirmière et un tablier blanc.

JULIETTE

Je suis veuve.

LE ROI

À quoi penses-tu quand tu fais le ménage ?

JULIETTE

À rien, Majesté.

Tout ce qui va être dit par le Roi dans cette scène doit être dit avec hébétude, stupéfaction, plutôt qu'avec pathétisme.

LE ROI

D'où viens-tu ? Quelle est ta famille ?

MARGUERITE, *au Roi.*

Cela ne t'a jamais intéressé.

MARIE

Il n'a jamais eu le temps de lui demander.

MARGUERITE, *au Roi.*

Cela ne t'intéresse pas vraiment.

LE MÉDECIN

Il veut gagner du temps.

LE ROI, *à Juliette.*

Dis-moi ta vie. Comment vis-tu ?

JULIETTE

Je vis mal. Seigneur.

LE ROI

On ne peut pas vivre mal. C'est une contradiction.

JULIETTE

La vie n'est pas belle.

LE ROI

Elle est la vie.

Ce n'est pas un véritable dialogue, le Roi se parle plutôt à lui-même.

JULIETTE

En hiver, quand je me lève, il fait encore nuit. Je suis glacée.

LE ROI

Moi aussi. Ce n'est pas le même froid. Tu n'aimes pas avoir froid ?

JULIETTE

En été, quand je me lève, il commence à peine à faire jour. La lumière est blême.

LE ROI, *avec ravissement.*

La lumière est blême ! Il y a toutes sortes de lumières : la bleue, la rose, la blanche, la verte, la blême !

JULIETTE

Je lave le linge de toute la maison au lavoir. J'ai mal aux mains, ma peau est crevassée.

LE ROI, *avec ravissement.*

Ça fait du mal. On sent sa peau. On ne t'a pas encore acheté une machine à laver ?

Marguerite, pas de machine à laver dans un palais !

MARGUERITE

On a dû la laisser en gages pour un emprunt d'État.

JULIETTE

Je vide des pots de chambre. Je fais les lits.

LE ROI

Elle fait les lits ! On y couche, on s'y endort, on s'y réveille. Est-ce que tu t'es aperçu que tu te réveillais tous les jours ? Se réveiller tous les jours... On vient au monde tous les matins.

JULIETTE

Je frotte les parquets. Je balaye, je balaye, je balaye. Ça n'en finit pas.

LE ROI, *avec ravissement.*

Ça n'en finit pas !

JULIETTE

J'en ai mal dans le dos.

LE ROI

C'est vrai. Elle a un dos. Nous avons un dos.

JULIETTE

J'ai mal aux reins.

LE ROI

Aussi des reins !

JULIETTE

Depuis qu'il n'y a plus de jardinier, je bêche, et je pioche. Je sème.

LE ROI

Et ça pousse !

JULIETTE

Je n'en peux plus de fatigue.

LE ROI

Tu aurais dû nous le dire.

JULIETTE

Je vous l'avais dit.

LE ROI

C'est vrai. Tant de choses m'ont échappé. Je n'ai pas tout su. Je n'ai pas été partout.

Ma vie

aurait pu être pleine.

JULIETTE

Ma chambre n'a pas de fenêtre.

le roi, *avec le même ravissement.*

Pas de fenêtre ! On sort. On cherche la lumière. On la trouve. On lui sourit. Pour

sortir, tu tournes la clef dans la serrure, tu ouvres la porte, tu fais de nouveau tourner

la clef, tu refermes la porte. Où habites-tu ?

JULIETTE

Au grenier.

LE ROI

Pour descendre, tu prends l'escalier, tu descends une marche, encore une marche,

encore une marche, encore une marche, encore une marche, encore une marche.

Pour t'habiller, tu avais mis des bas, des souliers.

JULIETTE

Des souliers éculés !

LE ROI

Une robe. C'est extraordinaire !...

JULIETTE

Une robe moche, de quatre sous.

LE ROI

Tu ne sais pas ce que tu dis. Que c'est beau une robe moche.

JULIETTE

J'ai eu un abcès dans la bouche. On m'a arraché une dent.

LE ROI

On souffre beaucoup. La douleur s'atténue, elle disparaît. Quel soulagement ! On est très heureux après.

JULIETTE

Je suis fatiguée, fatiguée, fatiguée.

LE ROI

Après on se repose. C'est bon.

JULIETTE

Je n'en ai pas le loisir.

LE ROI

Tu peux espérer que tu l'auras... Tu marches, tu prends un panier, tu vas faire les courses. Tu dis bonjour à l'épicier.

JULIETTE

Un bonhomme obèse, il est affreux. Tellement laid qu'il fait fuir les chats et les oiseaux.

LE ROI

Comme c'est merveilleux. Tu sors ton porte-monnaie, tu payes, on te rend la monnaie. Au marché, il y a des aliments de toutes les couleurs, salade verte, cerises rouges, raisin doré, aubergine violette... tout l'arc-en-ciel !... Extraordinaire, incroyable. Un conte de fées.

JULIETTE

Ensuite, je rentre... Par le même chemin.

LE ROI

Deux fois par jour le même chemin ! Le ciel au-dessus ! Tu peux le regarder deux fois par jour.

Tu respires. Tu ne penses jamais que tu respires. Penses-y. Rappelle-toi. Je suis sûr que tu n'y fais pas attention. C'est un miracle.

JULIETTE

Et puis, et puis, je lave la vaisselle de la veille. Des assiettes pleines de gras qui colle. Et puis, j'ai la cuisine à faire.

LE ROI

Quelle joie !

JULIETTE

Au contraire. Ça m'ennuie. J'en ai assez.

LE ROI

Ça t'ennuie ! Il y a des êtres qu'on ne comprend pas. C'est beau aussi de s'ennuyer, c'est beau aussi de ne pas s'ennuyer, et de se mettre en colère, et de ne pas se mettre en colère, et d'être mécontent et d'être content, et de se résigner et de revendiquer. On s'agite, et vous parlez et on vous parle, vous touchez et on vous touche. Une féerie tout ça, une fête continuelle.

JULIETTE

En effet, ça n'arrête pas. Après, je dois encore servir à table.

LE ROI, *avec le même ravissement.*

Tu sers à table ! Tu sers à table ! Que sers-tu à table ?

JULIETTE

Le repas que j'ai préparé.

LE ROI

Par exemple, quoi ?

JULIETTE

Je ne sais pas, le plat du jour, le pot-au-feu !

LE ROI

Le pot-au-feu !... Le pot-au-feu !

Rêveur.

JULIETTE

C'est un repas complet.

LE ROI

J'aimais tellement le pot-au-feu ; avec des légumes, des pommes de terre, des choux et des carottes, qu'on mélange avec du beurre et qu'on écrase avec la fourchette pour en faire de la purée.

JULIETTE

On pourrait lui en apporter.

LE ROI

Qu'on m'en apporte.

MARGUERITE

Non.

JULIETTE

Si ça lui fait plaisir.

LE MÉDECIN

Mauvais pour sa santé. Il est à la diète.

LE ROI

Je veux du pot-au-feu.

LE MÉDECIN

Ce n'est pas recommandé pour la santé des mourants.

MARIE

C'est peut-être son dernier désir.

MARGUERITE

Il faut qu'il s'en détache.

LE ROI, *rêveur.*

Le bouillon... les pommes de terre chaudes... les carottes bien cuites.

JULIETTE

Il fait encore des jeux de mots.

LE ROI, *avec fatigue.*

Je n'avais encore jamais remarqué que les carottes étaient si belles. (*À Juliette.*) Va vite tuer les deux araignées de la chambre à coucher. Je ne veux pas qu'elles me survivent. Non, ne les tue pas. Elles ont peut-être quelque chose de moi... Il est mort, le pot-au-feu... disparu de l'univers.

Il n'y a jamais eu de pot-au-feu.

LE GARDE, *annonçant.*

Pot-au-feu défendu sur toute l'étendue du territoire.

MARGUERITE

Enfin ! Une chose faite ! Il y a renoncé. C'est par les désirs les moins importants que l'on doit commencer. Il faut s'y prendre avec beaucoup d'adresse, oui, on peut commencer maintenant. Doucement, comme pour un pansement qui entoure une plaie à vif, un pansement dont on soulève d'abord les marges les plus éloignées du

coeur de la blessure. (*S'approchant du Roi.*) Essuie sa sueur, Juliette, il est tout trempé. (*À Marie.*) Non, pas toi.

LE MÉDECIN, à *Marguerite*.

C'est sa terreur qui s'en va petit à petit par les pores. (*Il examine le malade tandis que Marie peut se mettre un moment à genoux en se couvrant le visage de ses mains.*) Voyez-vous, sa température a baissé, pourtant, il n'a presque plus la chair de poule. Ses cheveux qui s'étaient hérissés se détendent et se couchent. Il n'est pas encore habitué à l'épouvante, non, non, mais il peut la regarder dedans, c'est pour cela qu'il ose fermer les yeux. Il les rouvrira. Les traits sont encore défaits mais regardez comme les rides et la vieillesse s'installent sur son visage. Déjà il les laisse progresser. Il aura encore des secousses, ça ne vient pas si vite. Mais il n'aura plus les coliques de la terreur. Cela aurait été déshonorant. Il aura encore de la terreur, de la terreur pure, sans complication abdominale. On ne peut espérer une mort exemplaire. Toutefois, ce sera à peu près convenable. Il mourra de sa mort et non plus de sa peur. Il faudra quand même l'aider, Majesté, il faudra beaucoup l'aider, jusqu'à la dernière seconde, jusqu'au tout dernier souffle.

MARGUERITE

Je l'aiderai. Je le lui ferai sortir. Je le décollerai. Je déferai tous les noeuds, je démêlerai l'écheveau embrouillé, je séparerai les grains de cette ivraie têtue, énorme, qui s'y cramponne.

LE MÉDECIN

Ce ne sera pas commode.

MARGUERITE

Où a-t-il pu attraper tant de mauvaises herbes, toutes ces herbes folles ?

LE MÉDECIN

Petit à petit. Elles ont poussé avec les années.

MARGUERITE

Tu deviens sage, Majesté. N'es-tu pas plus tranquille ?

MARIE, se relevant, au Roi.

Tant qu'elle n'est pas là, tu es là. Quand elle sera là, tu n'y seras plus, tu ne la rencontreras pas, tu ne la verras pas.

MARGUERITE

Les mensonges de la vie, les vieux sophismes ! Nous les connaissons. Elle a toujours été là, présente, dès le premier jour, dès le germe. Elle est la pousse qui grandit, la fleur qui s'épanouit, le seul fruit.

MARIE, à *Marguerite*.

Cela aussi est une vérité première, nous la connaissons aussi.

MARGUERITE

C'est la première vérité. Et la dernière. N'est-ce pas, Docteur ?

LE MÉDECIN

Les deux choses sont vraies. Cela dépend du point de vue.

MARIE, *au Roi*.

Tu me croyais, autrefois.

LE ROI

Je meurs.

LE MÉDECIN

Il a changé de point de vue. Il s'est déplacé.

MARIE

S'il faut regarder des deux côtés, regarde aussi du mien.

LE ROI

Je meurs. Je ne peux pas. Je meurs.

MARIE

Ah ! Je perds mon pouvoir sur lui.

MARGUERITE, à *Marie*.

Ton charme et tes charmes ne jouent plus.

LE GARDE, *annonçant*.

Le charme de la reine Marie ne joue plus beaucoup sur le Roi.

MARIE, *au Roi*.

Tu m'aimais, tu m'aimes encore, je t'aime toujours.

MARGUERITE

Elle ne pense qu'à elle.

JULIETTE

C'est naturel.

MARIE

Je t'aime toujours, je t'aime encore.

LE ROI

Je ne sais plus, cela ne m'aide pas.

LE MÉDECIN

L'amour est fou.

MARIE, *au Roi.*

L'amour est fou. Si tu as l'amour fou, si tu aimes insensément, si tu aimes absolument, la mort s'éloigne. Si tu m'aimes moi, si tu aimes tout, la peur se résorbe.

L'amour te porte, tu t'abandonnes et la peur t'abandonne. L'univers est entier, tout ressuscite, le vide se fait plein.

LE ROI

Je suis plein, mais de trous. On me ronge. Les trous s'élargissent, ils n'ont pas de fond. J'ai le vertige quand je me penche sur mes propres trous, je finis.

MARIE

Ce n'est pas fini, les autres aimeront pour toi, les autres verront le ciel pour toi.

LE ROI

Je me meurs.

MARIE

Entre dans les autres, sois les autres. Il y aura toujours... cela, cela.

LE ROI

Quoi cela ?

MARIE

Tout cela qui est. Cela ne périt pas.

LE ROI

Il y a encore... il y a encore... il y a encore si peu.

MARIE

Les générations jeunes agrandissent l'univers.

LE ROI

Je meurs.

MARIE

Des constellations sont conquises.

LE ROI

Je meurs.

MARIE

Les téméraires enfoncent les portes des cieux.

LE ROI

Qu'ils les défoncent.

LE MÉDECIN

Ils sont aussi en train de fabriquer les élixirs de l'immortalité.

LE ROI, *au Médecin.*

Incapable ! Pourquoi ne les as-tu pas inventés toi-même avant ?

MARIE

De nouveaux astres sont sur le point d'apparaître.

LE ROI

Je rage.

MARIE

Ce sont des étoiles toutes neuves. Des étoiles vierges.

LE ROI

Elles se flétriront. D'ailleurs, cela m'est égal.

LE GARDE, *annonçant.*

Ni les anciennes ni les nouvelles constellations n'intéressent plus Sa Majesté, le roi Bérenger !

MARIE

Une science nouvelle se constitue.

LE ROI

Je meurs.

MARIE

Une autre sagesse remplace l'ancienne, une plus grande folie, une plus grande ignorance, tout à fait différente, tout à fait pareille. Que cela te console, que cela te réjouisse.

LE ROI

J'ai peur, je meurs.

MARIE

Tu as préparé tout cela.

LE ROI

Sans le faire exprès.

MARIE

Tu as été une étape, un élément, un précurseur. Tu es de toutes les constructions.
Tu comptes. Tu seras compté.

LE ROI

Je ne serai pas le comptable. Je meurs.

MARIE

Tout ce qui a été sera, tout ce qui sera est, tout ce qui sera a été. Tu es inscrit à jamais dans les registres universels.

LE ROI

Qui consultera les archives ? Je meurs, que tout meure, non, que tout reste, non, que tout meure puisque ma mort ne peut remplir les mondes ! Que tout meure. Non, que tout reste.

LE GARDE

Sa Majesté le Roi veut que tout le reste reste.

LE ROI

Non, que tout meure.

LE GARDE

Sa Majesté le Roi veut que tout meure.

LE ROI

Que tout meure avec moi, non, que tout reste après moi. Non, que tout meure. Non, que tout reste. Non, que tout meure, que tout reste, que tout meure.

MARGUERITE

Il ne sait pas ce qu'il veut.

JULIETTE

Je crois qu'il ne sait plus ce qu'il veut.

LE MÉDECIN

Il ne sait plus ce qu'il veut. Son cerveau dégénère, c'est la sénilité, le gâtisme.

LE GARDE, *annonçant.*

Sa Majesté devient gâ...

MARGUERITE, *au Garde, l'interrompant.*

Imbécile, tais-toi. Ne donne plus de bulletins de santé pour la presse. Ça ferait rire ceux qui peuvent encore rire et entendre. Ça réjouit les autres, ils surprennent tes paroles par la télégraphie.

LE GARDE, *annonçant.*

Bulletins de santé suspendus, d'ordre de Sa Majesté, la reine Marguerite.

MARIE, *au Roi.*

Mon Roi, mon petit Roi...

LE ROI

Quand j'avais des cauchemars, et que je pleurais en dormant, tu me réveillais, tu m'embrassais, tu me calmais.

MARGUERITE

Elle ne peut plus le faire.

LE ROI, *à Marie.*

Quand j'avais des insomnies et que je quittais la chambre, tu te réveillais aussi. Tu venais me chercher dans la salle du trône, dans ta robe de nuit rose avec des fleurs, et tu me ramenaient me coucher en me prenant par la main.

JULIETTE

Avec mon mari, c'était pareil.

LE ROI

Je partageais avec toi mon rhume, ma grippe.

MARGUERITE

Tu n'auras plus de rhume.

LE ROI

On ouvrait les yeux en même temps, le matin, je les fermerai tout seul ou chacun de son côté. Nous pensions aux mêmes choses en même temps. Tu terminais la phrase que j'avais commencée dans ma tête. Je t'appelais pour que tu me frottes le dos quand je prenais mon bain. Tu choisissais mes cravates. Je ne les aimais pas toujours. Nous avons des conflits à ce sujet. Personne ne l'a su, personne ne le saura.

LE MÉDECIN

Ce n'était pas très important.

MARGUERITE

Quel petit bourgeois ! Vraiment, ça ne doit pas se savoir.

LE ROI, *à Marie.*

Tu n'aimais pas que je sois décoiffé. Tu me peignais.

JULIETTE

C'est attendrissant tout cela.

MARGUERITE, *au Roi.*

Tu ne seras plus dépeigné.

JULIETTE

C'est tout de même bien triste.

LE ROI

Tu essayais ma couronne, tu en frottais les perles pour les faire briller.

MARIE, *au Roi.*

M'aimes-tu ? M'aimes-tu ? Je t'aime toujours. M'aimes-tu encore ? Il m'aime encore.

M'aimes-tu en ce moment ? Je suis là... ici... je suis... regarde, regarde... Vois-moi bien... vois-moi un peu.

LE ROI

Je m'aime toujours, malgré tout je m'aime, je me sens encore. Je me vois. Je me regarde.

MARGUERITE, *à Marie.*

Assez ! (*Au Roi.*) Ne regarde plus derrière. On te le recommande. Ou alors dépêche-toi. Tout à l'heure, on te l'ordonnera. (*À Marie.*) Tu ne peux plus lui faire que du tort, je te l'avais dit.

LE MÉDECIN, *regardant sa montre.*

Il se met en retard... Il retourne.

MARGUERITE

Ce n'est rien. Ne vous inquiétez pas, monsieur le Docteur, monsieur le Bourreau.

Ces retours, ces tours et ces détours... c'était prévu, c'est dans le programme.

LE MÉDECIN

Avec une bonne crise cardiaque, nous n'aurions pas eu tant d'histoires.

MARGUERITE

Les crises cardiaques, c'est pour les hommes d'affaires.

LE MÉDECIN

... Ou bien une double pneumonie !

MARGUERITE

C'est pour les pauvres, pas pour les rois.

LE ROI

Je pourrais décider de ne pas mourir.

JULIETTE

Vous voyez, il n'est pas guéri.

LE ROI

Si je décidais de ne pas vouloir, si je décidais de ne pas vouloir, si je décidais de ne pas me décider ! XXXXX

MARGUERITE

Nous pouvons te décider.

LE GARDE, *annonçant.*

La Reine et le docteur peuvent obliger le Roi à se décider.

LE MÉDECIN

C'est notre devoir.

LE ROI

Qui peut vous donner la permission de toucher au Roi, à part le Roi ?

MARGUERITE

La force nous le donne, la force des choses, le suprême Décret, les consignes.

LE MÉDECIN, *à Marguerite.*

C'est nous maintenant qui sommes le commandement et les consignes.

LE GARDE, *pendant que Juliette se met à pousser le Roi dans son fauteuil à roulettes et le promène autour du plateau.*

Majesté, mon Commandant, c'est lui qui avait inventé la poudre. Il a volé le feu aux Dieux puis il a mis le feu aux poudres. Tout a failli sauter. Il a tout retenu dans ses mains, il a tout reficelé. Je l'aidais, ce n'était pas commode. Il n'était pas commode. Il a installé les premières forges sur la terre. Il a inventé la fabrication de l'acier. Il travaillait dix-huit heures sur vingt-quatre. Nous autres, il nous faisait travailler davantage encore. Il était ingénieur en chef. Monsieur l'Ingénieur a fait le premier ballon, puis le ballon dirigeable. Enfin, il a construit de ses mains le premier aéroplane. Cela n'a pas réussi tout de suite. Les premiers pilotes d'essai, Icare et tant d'autres, sont tombés dans la mer jusqu'au moment où il a décidé de piloter lui-même. J'étais son mécanicien. Bien avant encore, quand il était petit dauphin, il avait inventé la brouette. Je jouais avec lui. Puis, les rails, le chemin de fer, l'automobile. Il a fait les plans de la tour Eiffel, sans compter les faucilles, les charrues, les moissonneuses, les tracteurs. *(Au Roi.)* N'est-ce pas monsieur le Mécanicien, vous vous en souvenez ?

LE ROI

Les tracteurs, tiens, j'avais oublié.

LE GARDE

Il a éteint les volcans, il en a fait surgir d'autres. Il a bâti Rome, New York, Moscou, Genève. Il a fondé Paris. Il a fait les révolutions, les contre-révolutions, la religion, la réforme, la contreréforme.

JULIETTE

On ne le dirait pas à le voir.

LE GARDE

Il a écrit *L'Illiade* et *L'Odyssee*.

LE ROI

Qu'est-ce qu'une auto ?

JULIETTE, *toujours le poussant dans son fauteuil*.

Ça roule tout seul.

LE GARDE

Et en même temps, monsieur l'Historien a fait les meilleurs commentaires sur Homère et l'époque homérique.

LE MÉDECIN

Dans ce cas, vraiment, c'était lui le plus qualifié.

LE ROI

J'ai fait tout cela ! Est-ce vrai ?

LE GARDE

Il a écrit des tragédies, des comédies, sous le pseudonyme de Shakespeare.

JULIETTE

C'était donc lui Shakespeare ?

LE MÉDECIN, *au Garde*.

Vous auriez dû nous le dire depuis le temps qu'on se casse la tête pour savoir qui c'était.

LE GARDE

C'était un secret. Il m'avait défendu. Il a inventé le téléphone, le télégraphe, il les a installés lui-même. Il faisait tout de ses mains.

JULIETTE

Il ne savait plus rien faire de ses mains. Pour la moindre réparation, il appelait le plombier.

LE GARDE

Mon Commandant, vous étiez si adroit !

MARGUERITE

Il ne sait plus se chauffer, se déchauffer.

LE GARDE

Il n'y a pas longtemps, il a inventé la fission de l'atome.

JULIETTE

Il ne sait plus allumer ni éteindre une lampe.

LE GARDE

Majesté, mon Commandant, Maître, monsieur le Directeur...

MARGUERITE, *au Garde.*

Nous connaissons tous ses mérites passés. N'en fais plus l'inventaire.

Le Garde reprend sa place.

LE ROI, *pendant qu'on le promène.*

Qu'est-ce qu'un cheval ?... Voici des fenêtres, voici des murs, voici un plancher.

JULIETTE

Il reconnaît les murs.

LE ROI

J'ai fait des choses. Qu'a-t-on dit que j'ai fait ? Je ne sais plus ce que j'ai fait.

J'oublie, j'oublie.

(Pendant qu'on le pousse.) Voici un trône.

MARIE

Tu te souviens de moi ? Je suis là, je suis là.

LE ROI

Je suis là. J'existe.

JULIETTE

Il ne se souvient même plus d'un cheval.

LE ROI

Je me souviens d'un petit chat tout roux.

MARIE

Il se souvient d'un chat.

LE ROI

J'avais un petit chat tout roux. On l'appelait le chat juif. Je l'avais trouvé dans un champ, volé à sa mère, un vrai sauvage. Il avait quinze jours, peut-être plus. Il savait

déjà griffer et mordre. Il était féroce. Je lui ai donné à manger, je l'ai caressé, je l'ai emmené. Il était devenu le chat le plus doux. Une fois, il s'est caché dans la manche du manteau d'une visiteuse, Madame. C'était l'être le plus poli, une politesse naturelle, un prince. Il venait nous saluer, les yeux tout engourdis, quand on rentrait au milieu de la nuit. Il allait se recoucher en titubant. Le matin, il nous réveillait pour se coucher dans notre lit. Un jour, on a fermé la porte. Il a essayé de l'ouvrir, il la poussait avec le derrière, il s'est fâché, il a fait un beau tapage ; il a boudé une semaine. Il avait très peur de l'aspirateur, c'était un chat poltron, un désarmé, un chat poète. On lui a acheté une souris mécanique. Il s'est mis à la renifler d'un air inquiet. Quand on a tourné la clef et que la souris s'est mise à marcher, il a craché, il s'est enfui, il s'est blotti sous l'armoire. Quand il a grandi, des chattes rôdaient autour de la maison, lui faisaient la cour, l'appelaient. Cela l'affolait, il ne bougeait pas. On a voulu lui faire connaître le monde. Nous l'avons mis sur le trottoir près de la fenêtre. Il était atterré. Des pigeons l'entouraient, il avait peur des pigeons. Il m'a appelé avec désespoir, gémissant, tout collé contre le mur. Les animaux, les autres chats étaient pour lui des créatures étranges dont il se méfiait ou des ennemis qu'il craignait. Il ne se sentait bien qu'avec nous. Nous étions sa famille. Il n'avait pas peur des hommes. Il sautait sur leurs épaules sans les avertir, leur léchait les cheveux. Il croyait que nous étions des chats et que les chats étaient autre chose. Un beau jour, tout de même, il a dû se dire qu'il devait sortir. Le gros chien des voisins l'a tué. Il était comme une poupée-chat, une poupée pantelante, l'oeil crevé, une patte arrachée, oui, comme une poupée abîmée par un enfant sadique.

MARIE, à *Marguerite*.

Tu n'aurais pas dû laisser la porte ouverte ; je t'avais avertie.

MARGUERITE

Je détestais cette bête sentimentale et froussarde.

LE ROI

Ce que j'ai pu le regretter ! Il était bon, il était beau, il était sage, toutes les qualités. Il m'aimait, il m'aimait. Mon pauvre chat, mon seul chat.

Cette tirade du chat doit être dite avec le moins d'émotion possible ; le Roi doit la dire en prenant un air plutôt d'hébétude, avec une sorte de stupeur rêveuse, sauf peut-être cette toute dernière réplique qui exprime une détresse.

LE MÉDECIN

Je vous dis qu'il retarde.

MARGUERITE

J'y veille. Il est dans les délais réglementaires. Je vous dis que c'était prévu.

LE ROI

Je rêvais de lui... Qu'il était dans la cheminée, couché sur la braise, Marie s'étonnait qu'il ne brûlât pas ; j'ai répondu « les chats ne brûlent pas, ils sont ignifugés ». Il est sorti de la cheminée en miaulant, il s'en dégageait une fumée épaisse, ce n'était plus lui, quelle métamorphose ! C'était un autre chat, laid, gros. Une énorme chatte.

Comme sa mère, la chatte sauvage. Il ressemblait à Marguerite.

Juliette laisse quelques moments le Roi dans son fauteuil roulant, au milieu, sur le devant du plateau, face au public.

JULIETTE

C'est malheureux tout de même, c'est bien dommage, c'était un si bon roi.

Circulation.

LE MÉDECIN

Il n'était pas commode. Assez méchant. Rancunier. Cruel.

MARGUERITE

Vaniteux.

JULIETTE

Il y en avait de plus méchants.

MARIE

Il était doux, il était tendre.

LE GARDE

Nous l'aimions bien.

LE MÉDECIN, *au Garde et à Juliette.*

Vous vous en plaigniez pourtant tous les deux.

JULIETTE

On oublie ça.

LE MÉDECIN

J'ai dû intervenir plusieurs fois pour vous, auprès de lui.

MARGUERITE

Il n'écoutait que la reine Marie.

LE MÉDECIN

Il était dur, il était sévère, sans être juste pour autant.

JULIETTE

On le voyait si peu. On le voyait quand même, on le voyait souvent.

LE GARDE

Il était fort. Il faisait couper des têtes, c'est vrai.

JULIETTE

Pas tellement.

LE GARDE

C'était pour le salut public.

LE MÉDECIN

Résultat : nous sommes entourés d'ennemis.

MARGUERITE

Vous entendez comme ça dégringole. Nous n'avons plus de frontières, un trou qui grandit nous sépare des pays voisins.

JULIETTE

Cela vaut mieux. Ils ne peuvent plus nous envahir.

MARGUERITE

L'abîme grandit. Au-dessous il y a le trou, au-dessus il y a le trou.

LE GARDE

Nous nous maintenons à la surface.

MARGUERITE

Pour très peu de temps.

MARIE

Il vaut mieux périr avec lui.

MARGUERITE

Nous ne sommes plus qu'une surface, nous ne serons plus que l'abîme.

LE MÉDECIN

Tout cela, c'est bien sa faute. Il n'a rien voulu laisser après lui. Il n'a pas pensé à ses successeurs. Après lui, le déluge. Pire que le déluge, après lui, rien. Un ingrat, un égoïste.

JULIETTE

De mortui nihil nisi bene.

Il était le roi d'un grand royaume.

MARIE

Il en était le centre. Il en était le coeur.

JULIETTE

Il en était la résidence.

LE GARDE

Le royaume s'étendait tout autour, très loin, très loin. On n'en voyait pas les bornes.

JULIETTE

Illimité dans l'espace.

MARGUERITE

Mais limité dans la durée. À la fois infini et éphémère.

JULIETTE

Il en était le prince, le premier sujet, il en était le père, il en était le fils. Il en fut couronné roi au moment même de sa naissance.

MARIE

Ils ont grandi ensemble, son royaume et lui.

MARGUERITE

Ils disparaissent ensemble.

JULIETTE

Il était le roi, maître de tous les univers.

LE MÉDECIN

Un maître contestable. Il ne le connaissait pas, son royaume.

MARGUERITE

Il le connaissait mal.

MARIE

C'était trop étendu.

JULIETTE

La terre s'effondre avec lui. Les astres s'évanouissent. L'eau disparaît. Disparaissent le feu, l'air, un univers, tant d'univers. Dans quel garde-meuble, dans quelle cave, dans quelle chambre de débarras, dans quel grenier pourra-t-on caser tout cela ? Il en faut de la place.

LE MÉDECIN

Quand les rois meurent, ils s'accrochent aux murs, aux arbres, aux fontaines, à la lune ; ils s'accrochent...

MARGUERITE

Et ça se décroche.

LE MÉDECIN

Cela fond, cela s'évapore, il n'en reste pas une goutte, pas une poussière, pas une ombre.

JULIETTE

Il emporte tout cela dans son gouffre.

MARIE

Il avait bien organisé son univers. Il n'en était pas tout à fait maître. Il le serait devenu. Il meurt trop tôt. Il avait réparti l'année en quatre saisons. Il s'était tout de même bien arrangé. Il avait imaginé les arbres, les fleurs, les odeurs, les couleurs.

LE GARDE

Un monde à la mesure du Roi.

MARIE

Il avait inventé les océans et les montagnes : près de cinq mille mètres le mont Blanc.

LE GARDE

Plus de huit mille l'Himalaya.

MARIE

Les feuilles tombaient des arbres, elles repoussaient.

JULIETTE

C'était astucieux.

MARIE

Dès le premier jour de sa naissance, il avait créé le soleil.

JULIETTE

Et ça ne suffisait pas. Il faisait faire aussi du feu.

MARGUERITE

Il y a eu les étendues sans limites, il y a eu les étoiles, il y a eu le ciel, il y a eu des océans et des montagnes, il y a eu des plaines, il y a eu des visages, il y a eu des édifices, il y a eu des chambres, il y a eu des lits, il y a eu de la lumière, il y a eu de la nuit, il y a eu des guerres, il y a eu la paix.

LE GARDE

Il y a eu un trône.

MARIE

Il y a eu sa main.

MARGUERITE

Il y a eu un regard. Il y a eu la respiration...

JULIETTE

Il respire toujours.

MARIE

Il respire encore, puisque je suis là.

MARGUERITE, *au Médecin.*

Respire-t-il encore ?

JULIETTE

Oui, Majesté. Il respire encore puisque nous sommes là.

LE MÉDECIN, *examinant le malade.*

Oui, oui, c'est évident. Il respire encore. Les reins ne fonctionnent plus, mais le sang circule. Il circule, comme ça. Il a le coeur solide.

MARGUERITE

Il faudra qu'il en vienne à bout. À quoi bon un coeur qui bat sans raison ?

LE MÉDECIN

En effet. Un coeur fou. Vous entendez ? (*On entend les battements affolés du coeur du Roi.*) Ça

part, ça va très vite, ça ralentit, ça part de nouveau à toute allure.

Les battements de coeur du Roi ébranlent la maison. La fissure s'élargit au mur, d'autres

apparaissent. Un pan peut s'écrouler ou s'effacer.

JULIETTE

Mon Dieu ! Tout va s'écrouler !

MARGUERITE

Un coeur fou, un coeur de fou !

LE MÉDECIN

Un coeur en panique. Il la communique à tout le monde.

MARGUERITE, *à Juliette.*

Cela va se calmer, bientôt.

LE MÉDECIN

Nous connaissons toutes les phases. C'est toujours ainsi lorsqu'un univers s'anéantit.

MARGUERITE, à *Marie*,

C'est bien la preuve que son univers n'est pas unique.

JULIETTE

Il ne s'en doutait pas.

MARIE

Il m'oublie. En ce moment, il est en train de m'oublier. Je le sens, il m'abandonne. Je ne suis plus rien s'il m'oublie. Je ne peux plus vivre si je ne suis pas dans son coeur affolé. Tiens bon, tiens bon. Serre tes mains de toutes tes forces. Ne me lâche pas.

JULIETTE

Il n'a plus de force.

MARIE

Cramponne-toi, ne me lâche pas. C'est moi qui te fais vivre. Je te fais vivre, tu me fais vivre. Comprends-tu ? Si tu m'oublies, si tu m'abandonnes, je ne peux plus exister, je ne suis plus rien.

LE MÉDECIN

Il sera une page dans un livre de dix mille pages que l'on mettra dans une bibliothèque qui aura un million de livres, une bibliothèque parmi un million de bibliothèques.

JULIETTE

Pour retrouver cette page, ce ne sera pas commode.

LE MÉDECIN

Mais si. Ça se retrouvera, dans le catalogue, par ordre alphabétique et par ordre des matières... jusqu'au jour où le papier sera réduit en poussière... et encore, cela brûlera certainement avant. Il y a toujours des incendies dans les bibliothèques.

JULIETTE

Il serre les poings. De nouveau il s'accroche, il résiste. Il revient à lui.

MARIE

Il revient à moi.

JULIETTE, à *Marie*.

Votre voix le réveille, il a les yeux ouverts, il vous regarde.

LE MÉDECIN

Oui, son coeur accroche encore.

MARGUERITE

Dans quel état pour un agonisant. Dans une haie d'épines. Il est dans une haie d'épines.

Comment le tirer de là ? *(Au Roi.)* Tu es enlisé dans la boue, tu es pris dans les ronces.

JULIETTE

Quand il s'en détachera, ses souliers resteront.

MARIE

Tiens-moi bien, je te tiens. Regarde-moi, je te regarde.

Le Roi la regarde.

MARGUERITE

Elle t'embrouille. Ne pense plus à elle, tu seras soulagé.

LE MÉDECIN

Renoncez, Majesté. Abdiquez, Majesté.

JULIETTE

Abdiquez donc puisqu'il le faut.

Juliette le pousse de nouveau dans son fauteuil qu'elle arrête devant Marie.

LE ROI

J'entends, je vois, qui es-tu ? Es-tu ma mère, es-tu ma soeur, es-tu ma femme, es-tu ma fille, es-tu ma nièce, es-tu ma cousine ?... Je te connais... Je te connais pourtant. *(On le tourne vers Marguerite.)* Impitoyable femme ! Pourquoi restes-tu près de moi ? Pourquoi te penches-tu sur moi ? Va-t'en, va-t'en.

MARIE

Ne la regarde pas. Tourne tes regards vers moi, tiens les yeux bien ouverts. Espère.

Je suis là.

Rappelle-toi. Je suis Marie.

LE ROI, à Marie.

Marie !?

MARIE

Si tu ne te souviens plus, regarde-moi, apprends de nouveau que je suis Marie, apprends mes yeux, apprends mon visage, apprends mes cheveux, apprends mes bras.

MARGUERITE

Vous lui faites de la peine, il ne peut plus apprendre.

MARIE, *au Roi.*

Si je ne peux pas te retenir, tourne-toi quand même vers moi. Je suis là. Garde mon image, emporte-la.

MARGUERITE

Il ne pourrait pas la traîner, il n'a pas assez de force, c'est trop lourd pour une ombre, il ne faut pas que son ombre soit écorchée par les ombres. Il s'écroulerait sous le poids. Son ombre saignerait, il ne pourrait plus avancer. Il faut qu'il soit léger. (*Au Roi.*) Débarrasse-toi, allègetoi.

LE MÉDECIN

Il doit commencer à lâcher du lest. Débarrassez-vous, Majesté.

Le Roi se lève mais il a une autre démarche, des gestes saccadés, un air déjà un peu comme un somnambule. Cette démarche somnambulique se précisera de plus en plus.

LE ROI

Marie ?

MARGUERITE, *à Marie.*

Tu vois, il ne comprend plus ton nom.

JULIETTE, *à Marie.*

Il ne comprend plus votre nom.

LE GARDE, *toujours annonçant.*

Le Roi ne comprend plus le nom de Marie !

LE ROI

Marie !

En prononçant ce nom, il peut tendre les bras, puis les laisser tomber.

MARIE

Il le prononce.

LE MÉDECIN

Il le répète sans comprendre.

JULIETTE

Comme un perroquet. Ce sont des syllabes mortes.

LE ROI, *à Marguerite, tourné vers elle.*

Je ne te connais pas, je ne t'aime pas.

JULIETTE

Il sait ce que veut dire ne pas connaître.

MARGUERITE, à *Marie*.

C'est avec mon image qu'il partira. Elle ne l'encombrera pas. Elle le quittera quand il faudra. Il y a un dispositif qui lui permettra de se détacher toute seule. En appuyant sur le déclic, cela se commande à distance. (*Au Roi.*) Vois mieux.

Le Roi se tourne du côté du public.

MARIE

Il ne vous voit pas.

MARGUERITE

Il ne te voit plus.

Marie disparaît brusquement par un artifice scénique.

LE ROI

Il y a encore... il y a...

MARGUERITE

Ne vois plus ce qu'il y a.

JULIETTE

Il ne voit plus.

LE MÉDECIN, *examinant le Roi.*

En effet, il ne voit plus.

Il a fait bouger son doigt devant les yeux du Roi ; il a pu aussi promener une bougie allumée ou un briquet ou une allumette, devant les yeux de Bérenger. Son regard ne réagit plus.

JULIETTE

Il ne voit plus. Le médecin l'a constaté officiellement.

LE GARDE

Sa Majesté est officiellement aveugle.

MARGUERITE

Il regardera en lui. Il verra mieux.

LE ROI

Je vois les choses, je vois les visages et les villes et les forêts, je vois l'espace, je vois le temps.

MARGUERITE

Vois plus loin.

LE ROI

Je ne peux pas plus loin.

JULIETTE

L'horizon l'entoure et l'enferme.

MARGUERITE

Lance ton regard au-delà de ce que tu vois. Derrière la route, à travers la montagne, par-delà la forêt que tu n'as jamais défrichée.

LE ROI

L'océan, je ne peux pas aller plus loin, je ne sais pas nager.

LE MÉDECIN

L'absence d'exercices !

MARGUERITE

Ce n'est que la façade. Va plus au fond des choses.

LE ROI

J'ai un miroir dans mes entrailles, tout se reflète, je vois de mieux en mieux, je vois le monde, je vois la vie qui s'en va.

MARGUERITE

Va au-delà des reflets.

LE ROI

Je me vois. Derrière toute chose, je suis. Plus que moi partout. Je suis la terre, je suis le ciel, je suis le vent, je suis le feu. Suis-je dans tous les miroirs ou bien suis-je le miroir de tout ?

JULIETTE

Il s'aime trop.

LE MÉDECIN

Maladie psychique bien connue : narcissisme.

MARGUERITE

Viens, approche.

LE ROI

Il n'y a pas de chemin.

JULIETTE

Il entend. Il tourne la tête quand on parle, il prête l'oreille, il tend un bras, il tend l'autre.

LE GARDE

Que veut-il saisir ?

JULIETTE

Il cherche un appui.

Depuis quelques instants, le Roi avance à l'aveuglette, d'un pas mal assuré.

LE ROI

Où sont les parois ? Où sont les bras ? Où sont les portes ? Où sont les fenêtres ?

JULIETTE

Les murs sont là, Majesté, nous sommes tous là. Voici un bras.

Juliette conduit le Roi vers la droite, lui fait toucher le mur.

LE ROI

Le mur est là. Le sceptre !

Juliette le lui donne.

JULIETTE

Le voici.

LE ROI

Garde, où es-tu ? Réponds.

LE GARDE

Toujours à vos ordres, Majesté. Toujours à vos ordres. *(Le Roi fait quelques pas vers le Garde. Il le touche.)* Mais oui, je suis là ; mais oui, je suis là.

JULIETTE

Vos appartements sont de ce côté-ci, Majesté.

LE GARDE

On ne vous abandonnera pas, Majesté, je vous le jure.

Le Garde disparaît subitement.

JULIETTE

Nous sommes là, près de vous, nous resterons là.

Juliette disparaît subitement.

LE ROI

Garde ! Juliette ! Répondez ! Je ne vous entends plus. Docteur, Docteur, suis-je devenu sourd ?

LE MÉDECIN

Non, Majesté, pas encore.

LE ROI

Docteur !

LE MÉDECIN

Excusez-moi, Majesté, je dois partir. Je suis bien obligé. Je suis navré, je m'excuse.

Le Médecin se retire. Il sort en s'inclinant, comme une marionnette, par la porte à gauche au fond. Il est parti à reculons, avec force courbettes, toujours en s'excusant.

LE ROI

Sa voix s'éloigne, le bruit de ses pas faiblit, il n'est plus là !

MARGUERITE

Il est médecin, il a des obligations professionnelles.

LE ROI, *tend les bras ;*

Juliette avant de partir devra avoir mis le fauteuil dans un coin pour ne pas gêner le jeu.

Où sont les autres ? *(Le Roi arrive à la porte de gauche premier plan puis se dirige vers la porte de droite premier plan.)* Ils sont partis, ils m'ont enfermé.

MARGUERITE

Ils t'encombraient, tous ces gens. Ils t'empêchaient d'aller, de venir. Ils se suspendaient à toi, ils se fourraient dans tes pattes. Admets-le, ils te gênaient.

Maintenant, ça ira mieux. *(Le Roi marche avec plus d'aisance.)* Il te reste un quart d'heure.

LE ROI

J'avais besoin de leurs services.

MARGUERITE

Je les remplace. Je suis la reine-à-tout-faire.

LE ROI

Je n'ai donné aucun congé. Fais-les revenir, appelle-les.

MARGUERITE

Ils ont décroché. C'est que tu l'as voulu.

LE ROI

Je n'ai pas voulu.

MARGUERITE

Ils n'auraient pas pu s'en aller si tu ne l'avais pas voulu. Tu ne peux plus revenir sur ta volonté. Tu les as laissés tomber.

LE ROI

Qu'ils reviennent.

MARGUERITE

Tu ne sais plus leur nom. Comment s'appelaient-ils ? (*Silence du Roi.*) Combien étaient-ils ?

LE ROI

Qui donc ?... Je n'aime pas qu'on m'enferme. Ouvre les portes.

MARGUERITE

Patiente un peu. Tout à l'heure, les portes seront grandes ouvertes.

LE ROI, *après un silence.*

Les portes... les portes... Quelles portes ?

MARGUERITE

Y a-t-il eu des portes, y a-t-il eu un monde, as-tu vécu ?

LE ROI

Je suis.

MARGUERITE

Ne bouge plus. Cela te fatigue.

Le Roi fait ce qu'elle lui dit.

LE ROI

Je suis... Des bruits, des échos émergent des profondeurs, cela s'éloigne, cela se calme. Je suis sourd.

MARGUERITE

Moi, tu m'entendras, tu m'entendras mieux. (*Le Roi est debout, immobile, il se tait.*) Il arrive que l'on fasse un rêve. On s'y prend, on y croit, on l'aime. Le matin, en ouvrant les yeux, deux mondes s'entremêlent encore. Les visages de la nuit s'estompent dans la clarté. On voudrait se souvenir, on voudrait les retenir. Ils glissent entre vos mains, la réalité brutale du jour les rejette. De quoi ai-je rêvé se dit-on ? Que se passait-il ? Qui embrassais-je ? Qui aimais-je ? Qu'est-ce que je disais et que me disait-on ? On se retrouve avec le regret imprécis de toutes ces choses qui furent ou qui semblaient avoir été. On ne sait plus ce qu'il y avait eu autour de soi. On ne sait plus.

LE ROI

Je ne sais plus ce qu'il y avait autour. Je sais que j'étais plongé dans un monde, ce monde m'entourait. Je sais que c'était moi et qu'est-ce qu'il y avait, qu'est-ce qu'il y avait ?

MARGUERITE

Des cordes encore t'enlacent que je n'ai pas dénouées. Ou que je n'ai pas coupées. Des mains s'accrochent encore à toi et te retiennent.

Tournant autour du Roi, Marguerite coupe dans le vide, comme si elle avait dans les mains des ciseaux invisibles.

LE ROI

Moi. Moi. Moi.

MARGUERITE

Ce toi n'est pas toi. Ce sont des objets étrangers, des adhérences, des parasites monstrueux. Le gui poussant sur la branche n'est pas la branche, le lierre qui grimpe sur le mur n'est pas le mur. Tu ploies sous le fardeau, tes épaules sont courbées, c'est cela qui te vieillit. Et ces boulets que tu traînes, c'est cela qui entrave ta marche.

(Marguerite se penche, elle enlève des boulets invisibles des pieds du Roi, puis elle se relève en ayant l'air de faire un grand effort pour soulever les boulets.) Des tonnes, des tonnes, ça pèse des tonnes.

(Elle fait mine de jeter ces boulets en direction de la salle puis se redresse allégée.) Ouf ! Comment as-tu pu traîner cela

toute une vie ! *(Le Roi essaye de se redresser.)* Je me demandais pourquoi tu étais voûté, c'est à cause de ce sac.

(Marguerite fait mine d'enlever un sac des épaules du Roi et de le jeter.) Et de cette besace. *(Même geste de Marguerite pour la besace.)* Et de ces godasses de rechange.

LE ROI, *sorte de grognement.*

Non.

MARGUERITE

Du calme ! Tu n'en auras plus besoin de ces chaussures de rechange. Ni de cette carabine, ni de cette mitraillette. *(Mêmes gestes que pour la besace.)* Ni de cette boîte

à outils. *(Mêmes gestes ; protestation du Roi.)* Ni de ce sabre. Il a l'air d'y tenir. Un vieux sabre tout rouillé. *(Elle le lui enlève bien que le Roi s'y oppose maladroitement.)*

Laisse-moi donc faire. Sois sage. *(Elle donne une tape sur les mains du Roi.)* Tu n'as

plus besoin de te défendre. On ne te veut plus que du bien ; des épines sur ton manteau et des écailles, des lianes, des algues, des feuilles humides et gluantes. Elles collent, elles collent. Je les décolle, je les détache, elles font des taches, ce n'est pas net. *(Elle fait des gestes pour décoller et détacher.)* Le rêveur se retire de son rêve. Voilà, je t'ai débarrassé de ces petites misères, de ces petites saletés. Ton manteau est plus beau maintenant, tu es plus propre. Ça te va mieux. Maintenant, marche. Donne-moi la main, donne-moi donc la main, n'aie plus peur, laisse-toi glisser, je te retiendrai. Tu n'oses pas.

LE ROI, *sorte de bégaiement.*

Moi.

MARGUERITE

Mais non ! Il s'imagine qu'il est tout. Il croit que son être est tout l'être. Il faut lui faire sortir cela de la tête. *(Puis, comme pour l'encourager.)* Tout sera gardé dans une mémoire sans souvenir. Le grain de sel qui fond dans l'eau ne disparaît pas puisqu'il rend l'eau salée. Ah, voilà, tu te redresses, tu n'es plus voûté, tu n'as plus mal aux reins, plus de courbatures. N'est-ce pas que c'était pesant ? Guéri, tu es guéri. Tu peux avancer, avance, allons, donne-moi la main. *(Les épaules du Roi se voûtent de nouveau légèrement.)* Ne courbe plus les épaules puisque tu n'as plus de fardeau... Ah, ces réflexes conditionnés, c'est tenace... Il n'y a plus de fardeau sur tes épaules, je t'ai dit. Redresse-toi. *(Elle l'aide à se redresser.)* La main !... *(Indécision du Roi.)*

Qu'il est désobéissant ! Ne tiens pas le poing serré, écarte les doigts. Que tiens-tu ? *(Elle lui desserre les doigts.)* C'est tout son royaume qu'il tient dans la main. En tout petit : des microfilms... des graines... *(Au Roi.)* Ces graines ne repousseront pas, la semence est altérée, c'est de la mauvaise graine. Laisse tomber, défais tes doigts, je t'ordonne de desserrer les doigts, lâche les plaines, lâche les montagnes. Comme ceci. Ce n'était plus que de la poussière. *(Elle lui prend la main et l'entraîne malgré, encore, une résistance du Roi.)* Viens. De la résistance encore ! Où peut-il en trouver ? Non, n'essaye pas de te coucher, ne t'assois pas non plus, aucune raison de trébucher. Je te guide, n'aie pas peur. *(Elle le guide en le tenant par la main sur le plateau.)* N'est-ce pas que tu peux, n'est-ce pas que c'est facile ? J'ai aménagé une pente douce. Plus tard elle sera plus dure, cela ne fait rien, tu auras repris des forces.

Ne tourne pas la tête pour regarder ce que tu ne pourras plus jamais voir, concentre-toi, penche-toi sur ton coeur, entre, entre, il le faut.

LE ROI, *les yeux fermés et avançant toujours tenu par la main.*

L'empire... A-t-on jamais connu un tel empire : deux soleils, deux lunes, deux voûtes celestes l'éclairent, un autre soleil se lève, un autre encore. Un troisième firmament surgit, jaillit, se déploie ! Tandis qu'un soleil se couche, d'autres se lèvent... À la fois, l'aube et le crépuscule... C'est un domaine qui s'étend par-delà les réservoirs des océans, par-delà les océans qui engloutissent les océans.

MARGUERITE

Traverse-les.

LE ROI

Au-delà des sept cent soixante-dix-sept pôles.

MARGUERITE

Plus loin, plus loin. Trotte, allons, trotte.

LE ROI

Bleu, bleu.

MARGUERITE

Il perçoit encore les couleurs. Des souvenirs colorés. Ce n'est pas une nature auditive. Son imagination est purement visuelle... c'est un peintre... trop partisan de la monochromie. *(Au Roi.)* Renonce aussi à cet empire. Renonce aussi aux couleurs. Cela t'égaré encore, cela te retarde. Tu ne peux plus t'attarder, tu ne peux plus t'arrêter, tu ne dois pas. *(Elle s'écarte du Roi.)* Marche tout seul, n'aie pas peur. Vas-y. *(Marguerite, dans un coin du plateau, dirige le Roi de loin.)* Ce n'est plus le jour, ce n'est plus la nuit, il n'y a plus de jour, il n'y a plus de nuit. Laisse-toi diriger par cette roue qui tourne devant toi. Ne la perds pas de vue, suis-la, pas de trop près, elle est embrasée, tu pourrais te brûler. Avance, j'écarte les broussailles, attention, ne heurte pas cette ombre qui est à ta droite... Mains gluantes, mains implorantes, bras et mains pitoyables, ne revenez pas, retirez-vous. Ne le touchez pas, ou je vous frappe ! *(Au Roi.)* Ne tourne pas la tête. Évite le précipice à ta gauche, ne crains pas ce vieux loup qui hurle... ses crocs sont en carton, il n'existe pas. *(Au loup.)* Loup, n'existe plus ! *(Au Roi.)* Ne crains pas non plus les rats. Ils ne peuvent pas mordre tes orteils. *(Aux rats.)* Rats et vipères, n'existez plus ! *(Au Roi.)* Ne te laisse pas apitoyer par le

mendiant qui te tend la main... Attention à la vieille femme qui vient vers toi... Ne prends pas le verre d'eau qu'elle te tend. Tu n'as pas soif. (*À la vieille femme imaginaire.*) Il n'a pas besoin d'être désaltéré, bonne femme, il n'a pas soif.

N'encombrez pas son chemin. Évanouissez-vous. (*Au Roi.*) Escalade la barrière... Le gros camion ne t'écrasera pas, c'est un mirage... Tu peux passer, passe... Mais non, les pâquerettes ne chantent pas, même si elles sont folles. J'absorbe leurs voix ; elles, je les efface !... Ne prête pas l'oreille au murmure du ruisseau. Objectivement, on ne l'entend pas. C'est aussi un faux ruisseau, c'est une fausse voix... Fausses voix, taisez-vous. (*Au Roi.*) Plus personne ne t'appelle. Sens, une dernière fois, cette fleur et jette-la. Oublie son odeur. Tu n'as plus la parole. À qui pourrais-tu parler ? Oui, c'est cela, lève le pas, l'autre. Voici la passerelle, ne crains pas le vertige.

(*Le Roi avance en direction des marches du trône.*) Tiens-toi tout droit, tu n'as pas besoin de ton gourdin, d'ailleurs tu n'en as pas. Ne te baisse pas, surtout, ne tombe pas. Monte, monte. (*Le Roi commence à monter les trois ou quatre marches du trône.*) Plus haut, encore plus haut, monte, encore plus haut, encore plus haut, encore plus haut. (*Le Roi est tout près du trône.*) Tourne-toi vers moi. Regarde-moi. Regarde à travers moi. Regarde ce miroir sans image, reste droit... Donne-moi tes jambes, la droite, la gauche. (*À mesure quelle lui donne ces ordres, le Roi raidit ses membres.*) Donne-moi un doigt, donne-moi deux doigts... trois... quatre... cinq... les dix doigts. Abandonne-moi le bras droit, le bras gauche, la poitrine, les deux épaules et le ventre. (*Le Roi est immobile, figé comme une statue.*) Et voilà, tu vois, tu n'as plus la parole, ton coeur n'a plus besoin de battre, plus la peine de respirer. C'était une agitation bien inutile, n'est-ce pas ? Tu peux prendre place.

Disparition soudaine de la reine Marguerite par la droite.

Le Roi est assis sur son trône. On aura vu, pendant cette dernière scène, disparaître progressivement les portes, les fenêtres, les murs de la salle du trône. Ce jeu de décor est très important.

Maintenant, il n'y a plus rien sur le plateau sauf le Roi sur son trône dans une lumière grise.

Puis, le Roi et son trône disparaissent également.

Enfin, il n'y a plus que cette lumière grise.

La disparition des fenêtres, portes, murs, Roi et trône doit se faire lentement, progressivement,

*très nettement. Le Roi assis sur son trône doit rester visible quelque temps avant de
sombler
dans une sorte de brume.*

RIDEAU

Paris, 15 octobre-15 novembre 1962.